



UMA HISTÓRIA DE **ASSOMBRO** PORTUGAL – JAPÃO

UMA HISTÓRIA DE
ASSOMBRO

PORTUGAL – JAPÃO
Séculos XVI-XX





UMA HISTÓRIA DE
ASSOMBRO

PORTUGAL - JAPÃO

Séculos XVI-XX

A STRIKING STORY

PORTUGAL - JAPAN

16th - 20th Centuries

29 NOV 2018 - 27 MAR 2019

GALERIA DE PINTURA DO REI D. LUÍS
PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA

PAULA ARAÚJO DA SILVA

Diretora-Geral do Património Cultural
General Director of Cultural Heritage

À Direção-Geral do Património Cultural incumbe, no âmbito das suas competências, zelar, promover e assegurar a conservação e a divulgação dos acervos dos monumentos, museus e palácios nacionais. Neste sentido, é com imensa satisfação que apresentamos esta exposição na Galeria do Rei D. Luís, no Palácio Nacional da Ajuda, que dará a conhecer e a fruir algumas peças, inéditas, deste mesmo palácio, em boa hora restauradas pelo Laboratório José de Figueiredo, bem como obras de outros museus e de coleções privadas menos conhecidas do público.

A história das relações destes dois povos é de facto única, iniciada com a chegada dos portugueses ao Japão, em 1543 – pioneiros europeus dessa viagem -, provocando espanto e maravilhamento mútuos, terror também, até hoje perpetuados nesse país em iniludíveis marcas culturais na arte, língua, culinária, religião e na história militar.

A concretização deste projeto foi possível graças ao impulso do senhor Embaixador José de Freitas Ferraz, na qualidade de Diretor do Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e à dedicação qualificada e especializada das comissárias da exposição, nomeadamente as Doutoras Alexandra Curvelo e Ana Fernandes Pinto.

Todo este processo beneficiou ainda do envolvimento entusiástico da equipa do Palácio Nacional da Ajuda e do relevante investimento mecenático da Fujitsu Technology Solutions (Portugal), por via do seu Diretor Geral, Dr. Carlos Barros, com o apoio dos seus colaboradores.

Esta exposição pretende dar a conhecer dois momentos distintos das relações luso-nipónicas: a “primeira modernidade” (séculos XVI-XVII) e o “longo reencontro” (1860-1952). Assim, percorremos o caminho desde o primeiro momento, em que aparece o Japão na cartografia europeia dos séculos XVI-XVII, até ao processo de recíproco conhecimento, em que foi fundamental a presença de mercadores e de missionários europeus nos territórios de presença portuguesa na Ásia. Dá-se destaque particular à presença dos missionários cristãos (1549-1639), sobretudo com a presença dos Padres da Companhia de Jesus, até 1593, data da entrada dos frades Franciscanos. Em 1860, após um longo interregno de relações bilaterais, o rei D. Pedro V assina o Tratado de Paz, Amizade e Comércio entre Portugal e o Japão e, logo dois anos depois, o jovem casal real, D. Luís I e D. Maria Pia de Sabóia, recebe na Sala do Trono do Palácio da Ajuda uma comitiva japonesa que visitava os países europeus com quem havia celebrado tratados. Estavam, deste modo, reiniciadas as relações entre os dois países, brindadas com várias ofertas diplomáticas, ainda hoje parte da decoração de uma das salas do Palácio Nacional da Ajuda.

Esperamos que a visita a esta exposição, bem como o catálogo que ora se publica, suscitem encantamento - “assombro” - na descoberta maior da relação de dois povos – a cultura.

The mission of the *Direção-Geral do Património Cultural* (DGPC; Directorate General for Cultural Heritage), within the framework of its competences, is to safeguard, promote and preserve Portuguese monuments, museums and national palaces, providing for the conservation and dissemination of their collections. It gives us great pleasure, therefore, to present this exhibition in the Painting Gallery of King Dom Luis I (*Galeria do Rei D. Luís*), at the Ajuda National Palace, as it offers the public the chance to know and enjoy several pieces from the Palace’s collection – restored so opportunely by Laboratório José de Figueiredo – for the first time, alongside works from other less familiar museums and private collections.

The history of the relation between these two peoples is indeed unique. The arrival of the Portuguese to Japan in 1543 – the first Europeans to do so – was but the beginning of a tale of mutual awe and wonder (as well as horror) that continues to this day and which has left indelible traces in both countries’ art, language, cuisine, religion and military history.

This project would not have been possible without the original impulse by Ambassador José de Freitas Ferraz, in his capacity as Director of the *Instituto Diplomático* of the Ministry of Foreign Affairs, and the informed and experienced commitment of the two curators, Alexandra Curvelo and Ana Fernandes Pinto.

The entire process also benefitted from the enthusiastic participation of the staff of the Ajuda National Palace and from the crucial financial patronage of Fujitsu Technology Solutions (Portugal), through their Director-General, Carlos Barros, with the support of his staff.

This exhibition aims to give visibility to two distinct moments in Luso-Japanese relations: the “first modernity” (16th-17th centuries) and the “long reunion” (1860-1952). We follow a path that takes us from the first moment, when Japan makes its appearance in the European cartography of the 16th and 17th centuries, to a process of mutual acquaintance that was driven, to a great extent, by European merchants and missionaries in the Asian territories with Portuguese presence. One must highlight the presence of Christian missionaries (1549-1639), particularly the Priests of the Society of Jesus – until 1593, when Franciscan Friars were also allowed in Japan. In 1860, after a long gap in bilateral relations, King Dom Pedro V signs the Treaty of Peace, Friendship and Commerce between Portugal and Japan. Two years later, a Japanese delegation that was visiting the European countries with which Japan had signed treaties is received in audience by the young royal couple, Dom Luís I and Dona Maria Pia of Savoy, in the Throne Hall of the Ajuda National Palace. Relations between the two countries are thus resumed, a fact celebrated with an array of diplomatic gifts, some of which are still part of the decoration of one of the rooms of the Ajuda National Palace.

We hope that the visit to the exhibition, as well as this Catalogue, may bring you a sense of wonder – and indeed “awe” – in the face of the most important discovery to emerge from the relation between these two peoples: culture.

JOSÉ ALBERTO RIBEIRO

Diretor do Palácio Nacional da Ajuda / Biblioteca da Ajuda
Director of Ajuda National Palace / Ajuda Library

O Palácio Nacional da Ajuda tem, nos seus acervos, inúmeros presentes diplomáticos provenientes das relações políticas estabelecidas entre a corte portuguesa e outras nações.

É por efeito das relações diplomáticas e, também, do gosto pessoal dos reis que aqui habitaram, que o Japão tem uma significativa presença no Palácio da Ajuda. As obras de arte nipónicas que aqui se conservam são testemunhos materiais da abertura do Japão ao mundo ocidental, a maior parte das quais a desvendar ao público pela primeira vez. A presente exposição ilustra de forma particular a chegada dos portugueses ao Japão, primeiros europeus a realizar tal feito, e o impacto – o assombro, afinal - dessa descoberta recíproca.

A proposta de uma exposição que ilustrasse as relações diplomáticas entre os dois países foi-me apresentada pelo Sr. Embaixador Freitas Ferraz, ao qual, desde logo, manifestei o maior interesse em tratar de assunto tão interessante em exposição na Galeria do Rei D. Luís, com muitas peças inéditas e com o privilégio de contar com um comissariado de grande solidez científica, nomeadamente a Prof^a Doutora Alexandra Curvelo e a Doutora Ana Fernandes Pinto.

Os meus agradecimentos à Fujitsu em Portugal por ter financiado esta iniciativa. De igual modo, é imperativo um agradecimento a toda a equipa do Palácio Nacional da Ajuda envolvida neste projeto, com especial atenção para a Dr.^a Maria José Tavares, bem como a todos os funcionários da Direção-Geral de Património Cultural que trabalharam neste projeto, com destaque para o arq.^o João Herdade, autor do projeto expositivo. Uma palavra de apreço ainda para com todos os emprestadores que nos confiaram as suas peças para esta mostra.

Espero que esta exposição, ao mostrar peças desconhecidas e novas abordagens histórico-artísticas, propicie ao público, também, um novo olhar sobre a cultura do “País de sol nascente”, da qual Portugal faz parte e, justificadamente, integra os *curricula* escolares.

In the collection of the Ajuda National Palace there are several diplomatic gifts that are the fruit of political relations between the Portuguese court and other nations.

It is because of a specific history of diplomatic relations, but also of the personal taste of the monarchs that lived here, that Japan has such a significant presence within the Palace’s walls. The Japanese artworks preserved here are material evidence of Japan’s opening to the Western world, and for the most part they are yet to be discovered by the public. The present exhibition provides a unique view of the arrival of the Portuguese to Japan, the first Europeans to accomplish this feat, and the impact – in a word, the awe – of this mutual discovery.

The plan for an exhibition that would illustrate the diplomatic relations between the two countries was first presented to me by Ambassador Freitas Ferraz. I immediately expressed a keen interest in addressing such a fascinating topic through an exhibition at the Painting Gallery of King Dom Luis I (*Galeria do Rei D. Luís*), an exhibition that would include many hitherto unseen pieces and that could rely on scientifically-solid contributions, namely by Dr. Alexandra Curvelo and Dr. Ana Fernandes Pinto.

I would like to thank Fujitsu Portugal for sponsoring this initiative. Our thanks should extend to the entire team of the Ajuda National Palace involved in this project, in particular to Maria José Tavares, as well as all the staff of the Direção-Geral de Património Cultural that worked in this project, namely Architect João Herdade, author of the exhibition design, and Laboratório José de Figueiredo for the restoration work on the armours. A final word of appreciation for all the lenders who entrusted us with their pieces for this show.

I hope this exhibition, by showing unknown pieces within the frame of new art historical approaches, will offer the public a new perspective into the culture of the “Land of the Rising Sun”, and into a history of which Portugal is an integral part, as the school *curricula* rightfully remind us.

JOSÉ DE FREITAS FERRAZ

Embaixador / *Ambassador*

Diretor do Instituto Diplomático, Ministério dos Negócios Estrangeiros

Director of the Diplomatic Institute / Ministry of Foreign Affairs

A ideia para esta exposição surgiu pela primeira vez, em Tóquio, durante a minha permanência no Japão como Embaixador de Portugal. Em meados de 2012, ao visitar o Arquivo Diplomático japonês, surgiu a possibilidade de organizarmos, em conjunto, uma mostra sobre as relações diplomáticas entre os dois países. Mais tarde, quando a Embaixadora Manuela Franco se deslocou ao Japão, aprofundámos a ideia com o Presidente da *Japan Foundation*, Senhor Hiroysu Hando.

Pouco a pouco, foi-se delineando que a exposição deveria integrar dois núcleos focando os períodos mais intensos do nosso relacionamento bilateral. Primeiro os séculos XVI e XVII, altura em que os portugueses puseram o Japão em contacto com a modernidade de então e um segundo núcleo sobre o reencontro entre os dois países em meados do século XIX - após trezentos anos de reclusão autoimposta pelos Tokugawa -, quando o Rei Dom Pedro V firmou o Tratado de Paz e Amizade entre os dois países.

A intenção inicial de inaugurar a exposição em Tóquio esbarrou na impossibilidade de encontrar um local adequado, dado haver compromissos de longo prazo já assumidos pelas mais importantes salas japonesas.

Após o meu regresso a Lisboa, conheci num evento académico sobre o Japão a Professora Alexandra Curvelo e a Doutora Ana Fernandes Pinto, que consolidaram e desenvolveram com erudição e brilhantismo o projeto inicial e desenvolveram o atual formato, sendo na realidade as principais responsáveis por esta exposição.

Os meus agradecimentos estendem-se igualmente ao Dr. Carlos Barros, Diretor-Geral da Fujitsu em Portugal, que financiou a iniciativa, bem como ao Diretor do Palácio Nacional da Ajuda, Dr. José Alberto Ribeiro.

Espero que esta mostra suscite em Portugal um acréscimo de interesse pelo Japão, país onde a memória da nossa chegada se encontra bem viva entre a população, como tantas vezes pude aí constatar durante os quatro anos da minha estadia como diplomata.

The idea for this exhibition began to take shape in Tokyo, during the period that I served as Portuguese Ambassador to Japan. Circa 2012, when I paid a visit to the Japanese Diplomatic Archive, the possibility arose of the joint organisation of an exhibition on the diplomatic relations between the two countries. Later, on the occasion of Ambassador Manuela Franco's visit to Japan, we developed the idea further, with the help of the President of the *Japan Foundation*, Mr. Hiroyasu Ando.

Gradually, we realised that the exhibition should include two distinct exhibition areas, each focusing on one of the key periods of our bilateral relationship. First, the 16th and 17th centuries, when the Portuguese brought Japan into contact with the modernity of the time; secondly, the reunion between the two countries in the mid-19th century – after three hundred years of Japanese self-imposed seclusion, under the Tokugawa – when the Portuguese king Dom Pedro V signed the Treaty of Peace and Friendship between the two nations.

The original intent to open the exhibition in Tokyo was thwarted by the inability to secure an adequate venue, due to prior long-term commitments by the main Japanese exhibition spaces.

Upon my return to Lisbon, I met Dr. Alexandra Curvelo and Dr. Ana Fernandes Pinto at an academic event on Japan, and they brought their erudition and ingenuity to the initial project, consolidating it, developing it and bringing it into its current shape. It is to them, above all, that we owe this exhibition.

I would like to extend my thanks to Carlos Barros, Managing Director of Fujitsu Portugal, which funded the initiative, as well as to the Director of the Ajuda National Palace, José Alberto Ribeiro.

I hope this exhibition will spark a greater interest in Japan among the Portuguese, as it is a country where the population retains a vivid memory of our arrival remains, as it became clear to me time and time again during the four years I spent there as a diplomat.

F U J I T S U

Pioneira na excelência do serviço em portugal

Pioneer in Service Excellence in Portugal

CARLOS BARROS

Director Geral Fujitsu Portugal
General Director Fujitsu Portugal

Com presença em Portugal há mais de 40 anos, a Fujitsu tem procurado promover os valores e as metodologias nipónicas para garantir os mais elevados padrões de qualidade dos produtos e dos serviços prestados aos seus clientes. Este ADN proveniente do Japão, da “excelência no bem servir”, transformou a Fujitsu Portugal numa empresa de referência, ao nível da inovação e da implementação de novas tecnologias nos mais variados sectores de actividade: administração pública, retalho, banca, transportes e comunicações.

Hoje, a Fujitsu Portugal conta com uma equipa de mais 1.900 colaboradores que, entre outras áreas de negócio, fornece suporte tecnológico a mais de 600.000 utilizadores, de 150 países e em 23 idiomas distintos. Estes números tornam a Fujitsu no maior empregador japonês em Portugal, responsável pela criação de mais de 1000 postos de trabalho altamente qualificados na última década.

As novas tecnologias de informação não são apenas motor de maior eficiência, são também uma força proactiva para a mudança, ajudando as organizações a identificar e a agarrar novas oportunidades. Nesse domínio, a Fujitsu lidera a transformação digital e desenvolve novas tecnologias de informação, em conjunto com os seus parceiros e clientes, em verdadeira co-criação digital. Inteligência artificial, Internet das Coisas, ou biometria, são exemplos de algumas dessas soluções em crescimento, que estão a mudar a vida das pessoas, em todo o mundo e em Portugal.

A metodologia “Sense and Respond”, que a Fujitsu implementou no nosso país, assenta numa visão Lean e de eliminação de desperdício, procurando resolver os problemas num primeiro contacto. Este foco no cliente, na excelência do serviço prestado e a aposta na inovação são também um dos legados das seculares relações Portugal - Japão, superiormente recordadas nesta exposição. Uma honrosa iniciativa do Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, sob a notável curadoria de Alexandra Curvelo e Ana Fernandes Pinto, à qual a Fujitsu se associa como mecenas.

With a presence in Portugal for over 40 years, Fujitsu has sought to promote Japanese values and methodologies to as to guarantee the highest possible level of qualities in their products and customer service. Its Japanese DNA, marked by “excellence in service”, has made of Fujitsu Portugal a leading company in matters of innovation and implementation of new technologies across a variety of sectors of activity: public administration, retail, banking, transport and communications.

Nowadays, Fujitsu Portugal has a team of over 1.900 staff members who, alongside other business areas, offer It support to over 600.000 users across 150 countries, in 23 different languages. These numbers make of Fujitsu the largest Japanese employer in Portugal, responsible for the creation of more than 1000 highly-skilled jobs in the last decade.

New information technologies are not only the engine for a greater efficiency, but they are also a proactive force for change, helping organisations to identify and seize new opportunities. Fujitsu is leading the way in the digital turn, investing in the development of new information technologies alongside its business partners and clients, in the spirit of collaboration and digital co-creation. Artificial Intelligence, the Internet of Things, and biometrics are examples of some of the emergent solutions that are already changing peoples’ lives, in Portugal and throughout the world.

The “Sense and Respond” approach that Fujitsu has implemented in our country is grounded on a Lean methodology that seeks to eliminate waste and solve problems on first contact. This focus on client needs and in the excellence of our service, alongside a continuous commitment to innovation are one of the centuries-old legacies of the relationship between Portugal and Japan that is masterfully evoked in this exhibition. It is a pleasure for Fujitsu to associate itself as a patron to this worthy initiative of the Diplomatic Institute of the Ministry of Foreign Affairs, under the distinguished curatorship of Alexandra Curvelo and Ana Fernandes Pinto.



Introdução

Introduction

pg. 14

Cronologia

Cronology

pg. 18

O Japão no Mapa-Mundo

Japan on the World Map

pg. 24

A bordo da Nau do Trato

On board the "Nau do Trato"

pg. 34

A Missão Cristã

The Christian Mission In Japan

(1549-1614)

pg. 48

A Missão Cristã

The Christian Mission In Japan

(1614-1650)

pg. 74

O Reencontro

The reunion

(1854-1900)

pg. 88

O Japão no Palácio da Ajuda

Japan in the Ajuda Palace

pg. 114

Os Diplomatas

The Diplomats

(1903-1952)

pg. 134

Revivalismo(s) "nanban"

Namban revival(s)

pg. 146

Assombro.

O projecto da exposição

AWE: the Exhibition Design

pg. 164

Bibliografia

Bibliography

pg. 170

INTRODUÇÃO

Introduction

ALEXANDRA CURVELO
(IHA, NOVA-FCSH)

ANA FERNANDES PINTO
(CHAM, NOVA-FCSH)

Foi em 2014 que o Embaixador José de Freitas Ferraz, na qualidade de Diretor do Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, nos lançou o repto de prepararmos o Guião de uma exposição relativa às relações históricas entre Portugal e o Japão.

O entusiasmo com que a proposta nos foi apresentada, a investigação que qualquer uma de nós já tinha realizado no seu campo específico de estudos luso-japoneses, e o desafio que era entrar por uma cronologia muito pouco estudada (a era pós Meiji), com vista a perspetivar na longa duração os principais momentos do relacionamento entre os dois países, levou-nos a aceitar com entusiasmo este projecto.

Com o decorrer do tempo, outras pessoas e instituições foram sendo envolvidas e possibilitaram concretizá-lo: o Palácio Nacional da Ajuda, através do seu Diretor, Dr. José Alberto Ribeiro, e respetiva equipa; a Fujitsu Technology Solutions (Portugal), por via do Diretor-geral Dr. Carlos Barros e seus colaboradores; o Laboratório José de Figueiredo, dirigido pela Dra. Gabriela Carvalho, e que conta com profissionais que fazem milagres (quase) diários.

Foram, assim, muitas as pessoas que ao longo dos últimos três anos construíram em conjunto este projecto, ajudando-nos a tornar visível e legível o conhecimento que fomos acumulando, fruto da investigação (documental, material, visual) que temos vindo a realizar ao longo de duas décadas, tanto em Portugal, como no Japão. A este saber, somam-se as experiências vividas num país que nos continua a surpreender sempre, e onde as vozes do passado se misturam com as do presente.

A palavra “assombro” que escolhemos para o título, e que foi muitas vezes discutida, pretende expressar diferentes sentimentos, perceções, estados de espírito: um enorme pasmo ou espanto; susto, terror; maravilha, portento. Todas estas emoções, sem exceção, marcaram as relações entre Portugueses e Europeus do Sul com os Japoneses. Foi assim no início da Idade Moderna (c.1543-c.1640), como é patente tanto no discurso dos missionários que trabalharam na missão japonesa e nos relatos de mercadores, como, do lado japonês, nas pinturas montadas em biombos realizadas por pintores nipónicos com a representação do Nau do Trato e da sua tripulação. Mais tarde, durante o período da Restauração Meiji (1868), que marca o final do governo militar dos Tokugawa (1603-1867) e a restituição do poder imperial, e que foi acompanhada pela modernização e abertura do Japão às potências ocidentais, altura em que se restabelece o relacionamento diplomático entre o Japão e Portugal, continua a ser o assombro uma das notas dominantes nos escritos do corpo diplomático português e, paralelamente, na forma como alguma intelectualidade nipónica olhou para o passado em comum.

Esta exposição pretende narrar visualmente estes dois momentos distintos das relações luso-nipónicas, a primeira

In 2014, Ambassador José de Freitas Ferraz, in his capacity as Director of the Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros [Diplomatic Institute of the Ministry of Foreign Affairs], challenged us to prepare the Script for an exhibition devoted to the historical relations between Portugal and Japan.

The passion with which the idea was presented to us, the ample research both of us had conducted in the specific field of Luso-Japanese studies, and the welcome challenge of exploring a period that has received very little academic attention (the post-Meiji era) with an eye towards framing the key moments of the relation between the two countries across an extended time frame, all of this together led us to take on this project with enthusiasm.

As time went by, other persons and institutions became involved in the project and helped to make it possible: the Ajuda National Palace, in the person of its Director, Dr. José Alberto Ribeiro, and his team; Fujitsu Technology Solutions (Portugal), namely General-Director Carlos Barros and his staff; Laboratório José de Figueiredo, headed by Gabriela Carvalho, whose professionals perform miracles on an almost daily basis. Over the last three years, then, a good many people came together to carry out this project, helping us to give a visible and legible shape to the knowledge that we have been accumulating over two decades of material, documental, and visual research, both in Portugal and in Japan. To this store of knowledge, one must add a wealth of experience in a country that continues to surprise us and where voices from the past mingle with present ones.

The word “awe” that we chose for the title, and which we discussed time and time again, aims to express an array of feelings, perceptions and states of mind: astonishment or bewilderment; shock, horror; a sense of marvel and wonder. Each and every one of these affects has played a part in the relations between the Japanese and the Portuguese and other Southern European peoples. This is certainly the case in the Early Modern era (c.1543-c.1640), and it comes across vividly in the discourse of the missionaries who worked in the Japanese mission or in merchants’ accounts of their travels as well as, on the Japanese side, in the paintings on folding screens in which Japanese painters depicted the *Nau do Trato* and its crew. Awe remains one of the keynotes in the context of the Meiji Restoration era (1868), which put an end to the military rule of the Tokugawa (1603-1867), restored power to the Emperor, and in which Japan’s modernization runs parallel to its opening to Western powers. As the diplomatic ties between Japan and Portugal are resumed, the sense of awe comes to the surface in the writings of Portuguese diplomats as well as in the way in which elements of the Japanese intelligentsia looked back on our common past.

modernidade (séculos XVI-XVII) e o longo reencontro (1860-1952). O primeiro momento é representado por 3 núcleos:

O Japão no mapa-mundo, num percurso que se inicia com o surgimento do Japão na cartografia europeia dos séculos XVI-XVII, momento em que o nome aparece pela primeira vez identificado com o mítico “Cipango” de Marco Polo. Foi a partir da chegada dos Portugueses ao Mar da China e da chegada ao Japão c.1543 que o arquipélago começou a ganhar contornos geográficos definidos, fruto da associação da cartografia europeia com o mapeamento territorial japonês. Ao progressivo conhecimento físico do Japão, que a Europa começou então a apreender, e que deu origem a uma produção que é mal conhecida fora do Japão – os biombos cartográficos produzidos no âmbito do Seminário de pintura que os Jesuítas abriram no arquipélago em finais do século XVI –, correspondeu também uma divulgação da respetiva cultura, sociedade e religião. **A bordo da nau do trato**, remete para o processo de mútuo conhecimento em que foi fundamental a presença de mercadores e de missionários europeus, que tinham na Nau do Trato (o *kurofune* ou “navio negro”) o elo de ligação fundamental com os territórios de presença portuguesa na Ásia e com a longínqua Europa. Neste navio, que levava a bordo uma tripulação multirracial e multilinguística, transportava-se uma carga com produtos e bens também eles originários de diversos pontos do globo, resultado de uma primeira rede comercial e de comunicação que cruzava mares e terras a nível mundial. Figura central dos biombos que representam os «Bárbaros do Sul» (*Nanban-jin*), o navio que ligava Lisboa a Goa, Macau e Japão, assim como o que seguia a bordo, eram motivo de especial curiosidade e fascínio por parte dos Japoneses. **A missão cristã no Japão** (1549-1650), centra-se na presença fixa dos missionários, sobretudo os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus, que teve o exclusivo da missão japonesa até 1593, data da entrada dos frades Franciscanos. Nenhuma presença europeia foi tão conturbada quanto esta: ao espanto e maravilhamento mútuos, patente quer nos biombos pintados, quer nos textos escritos pelos Jesuítas, de que o *Tratado* do Padre Luís Fróis é justamente o mais célebre, associava-se a desconfiança e, por vezes, o terror, de que as perseguições e os martírios foram a consequência mais evidente. É desta relação feita de diálogo, mas também de mal-entendidos e de uma tensão crescente entre o poder político japonês e a missão cristã, que resultará a expulsão dos missionários em 1614, e dos Portugueses em geral em 1639. Contudo, algumas comunidades de “Cristãos escondidos” (*senpuku kirishitan*) sobreviverão e serão encontradas já na década de 1860. A elas ficou associada uma cultura material e visual únicas e uma religiosidade original, que resulta de uma mescla das práticas e rituais cristãos com a base xintoísta e o Budismo japonês.

O longo interregno que se seguiu à expulsão, primeiro dos missionários, e depois dos portugueses, termina com o Tratado

This exhibition aims to offer a visual account of these two distinct moments in Portuguese-Japanese relations, the first modernity (16th-17th centuries) and the long reunion (1860-1952). The first moment is comprised of three sections:

Japan in the world map offers us a trajectory that begins as Japan comes to light in European cartography, in the 16th and 17th centuries, when its name is for first time matched with Marco Polo’s mythical “Cipango”. It is only from the moment the Portuguese reached the South China Sea and arrived to Japan (c.1543) that the archipelago began to take on a definite geographical shape, a fruit of the combination between European cartography and Japanese territorial mapping. Alongside a gradual physical acquaintance with Japan, which Europe began to register at the time, and which gave rise to works that are scarcely known outside of Japan – the cartographic folding screens produced in the painting School founded by the Jesuits in the archipelago, towards the end of the 16th century –, there was also a wider dissemination of the country’s culture, society and religion. **On board the nau do trato** refers to the process of mutual acquaintance in which European merchants and missionaries played a key role. The *Nau do Trato* (*kurofune* or “black ship”) appears as the vital link with other Asian territories with Portuguese presence, as well as with the remote European continent. This ship carried a multiracial and multilingual crew and a cargo of products and goods that also came from various parts of the world: it was, in this sense, the embodiment of the first commercial and communication network to cross land and sea on a global scale. A central figure in the folding screens that represent the «Barbarians from the south» (*Nanban-jin*), the ship that connected Lisbon to Goa, Macao and Japan, as well as everyone and everything it transported, were the object of intense curiosity and fascination by the Japanese. **The Christian mission in Japan (1549-1639)** is centred on the settlement of the missionaries, particularly the Priests and Brothers of the Society of Jesus, which had the exclusive hold over the Japanese mission until 1593, when the Franciscan friars are allowed to join them. No European presence was as tumultuous as this one: alongside a mutual sense of astonishment and wonder, visible in the painted folding screens or in Jesuit texts – of which Father Luís Fróis’s *Treaty* is deservedly the most famous – there was also mistrust and, at times, horror – of which the persecutions and martyrdom are the most obvious testimony. This relation, defined by an ongoing dialogue but also a series of misunderstandings and a growing tension between the Japanese political powers and the Christian mission, would lead to the expulsion of the missionaries in 1614, and the Portuguese in general in 1639. However, some communities of “hidden Christians” (*senpuku kirishitan*) survived and would be discovered in the 1860s. They possessed a singular material and visual culture to match their unique religious practice, the result of a blend of Christian

de Paz, Amizade e Comércio, assinado em 1860 pelo Rei D. Pedro V e o Imperador do Japão (Imperador Meiji, Mutsuhito). Este período do **Reencontro** marca um capítulo menos conhecido e divulgado das relações entre o Japão e Portugal, que tem uma base documental e material riquíssimas, que atestam, desde o primeiro momento, o assombro de Portugal por um Japão obrigado a abrir-se ao exterior. Os ecos das embaixadas enviadas pelos dois reinos, antecedidas por missivas e acompanhadas por presentes, podem ser encontrados nos Arquivos portugueses, com destaque para o Arquivo Histórico Diplomático, e a colecção do Palácio Nacional da Ajuda, de que a armadura e a sela que se expõem agora pela primeira vez é um exemplo espantoso. Associa-se neste sub-núcleo a museografia renovada da “Sala chinesa” do Palácio da Ajuda, que integra uma série de elementos japoneses, espelhando bem um gosto de época e a redescoberta do Japão pela Europa de meados do século XIX.

Os Diplomatas (1903-1952) é o tema central de um sub-núcleo que se constrói com base numa documentação que dá eco da impressão que o Japão causou no corpo diplomático português, que nos permite analisar a perceção da evolução do protagonismo nipónico na geopolítica internacional, assim como a construção do novo relacionamento entre os dois países, em parte assente na diplomacia cultural.

Após a Restauração Meiji, e num período de reforma interna e de um novo olhar sobre o seu passado histórico, a memória da presença portuguesa no Japão foi retrabalhada por uma série de académicos japoneses, de que se destacam nomes como os de Shinmura Izuru (1876-1967), assim como de colecionadores como Yoshio Kitamura, que veio a fundar o Museu Namban Bunkakan, em Osaca, em 1968, e Hajime Ikenaga, cuja colecção de arte *nanban* integra hoje o Museu de Kobe, e de historiadores de arte de que se destaca o nome de Yoshitomo Okamoto, que manteve contacto com o corpo diplomático português em Tóquio. Em simultâneo, surgem também objetos inspirados pelos artefactos fabricados nos séculos XVI e XVII, de que os biombos *nanban* com representação dos *nanban-jin* ou «Bárbaros do Sul» são talvez os mais eloquentes. **Revivalismo(s) Nanban** é o título da última secção da exposição, que termina com o contexto da Exposição do Mundo Português em 1940 e as imagens dos biombos *nanban* com representação do navio negro e dos sul-europeus. Estes, porém, só viriam a integrar a colecção do Museu Nacional de Arte Antiga nos anos que se seguiram à II Guerra Mundial, que marcam o fechar de um ciclo em que, de novo, o espanto prevaleceu.

practices and rituals, elements from the Shinto belief system and Japanese Buddhism.

The extended interregnum that followed the expulsion of the missionaries and later the Portuguese comes to an end with the Treaty of Peace, Friendship and Commerce, signed in 1860 by King *Dom* Pedro V and the Emperor of Japan (Emperor Meiji, Mutsuhito). This period is a virtually unknown and unexamined chapter in the relations between Japan and Portugal, of which nonetheless there remains a wealth of documentary and material evidence. These documents register the sense of awe felt by the Portuguese in the face of a Japan that was then opening out to the outside world. The echoes from the missions sent by the two kingdoms, preceded by letters and accompanied by gifts, can be found in Portuguese archives, especially in the Archive of the Diplomatic Institute (*Instituto Diplomático*), and in the collection of the Ajuda National Palace, of which the armour and saddle that are now exhibited for the first time is an extraordinary example. This sub-section also includes renewed museography on the “Chinese room” of the Ajuda Palace, which includes a series of Japanese elements that are a clear reflection of the of the rediscovery of Japan in the mid-19th century and of the dominant taste of the period.

The Diplomats (1903-1952) are at the centre of a sub-section that is built around documentary material through which we can discern the impression that Japan left on the Portuguese diplomatic corps, which in turn enables us to examine the evolution of the Japanese role in international geopolitics, as well as the construction of the new relation between the two countries, partly on the basis of cultural diplomacy.

After the Meiji Restoration, in a period of internal reforms and a new perspective on the country’s historical past, the memory of the Portuguese presence in Japan was revisited by a number of Japanese scholars, among which Shinmura Izuru (1876-1967), collectors such as Yoshio Kitamura – who founded the Namban Bunkakan Museum in Osaka, in 1968 – and Hajime Ikenaga – whose collection of *Namban* art now integrates the Kobe Museum – as well as art historians, namely Yoshitomo Okamoto – who was in close contact with the Portuguese diplomatic corps in Tokyo. In that same period, objects inspired by the artefacts produced in the 16th and 17th centuries also begin to emerge, of which the *Namban* folding screens depicting the *nanban-jin* or «Barnarians from the south» are perhaps the most eloquent examples. **Revivalism(s)** is the title of the last section of the exhibition, which ends with the Portuguese context for the 1940 Portuguese World Exhibition and images of Namban folding screens representing the black ships and Southern European people. These pieces, however, would only integrate the collection of the Museu Nacional de Arte Antiga after World War II, which signal the end of a cycle in which awe, once again, was the keynote.

Cronologia

1542/43: Desembarque dos Portugueses na ilha de Tanegashima, no Japão.

1544: Consolidação do comércio luso-nipónico, com os comerciantes portugueses autorizados a frequentar os portos de Satsuma e Bungo.

1549: Chegada de São Francisco Xavier ao Japão (Kagoshima), no dia 15 de Agosto.

1550: Mercadores portugueses aportam a Hirado, no Japão.

1551: S. Francisco Xavier é o primeiro europeu a visitar Quioto e em Portugal são impressas as primeiras cartas escritas por S. Francisco Xavier no Japão. Cosme de Torres é indigitado como superior da missão do Japão.

1552: Desembarque em Goa de uma embaixada enviada por Ôtomo Yoshishige, *daimyō* de Bungo. Morte de S. Francisco Xavier em Sanchuão.

1552-1557: Fixação dos portugueses em Macau [fontes chinesas sugerem os anos 1549-1553].

1554: Goa envia uma embaixada a Bungo. Bernardo, um japonês convertido, é admitido na Companhia de Jesus em Portugal.

1555: Bernardo é o primeiro japonês a visitar Roma. Fundação de um hospital e de uma misericórdia em Funai (Oita).

1556: São admitidos os primeiros japoneses na Companhia de Jesus no Japão: Paulo de Bungo e Lourenço. Os missionários são expulsos de Yamaguchi e Funai (Oita) torna-se então o principal centro da missão.

1558: Expulsão dos missionários de Hirado, embora aos comerciantes provenientes de Macau seja concedida autorização para continuar a visitar este porto.

1559: Fundação da primeira missão cristã na ilha de Hōnshu, em Quioto, pelo padre Gaspar Vilela.

1560: Instalação dos jesuítas em Macau.

1560-63: Gaspar Vilela em Quioto e Sakai.

1561: Primeiros contactos estabelecidos entre os Jesuítas e Ômura Sumitada.

1562: Aliança entre Oda Nobunaga e Tokugawa Ieyasu. Yokoseura, no litoral de Ômura, passa a ser visitado por negociantes portugueses.

1563: Ômura Sumitada torna-se o primeiro *daimyō* cristão.

1564: Luís Fróis dirige a Missão jesuíta no Japão. Cerca de 150,000 convertidos.

1565: Missionários expulsos de Quioto.

1570: Francisco Cabral nomeado novo superior da missão japonesa.

1571: Nagasáqui passa a ser o porto preferencial do comércio sino-nipónico, papel que acumula com o de principal centro missionário do país.

1575: Batalha de Nagashino, com ampla utilização das armas de fogo, que dá a vitória a Oda Nobunaga, o primeiro dos três unificadores do Japão.

1576: O *daimyō* Arima Yoshisada, recebe o baptismo.

1578: Ôtomo Yoshishige, *daimyō* de Bungo, recebe o baptismo.

1579: Alessandro Valignano visita pela primeira vez o Japão.

1580: Doação/cedência de Nagasáqui aos Jesuítas por Ômura Sumitada. Criação dos primeiros seminários jesuítas no Japão. Chegada de navios ingleses a Hirado.

1581: A missão do Japão é elevada a vice-província. Gaspar Coelho é o primeiro vice-provincial. Estabelecimento da primeira missão jesuíta na China.

1582: Partida da embaixada dos enviados dos *daimyō* de Kyūshū a Roma. Assassinato de Oda Nobunaga, o que desencadeou a batalha de Yamazaki, ganha pelo fiel general de Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi, que se torna o seu sucessor político.

1585: Toyotomi Hideyoshi nomeado *kampaku* (regente imperial). A embaixada dos *daimyō* de Kyūshū visita Roma. A Santa Sé promulga o breve *Ex pastoralis officio* que atribui o exclusivo da missionação do Japão aos jesuítas do Padroado Português do Oriente.

1587: Promulgação do primeiro édito anti-cristão. Nagasáqui passa para a dependência directa do poder central.

1590: Regresso da embaixada japonesa enviada à Europa, que desembarca em Nagasáqui juntamente com Alessandro Valignano.

Pedro Gomes torna-se no novo vice-provincial.

1591: Toyotomi Hideyoshi recebe a embaixada encabeçada por Valignano. Os jesuítas instalam a primeira tipografia no Japão.

1592: Nagasáqui passa a ter o estatuto de cidade imperial. Invasão da Coreia pelos exércitos de Hideyoshi. O dominicano Juan Cobo entra no Japão sendo recebido por Toyotomi Hideyoshi.

1593: Entrada dos primeiros franciscanos espanhóis, provenientes das Filipinas, no Japão, recebendo autorização de Toyotomi Hideyoshi para aí se estabelecerem.

1597: Expulsão dos franciscanos do Japão, na sequência do incidente com o San Felipe. Primeiro martírio de vinte seis cristãos em Nagasáqui por ordem de Hideyoshi.

1598: Morte de Hideyoshi. Franciscanos readmitidos no Japão.

1600: Autorização pela Santa Sé da entrada das ordens mendicantes no Japão, desde que o façam utilizando as rotas portuguesas. Naufágio do Liefde, o primeiro navio holandês a chegar ao Japão. Will Adams recebido por Tokugawa Ieyasu em Osaca. Ieyasu obtém a hegemonia militar sobre o país com a vitória da Batalha de Sekigahara. Francisco Pasio é o novo vice-provincial.

1602: Os missionários agostinhos entram no Japão.

1603: Tokugawa Ieyasu nomeado *shōgun*.

1605: Resignação de Ieyasu, que passa a utilizar o título de *ōgasho*, ie *shōgun* retirado, passando o título de *shōgun* para o seu filho, Hidetada.

1608: A Santa Sé abre a missão do Japão a todos os missionários.

1609: Os Holandeses estabelecem uma feitoria em Hirado.

1612: Decretos que proibem o Cristianismo no Japão.

1613: Chegada dos primeiros ingleses ao Japão e fundação da feitoria inglesa em Hirado.

1613-1620: Início da embaixada de Hasekura Tsunenaga em nome do *daimyō* Date Masamune a Roma, por via do México.

1614: Édito de expulsão de todos os religiosos do Japão. Macau torna-se o novo centro coordenador da actividade missionária dos jesuítas no Japão.

1616: Morte de Tokugawa Ieyasu. Todos os navios estrangeiros, com exceção dos chineses, ficam restringidos aos portos de Nagasáqui e de Hirado.

1621: Promulgação de éditos por parte do xogunato proibindo a realização de viagens ultramarinas, a construção de navios aptos para rotas de médio e longo curso e a exportação de armas.

1622: Martírio de cinquenta e cinco cristãos em Nagasáqui.

1623: Retirada de Hidetada como *shōgun*, sucedendo-lhe Iemitsu. Encerramento da feitoria inglesa em Hirado e fim da presença britânica no Japão. Os portugueses são proibidos de residirem numa base permanente em Nagasáqui. Corte das relações hispano-nipónicas.

1624: O Japão corta relações com as Filipinas e expulsa os espanhóis do país.

1632: Morte de Tokugawa Hidetada.

1633: Édito I do *sakoku*, que restringe severamente o comércio ultramarino japonês, assim como as viagens marítimas, proibindo o regresso de japoneses que se tivessem estabelecido no estrangeiro.

1634: Início da construção da ilha artificial de Deshima, na baía de Nagasáqui. Édito II do *sakoku*.

1635: Édito III do *sakoku*.

1636: Os comerciantes portugueses ficam restringidos a Deshima. Édito IV do sakoku.

1638: Revolta de Shimabara.

1639: Édito final do *sakoku*, com a proibição imposta aos navios portugueses de visitarem os portos japoneses e a abolição total do comércio entre o Japão e domínios católicos.

1640: Envio de uma embaixada portuguesa ao Japão a partir de Macau, que termina com a execução de todos os enviados. Estabelecimento de uma inquisição anti-cristã imposta pelo xogunato, tendo Inoue Chikugo no Kami como primeiro executor.

1643: Última tentativa de introdução clandestina de missionários no Japão.

1644: D. João IV envia uma embaixada ao Japão comandada por Sequeira de Sousa.

1647: Chegada da embaixada portuguesa ao Japão, recebendo ordens imediatas de retirada.

1853: A esquadra do comodoro Perry fundeia na baía de Tóquio, intima o Japão a restabelecer as relações com o Ocidente.

1854: Assinatura de Tratado de Paz e Comércio com os Estados Unidos da América e com a Grã-Bretanha.

1860: Assinatura do Tratado de Paz, Amizade e Comércio com Portugal. O José Loureiro é nomeado côsul de Portugal em Kanagawa.

1862: Embaixada Japonesa recebida em Lisboa pelo rei D. Luís I.

1862: Isidoro Guimarães, Visconde da Praia Grande de Macau, acreditado Ministro de Portugal, o primeiro no Japão, não residente.

1865: O missionário francês Bernard Petitjean é visitado por um grupo de japoneses que se afirma cristão.

1868: Restauração Meiji, o governo do Japão é entregue ao Imperador.

1873: É definitivamente banido o édito que proibia o Cristianismo.

1894: Início da Primeira Guerra Sino-Japonesa.

1899: Venceslau de Moraes nomeado côsul de Kobe e Osaca.

1889: Promulgada a primeira Constituição do Japão.

1890: Convocação da primeira Dieta Imperial, eleita pelo povo. São revogados os Tratados desiguais com as potências ocidentais.

1897: Novo Tratado de Comércio e Navegação celebrado entre Portugal e o Japão.

1903: José Batalha de Freitas entrega credenciais como Ministro Plenipotenciário no Japão, o primeiro residente no Japão.

1904: Início da Guerra Russo-Nipónica.

1912: Venceslau de Moraes é nomeado Côsul-Geral de Portugal.

1914: César de Sousa Mendes assume a gerência da Legação em Tóquio, na qualidade de Primeiro Secretário.

1918: Gerência da Legação de Portugal entregue a E. L. Chermont, Ministro do Brasil.

1919: Fernão Botto Machado toma posse da Legação na qualidade de Ministro Plenipotenciário.

1921: Gerência da Legação de Portugal entregue a E. L. Chermont, Ministro do Brasil.

1925: José da Costa Carneiro apresenta credenciais como Ministro Plenipotenciário no Japão.

1926: Antero Carreira de Freitas nomeado 3º secretário da Legação de Tóquio.

1930: Justino de Montalvão Coelho toma posse como Ministro Plenipotenciário em Tóquio.

1931: Valdemar Araújo é transferido de Pequim para a Legação em Tóquio, na qualidade de 2º Secretário.

1933: Valdemar Araújo fica responsável da Legação na ausência do Ministro Justino Montalvão.

1934: Tomás Ribeiro de Melo apresenta credenciais como Ministro Plenipotenciário em Tòquio.

1937: Início da segunda Guerra Sino-Japonesa.

Antero Carreira de Freitas é transferido de Pequim e assume a gerência da Legação de Portugal em Tóquio em face da partida do Ministro Tomás Ribeiro de Melo.

1939: Início da Segunda Guerra Mundial. Neutralidade portuguesa respeitada em Macau.

1940: Luís Esteves Fernandes, promovido a Ministro Plenipotenciário, apresenta credenciais em Tòquio.

1942: Ocupação de Timor Leste por forças japonesas.

1946: Alberto Franco Nogueira assume a Legação de Portugal em Tóquio, *ad interim*.

1949: Queda do regime nacionalista de Chiang Kai-shek, estabelecimento da República Popular da China. Albano Pires Fernandes Nogueira assume funções da Legação em Tóquio, na qualidade de Primeiro Secretário, *ad interim*.

1952: Virgílio Armando Martins assume a gerência da Legação em Tóquio, *ad interim*.

Cronology

1542/43: The Portuguese land at Tanegashima island, Japan.

1544: Consolidation of the Portuguese-Japanese trade, as Portuguese merchants are authorised to trade in the ports of Satsuma and Bungo.

1549: Saint Francis Xavier arrives in Kagoshima, Japan, on August 15.

1550: Portuguese merchants anchor at Hirado, Japan.

1551: Saint Francis Xavier is the first European to visit Kyoto; the first letters written by Saint Francis Xavier in Japan are printed in Portugal. Cosme de Torres is appointed superior of the Japanese mission.

1552: An embassy sent by Ōtomo Yoshishige, *daimyō* of Bungo lands at Goa. Death of Saint Francis Xavier in Shangchuan.

1552-1557: The Portuguese settle in Macao [Chinese sources suggest the years 1549-1553].

1554: Goa sends an embassy to Bungo. Bernardo, a Japanese convert, is accepted into the Society of Jesus in Portugal.

1555: Bernardo is the first Japanese person to visit Rome. Foundation of a hospital and *Misericórdia* (Holy House of Mercy) in Funai (Oita).

1556: Paulo of Bungo and Lourenço are the first Japanese to be admitted into the Society of Jesus in Japan. The missionaries are expelled from Yamaguchi; Funai (Oita) becomes the main mission centre.

1558: Expulsion of the Hirado missionaries, although merchants coming from Macao are still allowed to visit the port.

1559: Foundation of the first Christian mission in Hōnshu island, in Kyoto, by Father Gaspar Vilela.

1560: The Jesuits settle in Macao.

1560-63: Gaspar Vilela in Kyoto and Sakai.

1561: First contacts between the Jesuits and Ōmura Sumitada.

1562: Alliance between Oda Nobunaga and Tokugawa Ieyasu. Yokoseura, on the Ōmura coastline, is now on the trade route of Portuguese merchants.

1563: Ōmura Sumitada becomes the first Christian *daimyō*.

1564: Luís Fróis heads the Jesuit mission in Japan. Around 150,000 converts.

1565: Missionaries expelled from Kyoto.

1570: Francisco Cabral is appointed superior of the Japanese mission.

1571: Nagasaki becomes the main trading port in the Sino-Japanese trade, as well as the country’s key missionary centre.

1575: Battle of Nagashino. Widespread use of firearms turns the battle in favour of Oda Nobunaga, the first of the three unifiers of Japan.

1576: *Daimyō* Arima Yoshisada is baptised.

1578: Ōtomo Yoshishige, *daimyō* of Bungo, is baptised.

1579: Alessandro Valignano visits Japan for the first time.

1580: Ōmura Sumitada donates/cedes Nagasaki to the Jesuits. Settlement of the first Jesuits seminars in Japan. English ships arrive at Hirado.

1581: The mission in Japan is granted vice-provincial status. Gaspar Coelho is the first Vice-provincial. First Jesuit mission in China.

1582: Departure of the embassy of the Kyūshū *daimyō* envoys to Rome. Assassination of Oda Nobunaga, which leads to the battle of Yamazaki, won by general Hideyoshi, loyal to Nobunaga. Toyotomi Hideyoshi becomes Nobunaga’s political successor.

1585: Toyotomi Hideyoshi is appointed *kampaku* (imperial regent). The Kyūshū *daimyō* embassy visits Rome. The Holy See issues the brief *Ex pastoralis officio*, which grants exclusive rights to the Catholic mission in Japan to the Portuguese Patronage of the East (*Padroado Português do Oriente*).

1587: Enactment of the first anti-Christian edict. Nagasaki comes under the direct rule of the central power.

1590: Return of the Japanese embassy sent to Europe, which lands at Nagasaki with Alessandro Valignano. Pedro Gomes becomes the new Vice-provincial.

1591: The delegation headed by Valignano is received in audience by Toyotomi Hideyoshi. The Jesuits create the first typography in Japan.

1592: Nagasaki is granted the status of imperial city. Invasion of Korea by Hideyoshi’s army.

The Dominican Juan Cobo enters Japan and is received in audience by Toyotomi Hideyoshi.

1593: The first Spanish Franciscan friars, coming from the Phillipines, arrive to Japan. Hideyoshi grants them permission to settle in the country.

1597: Expulsion of Franciscans from Japan, following the *San Felipe* incident. First martyrdom of twenty-six Christians in Nagasaki, by order of Toyotomi Hideyoshi.

1598: Death of Hideyoshi. Franciscans readmitted in Japan.

1600: The Holy See allows Mendicant Orders to enter Japan, as long as they do so by Portuguese routes. The Liefde, the first Dutch ship to reach Japan, sinks. William Adams is received in audience by Tokugawa Ieyasu in Osaka. Ieyasu gains military hegemony in the country with his victory in the Battle of Sekigahara. Francisco Pasio is the new Vice-provincial.

1602: Agustinian missionaries enter Japan.

1603: Tokugawa Ieyasu is appointed *shōgun*.

1605: Ieyasu abdicates in favour of his son, Hidetada, who becomes *shogun*. Ieyasu bears the title of *ōgoshi* “retired *shōgun*”.

1608: The Holy See opens the mission in Japan to all missionaries.

1609: The Dutch establish a trading post in Hirado.

1612: Decrees prohibiting Christianity in Japan are issued.

1613: The first English merchants arrive to Japan; English trading post is established in Hirado.

1613-1620: Departure of the embassy of Hasekura Tsunenaga, in the name of *daimyō* Date Masamune, to Rome, by way of Mexico.

1614: Edict expelling all clerics from Japan.

Macao becomes the new centre for missionary activity for Jesuits in Japan.

1616: Death of Tokugawa Ieyasu. All foreign ships, except for Chinese ones, are confined to the ports of Nagasaki and Hirado.

1621: The shogunate issues edicts that prohibit overseas travel, the construction of ships for long and mid-range distance travel and arms export.

1622: Martyrdom of fifty-five Christians in Nagasaki.

1623: Hidetada abdicates, and his son, Iemitsu, becomes shōgun. Closure of the English trading post in Hirado and the end of British presence in Japan. The Portuguese are barred from permanent residence in Nagasaki. Spanish-Japanese relations are severed.

1624: Japan severs all ties with the Phillipines and expels the Spanish.

1632: Death of Tokugawa Hidetada.

1633: I *Sakoku* Edict, severely restricting Japanese overseas trade, as well as sea journeys, forbidding the return of any Japanese who had settled abroad.

1634: The Deshima artificial island starts being built in the Nagasaki bay. II *Sakoku* Edict.

1635: III *Sakoku* Edict.

1636: Portuguese merchants are confined to Deshima. IV *Sakoku* Edict.

1638: Shimabara Rebellion.

1639: Final *Sakoku* Edict, prohibiting Portuguese vessels from visiting Japanese ports and total abolition of trade between Japan and Catholic territories.

1640: A Portuguese embassy is sent to Japan from Macao, and all the emissaries are executed. Establishment of a Christian inquisition by the Shogunate, with Inoue Chikugo No Kami as grand inquisitor.

1643: Final attempt to introduce missionaries into Japan clandestinely.

1644: King *Dom* João IV sends an embassy to Japan, headed by Sequeira de Sousa.

1647: Portuguese embassy to Japan arrives and is ordered to leave at once.

1853: Commodore Perry’s fleet anchors in the Tokyo bay, and he demands that Japan reopens relations with the West.

1854: Signature of the Treaty of Peace and Commerce with the United States of America and Great Britain.

1860: Signature of Treaty of Peace, Friendship and Commerce with Portugal. José Loureiro is appointed Consul for Portugal in Kanagawa.

1862: Japanese embassy is received in audience in Lisbon, by King Dom Luís I.

1862: Isidoro Guimarães, Viscount of Praia Grande de Macau, becomes the first non-resident Minister of Portugal in Japan.

1865: The French missionary Bernard Petitjean is visited by a group of Japanese who claim to be Christian.

1868: Meiji Restoration: the Emperor is Head of State.

1873: The Edict that banned Christianity is definitively revoked.

1894: Beginning of the first Sino-Japanese War. **1899**: Venceslau de Morais is appointed Consul in Kobe and Osaka.

1889: The I Japanese Constitution is promulgated.

1890: The Imperial Diet, elected by popular vote, convenes for the first time. Uneven treaties with Western Powers are revoked.

1897: Portugal and Japan sign a new Treaty of Commerce and Navigation.

1903: José Batalha de Freitas, the first Portuguese diplomat to reside in Japan, presents his credentials as Minister Plenipotentiary.

1904: Outbreak of the Russo-Japanese War. **1912**: Venceslau de Morais is appointed Portuguese Consul-General.

1914: César de Sousa Mendes heads the Tokyo Legation, as First Secretary.

1918: E. L. Chermont, Minister of Brazil, is put in charge of the Portuguese Legation.

1919: Fernão Botto Machado heads the Legation, taking office as Minister Plenipotentiary.

1921: E. L. Chermont, Minister of Brazil, is put in charge of the Portuguese Legation.

1925: José da Costa Carneiro presentes his letter of credence as Minister Plenipotentiary.

1926: Antero Carreira de Freitas is appointed Third Secretary of the Tokyo Legation.

1930: Justino de Montalvão Coelho takes office as Minister Plenipotentiary in Tokyo.

1931: Valdemar Araújo is transferred from Beijing to the Tokyo Legation, where he takes office as Second Secretary.

1933: Valdemar Araújo is put in charge of the Legation in the absence of the Minister Justino Montalvão.

1934: Tomás Ribeiro de Melo presents his credentials as Minister Plenipotentiary in Tokyo.

1937: Outbreak of the second Sino-Japanese War. Antero Carreira de Freitas is transferred from Beijing and takes charge of the Portuguese Legation in Tokyo following the departure of Minister Tomás Ribeiro de Melo.

1939: beginning of World War II. Portuguese neutrality respected in Macao.

1940: Luís Esteves Fernandes, promoted to Minister Plenipotentiary, presents his credentials in Tokyo.

1942: Occupation of East Timor by Japanese forces.

1946: Alberto Franco Nogueira takes charge of the Portuguese Legation in Tokyo, *ad interim*.

1949: Fall of Chiang Kai-shek’s nationalist regime; The People’s Republic of China is established. Albano Pires Fernandes Nogueira takes office as First Secretary, *ad interim*, in the Portuguese Legation in Tokyo.

1952: Virgílio Armando Martins takes charge of the Portuguese Legation in Tokyo, *ad interim*.



O Japão no Mapa-Mundo

Japan on the world map

ALEXANDRA CURVELO

Numa passagem do *De Misione Legatorum Iaponesium* (Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana), obra publicada em Macau em 1590 durante o regresso ao Japão de quatro jovens nipónicos enviados pelos Jesuítas à Cúria Romana, podemos ler o seguinte excerto:

“«LINO – É sem dúvida agradabilíssima à vista esta figura do orbe, mas pergunto-te onde está pintado o nosso Japão.

MIGUEL – Com o nome de Japão costumamos abranger todas as ilhas que vês colocadas em face do reino da China, as quais juntamente com ela pertencem à Ásia.

LEÃO – Hum! O nosso Japão ficou limitado a tão breve espaço? Isto me basta para concluir com que facilidade os estrangeiros disparatam naquilo que lhes é alheio. Por isso acontece que eu sinto que a observação deste erro me fez perder grande parte do prazer que eu experimentava ao observar esta figura.

MIGUEL – Não digas que o erro está na figura, Leão, mas em nós. (...) Ora, para vos fazer perder, aos poucos, essa falsa opinião, lança os olhos para aquelas ilhas, que, não sendo menor em tamanho que as japonesas, aqui todavia estão circunscritas a brevíssimos limites. (...)

LEÃO – Da razão que deste, bem compreendo que a verdade da medida é sempre a mesma, embora haja variedade na indicação do espaço da imagem, e daqui resulta que às vezes toda a terra é apresentada numa grande figura, outras vezes numa pequena»”¹.

Esta breve passagem testemunha que a transmissão e a receção do conhecimento geográfico e da nova imagem do mundo no final do século XVI levantaram uma série de questões e por vezes estiveram na origem de abordagens específicas, resultando numa adaptação do próprio discurso, tanto a nível literário, como visual. O excerto do *De Misione* é revelador disso mesmo: para que fosse possível perceber a dimensão dos diversos reinos asiáticos, cujo tamanho podia ser associado, numa leitura imediata, à sua importância política e cultural, era necessário estabelecer comparações – tanto textuais como pictóricas –, com outras regiões do mundo. Tratava-se, também, de explicar (relativizando) a escala física projetada nos mapas face à relevância de cada reino ou região. Embora o Japão surgisse menor do que a Península Itálica, quando ambos eram colocados ao lado da China não pareciam ínfimos? Mas haveria dúvidas sobre a magnificência e poder de um e de outro território? E não era a China, o “Reino do Meio”, central no mundo conhecido pela Ásia do início da Idade Moderna? Então como justificar que nos mapas-múndi

In a passage from *De Misione Legatorum Iaponesium... Dialogus* (a Dialogue on the Japanese Ambassadors’ Mission to the Roman Curia), a work printed in Macao in 1590, as four young Japanese legates make their way back to Japan after being sent by the Jesuits to visit the Roman Curia, we read:

“«LINO – This figure of the orb is undoubtedly most easy on the eye, but may I ask you where our Japan is depicted.

MIGUEL – We use the name Japan to designate all of the islands you see facing the kingdom of China, and they all belong to Asia.

LEÃO – Hmm! Our Japan is confined to such a meagre space? That is enough for me to conclude how easily foreigners talk nonsense about things of which they know nothing. It so happens, then, that looking at this error means that a great deal of the pleasure I felt contemplating this figure is now lost to me.

MIGUEL – Do not say that the error lies in the figure, Leão, but rather in us. (...) Well, as an attempt to make you gradually let go of your false impression, cast your eyes on those islands, which, though no smaller than the Japanese ones, are nonetheless confined to such strict limits (...)

LEÃO – From the point you made, I now realise that that the measure’s truth remains unchanged, even though there is variety in how the space of the image is marked, which means that at times the whole earth appears as a large figure, while at others as only a small one»”¹.

This brief passage offers some evidence as to how the transmission and reception of geographical knowledge and of a new image of the world towards the end of the 16th century raised a series of fundamental questions. At times, it also generated particular approaches, leading to shifts in discourse itself, in a wider sense – that is to say, both on the literary and visual planes. The excerpt from *De Misione* is revealing on this matter: to understand the dimension of the various Asian kingdoms, whose size could be read, at first glance, as a measure of their respective political and cultural importance, one needed to draw comparisons – both textual and pictorial –, with other regions of the world. It was also a matter of explaining (and thereby putting into perspective) the physical scale projected onto the maps in relation to the perceived relevance of each kingdom or region. Even though Japan appeared smaller than then Italian peninsula, where they not both minuscule when compared to China? Did this cast any doubt as to the magnificence and power of either of these territories? Moreover, was not China, the “Middle

impressos na Europa e divulgados na China e no Japão, este enorme reino surgisse nas margens e não no centro da projeção? Uma das soluções foi a encontrada por Matteo Ricci (1552-1610) e os *literati* chineses com quem este jesuíta trabalhou em Pequim, e pode ser observada no célebre mapa-mundo de 1602, em que a projeção é centrada no Pacífico, colocando a China e o Japão numa posição central e a Europa numa das extremidades².

Porém, este excerto do *De Missione* convoca igualmente um dado que é poucas vezes tido em conta quando se analisa a evolução do conhecimento cartográfico neste período: conceitos como “Europa”, “China” ou “Japão” não eram de forma alguma evidentes para as elites científicas e culturais europeias e asiáticas. Eram termos a que se tentava associar conceitos geográficos tangíveis através de um conhecimento acumulado localmente durante centenas de anos³.

O período que medeia os anos de 1542-1543 a 1590, ou seja, desde o desembarque dos primeiros portugueses na ilha de Tanegashima, à publicação em Macau do *De Missione*, corresponde ao momento em que o mítico Zipangu / Cipango a que Marco Polo aludiu no *Milione*, deu lugar ao Iapam / Japão.

A palavra Zypangu ou Cipangu é uma corruptela de Ji-pen-kouo ou “País do Sol Nascente”, termo empregue pelos Chineses para designar o Japão, tendo sido António Galvão (?-1557) e Diogo do Couto (Lisboa, c.1542- Goa, 1616) os dois primeiros portugueses a relacionarem as duas expressões⁴. O processo de correlação entre os dois termos no campo da cartografia foi lento e de modo algum pode ser centrado exclusivamente no território europeu. O Zipangu, ou as ilhas da prata, surge em obras de autores/ cartógrafos como Fra Mauro (Veneza, c. 1450), Henricus Martellus Germanus (Florença, c. 1490), Martin Behaim (Nuremberga, 1492) e Cristovão Colombo (1492), assumindo um lugar de destaque cada vez maior à medida que se foi elaborando a ideia de que, a partir do Atlântico, seria possível alcançar o Oriente navegando para oeste⁵.

Desde a primeira colocação destas ilhas num globo terrestre (o que Martin Behaim constrói por volta de 1492), até aos mapas desenhados pelo cartógrafo português João Teixeira Albernaz I em 1649⁶, integrando as medições de longitude e latitude, decorreram dois séculos de uma intensa e profícua troca de saberes e de transferência tecnológica que, no Japão, tiveram os Jesuítas como um dos agentes principais.

A imagem cartográfica que se foi fixando do Japão surge da confluência de diferentes contextos geográficos e culturais⁷, como atesta uma das primeiras cartas em grande escala representando o Japão, inserida no Atlas

Kingdom”, central to the world known in Asia at the start of the Early Modern period? How could one account, then, for the fact that in the world maps printed in Europe and disseminated in China and Japan, this colossal kingdom appeared at the margins rather than at the centre of the image? One of the solutions to these issues was found by Matteo Ricci (1552-1610) and the Chinese *literati* with whom this Jesuit worked in Beijing, and it can be observed in the famous 1602 world map, where the image has its middle point in the Pacific Ocean, thus placing China and Japan in a central position, and Europe in one of the extremities².

The passage from *De Missione* above, however, also brings to mind something that is rarely taken into account when examining the evolution of cartographic thought in this period: notions such as “Europe”, “China” or “Japan” were far from obvious for the scientific and cultural elites of both Europe and Asia. These were terms which would only become concrete geographical concepts gradually, through knowledge gathered and accumulated at a local level over hundreds of years³.

The period from 1542-1543 to 1590, that is to say, from the first landing of the Portuguese on the island of Tanegashima until the publication of *De Missione* in Macao matches the moment in which the mythical *Zipangu* / *Cipangu* that Marco Polo alludes to in his *Milione* gives way to Iapam, / Japan.

The word *Zipangu* or *Cipangu* is his rendering of *Jih-pen-kuo*, or “Land of the Rising Sun”, the term then used by the Chinese to refer to Japan - António Galvão (?-1557) and Diogo do Couto (Lisboa, c.1542- Goa,1616) were the first Portuguese to make the connection between these two terms⁴. The process of linking the two terms within the field of cartography, on the other hand, was slow and cannot at all be attributed exclusively to the European continent. The name Zipangu, or “silver islands”, appears in works by authors and cartographers such as Fra Mauro (Venice, c. 1450), Henricus Martellus Germanus (Florence, c. 1490), Martin Behaim (Nuremberg, 1492) and Christopher Columbus (1492), gaining an increasingly pivotal role in nurturing the idea that it would be possible to reach “the Orient” by sailing west from the Atlantic⁵.

Between the first time these island were placed on a terrestrial globe (the one Martin Behaim built around 1492), and the maps drawn by the Portuguese cartographer João Teixeira Albernaz I in 1649⁶, which included the longitude and latitude measures, two centuries elapse, marked by an intense and fruitful exchange of knowledge and technological developments in which, in Japan, the Jesuits played a key role.

datado de 1576, da autoria de Fernão Vaz Dourado, um dos mais interessantes cartógrafos portugueses da Idade Moderna, que terá vivido e trabalhado na cidade de Goa⁸. A imagem que se vai elaborando do arquipélago japonês resulta, desde logo, do trabalho dos cartógrafos e pilotos portugueses, bem como dos primeiros jesuítas que chegaram ao Japão a partir de 1549, e que, em colaboração com comerciantes e pilotos asiáticos, produziram uma cartografia manuscrita. Enviados para Lisboa ou Sevilha, estes mapas e descrições literárias, na forma de tratados ou cartas, foram muitas vezes reelaborados e circularam em forma de manuscrito nalgumas cortes europeias. Este momento coincide, porém, com um período de enorme expansão e desenvolvimento do mercado europeu de obras impressas, incluindo a cartografia, que tinha como principais centros de divulgação as cidades de Roma, Veneza, Lovaina, Antuérpia, Amesterdão, Colónia⁹. O mapa do Japão publicado por Abraham Ortelius na obra *Theatrum orbis terrarum*, impressa em Antuérpia em 1595, é bem ilustrativo desta realidade, já que é o primeiro mapa gravado elaborado a partir de informações geográficas recolhidas e trabalhadas por pilotos e cartógrafos portugueses ao longo de cerca de quarenta anos, baseando-se num modelo manuscrito enviado a Ortelius pelo cosmógrafo e matemático português Luís Teixeira.

No contexto japonês, e dentro da ação da missão jesuíta, surge uma cartografia que assenta também em mapas japoneses, e que é enviada para a Europa, tendo sido copiada, retrabalhada e impressa, especialmente em Roma, Florença e Nápoles¹⁰.

Por fim, mas não menos relevante, há uma cartografia manuscrita japonesa montada em biombos, que reelabora por sua vez a cartografia portuguesa e holandesa, bem como a cartografia impressa na missão jesuíta da China, a que já fizemos breve referência. Esta circulação de material de natureza cartográfica é referida na epistolografia jesuíta, de que é exemplo uma passagem de uma carta dirigida a Claudio Aquaviva, escrita em Macau a 21 de Novembro de 1588 por Alessandro Valignano, na qual se alude ao envio para a Europa de uns biombos japoneses com a descrição da China¹¹.

Os biombos cartográficos com imagens do mapa-mundo e do Japão estão diretamente associados ao Seminário de Pintura¹² aberto pela Companhia de Jesus no sul do arquipélago, e a sua produção estende-se para lá da expulsão dos missionários em 1614 e dos Portugueses em 1639, tendo dado origem a uma cartografia na forma de xilogravuras. As imagens do mundo que neles surgem representadas são, muito possivelmente, uma resposta às questões levantadas na passagem do *De Missione*

The cartographic image of Japan that gradually crystallized emerged from the confluence of various geographical and cultural contexts⁷, as testified by one of the first large-scale maps representing Japan, included in the 1576 *Atlas* by Fernão Vaz Dourado, one of the most interesting Portuguese cartographers of the Early Modern period, who lived and worked in the city of Goa⁸. The slowly cemented image of the Japanese archipelago springs, to begin with, from the work of Portuguese cartographers and pilots, as well as from the first Jesuits to arrive in Japan after 1549. The latter, together with Asian traders and pilots, produced a corpus of handwritten cartography. Sent to Lisbon or Seville, these maps and literary descriptions, in the form of treatises or letters, were often reconfigured and put into circulation in manuscript form in some European courts. This moment also coincides with a period of enormous expansion and development in the European market for print works, including cartographic ones, whose main dissemination centres were the cities of Rome, Venice, Leuven, Antwerp, Amsterdam and Köln⁹. The map of Japan published by Abraham Ortelius in his *Theatrum orbis terrarum*, printed in Antwerp in 1595, is a particularly eloquent testimony to this reality, as it is the first engraved map drawn from geographical data gathered and systematised by Portuguese pilots and cartographers over a period of approximately forty years, based on a manuscript model sent to Ortelius by Luís Teixeira, a Portuguese cosmographer and mathematician.

In the Japanese context, and within the scope of the Jesuit mission, a form of cartography emerges that is also grounded on Japanese maps, and which was sent to Europe, where it was copied, reshaped and printed, especially in Rome, Florence and Naples¹⁰.

Last but not least, there is a tradition of Japanese manuscript cartography on folding screens, which re-elaborates Portuguese and Dutch cartography, as well as the printed cartography produced in the Jesuit mission in China that was briefly mentioned above. There is evidence of the circulation of cartographic material in the Jesuit epistolography. To offer an example, in a passage from a letter addressed to Claudio Aquaviva by Alessandro Valignano, written on 21 November 1588 in Macao, the latter refers to Japanese folding screens with an image of China that were being sent to Europe¹¹.

Cartographic folding screens with depictions of world maps and of Japan are directly linked with the Painting School¹² inaugurated by the Society of Jesus in the south of the archipelago. Indeed, the output of this school continued beyond the expulsion of the missionaries in 1614 and the Portuguese in 1639 and it is to them that we owe

com que abrimos este texto, já que a dimensão reduzida do Japão no espaço tão vasto do resto do mundo surgia contrabalançada pela visão ampliada do arquipélago num único biombo.

São diversos os exemplos desta interação e justaposição de saberes, agentes, espaços e tempos, começando pelo mapa manuscrito do Japão, desenhado por volta de 1580-1585, derivado da, e adaptando a, cartografia japonesa, atualmente à guarda do Arquivo do Estado em Florença¹³. De acordo com a análise material realizada a esta obra única, é seguro assumir que o mapa foi copiado em Pisa ou Florença a partir de um protótipo, hoje perdido, desenhado no Japão no contexto da missão jesuíta, e provavelmente levado para a Europa por ocasião da viagem dos jovens japoneses em representação de quatro grandes senhores feudais da ilha de Kyūshū convertidos ao Cristianismo. Este mapa, que se saiba o mais antigo a ter chegado à Europa realizado a partir de um modelo japonês, atesta a interação entre Jesuítas e Japoneses, especialmente no que diz respeito ao clero budista¹⁴.

De entre os mapas impressos derivados direta ou indiretamente dos mapas produzidos no âmbito da missão cristã no Japão, destaca-se o trabalho que o português Inácio Moreira realizou no território entre 1590 e 1598. Moreira, que habitava em Macau à data da chegada da missão nipónica enviada à Europa (e da impressão do *De Missione legatorum*), acompanha a comitiva no seu regresso a Kyūshū, em 1590. Alessandro Valignano (1539-1606), o responsável pelas missões da Companhia de Jesus no Japão e na China entre 1573 e 1606, relata que Moreira iniciou um levantamento geográfico do Japão desde Kyūshū, onde se situa a cidade de Nagasáqui, até Miyaco (actual Quioto), integrando neste levantamento informações locais obtidas dos japoneses, especialmente sobre as províncias que ele não conhecia diretamente. O resultado foi um mapa do Japão muito mais preciso e com referentes de cálculo rigorosos. Valignano pretendia incluir este mapa, acompanhado de uma longa descrição escrita, no seu livro *Historia del Principio y Progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales*, e esta descrição, conhecida como *laponicae tabulae* explicativo, é tudo o que nos chegou deste mapa que hoje é dado como perdido¹⁵.

A importância da descrição feita por Valignano do mapa que Moreira conseguiu desenhar com a colaboração dos Japoneses, reside ainda no facto de ter permitido reconhecer num mapa impresso em Roma por Christophorus Blancus em 1617 quase todas as características que estariam presentes na obra perdida de Moreira: um mapa com escala graduada, uma escala dupla com medidas em português e japonês e legendas em latim.

a cartography in woodcut form. The images of the world represented there are, one can conjecture, a response to the set of questions raised in the passage of *De Missione* with which we opened this text, since the reduced dimension of Japan against the vast expanse of the rest of the world is countered by an expanded view of the archipelago across a single folding screen.

There is a wide range of examples of this kind of interaction and juxtaposition of knowledge, agents, spaces and times, starting with the manuscript map of Japan drawn c. 1580-1585 – derived and adapted from Japanese cartography – currently in the State Archive in Florence¹³. According to the material analysis conducted on this unique piece, one can safely assume that the map was copied in Pisa or Florence from a prototype, now lost, drawn in the Jesuit mission in Japan, and probably taken to Europe on the occasion of the journey of the young Japanese emissaries, who travelled in representation of the four major feudal lords of the island of Kyūshū, all of whom had converted to Christianity. This map, to the best of our knowledge the oldest map based on a Japanese model to arrive in Europe, is evidence of the interaction between the Jesuits and the Japanese, the Buddhist clergy in particular¹⁴.

Among all the print maps directly or indirectly derived from cartographical works produced within the Christian mission in Japan, one should single out the work by the Portuguese Inácio Moreira, between 1590 and 1598. Moreira, who lived in Macao when the first Japanese mission sent to Europe arrived (which is also when *De Missione legatorum* was printed), accompanied the delegation in its return to Kyūshū, in 1590. Alessandro Valignano (1539-1606), responsible for the missions of The Society of Jesus to Japan and China between 1573 and 1606, explains that Moreira began to conduct a geographical survey of Japan from Kyūshū, where the city of Nagasaki is located, to Miyako (nowadays Kyoto). In his survey, he included local information gathered from the Japanese, particularly on the provinces of which he did not have first-hand knowledge. The result was a much more exact map of Japan, with rigorous reference scales. Valignano wanted to include this map, alongside an extended written description, in his work *Historia del Principio y Progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales*. The description, known as *laponicae tabulae* explicativo, is indeed all that is left today of this map, thought to be irredeemably lost¹⁵.

The importance of Valignano's description of the map Moreira drew with the collaboration of the Japanese lies in the fact that we are able to recognise nearly all the features that would have been found in this lost work in a map Christophorus Blancus printed in Rome in

A circulação deste mapa de Blancus possibilitou que, nos 20 anos que se seguiram à sua divulgação, surgissem obras que lhe estão diretamente associadas, duas das quais produzidas e publicadas no contexto da imprensa e da propaganda jesuíta: a *Nuova descrizione del Giappone* por Bernardino Ginnaro S. J. (1577–1644), publicado no primeiro volume do Saverio Orientale – *Istorie de ‘Cristiani illustri dell’Oriente* –, um livro que relata as vicissitudes e sofrimentos dos cristãos na Ásia, publicada em Roma em 1641, e o *Japponiae Nova & accurata descriptio. Ad elogium Japponicae* (Nova e precisa descrição do Japão. Em louvor ao Japão) por António Cardim S. J. (1596-1649 ou 1659) - publicado em Roma em 1646 no *Fasciculus e Japponicis floribus*, livro sobre os mártires do Japão¹⁶.

Estes dois mapas, a que se deve juntar ainda a *Asia di diiciasete piu moderna. Gappone* [sic] (mapa moderno do Japão, um dos dezassete mapas da Ásia), que foi incluído por Sir Robert Dudley (1574-1649) no primeiro volume de um atlas náutico impresso em Florença em 1646¹⁷, são testemunhos expressivos de um interesse geográfico centrado no Japão e que só pode ser claramente entendido através da colaboração de diversos agentes e da acumulação de diferentes saberes e práticas.

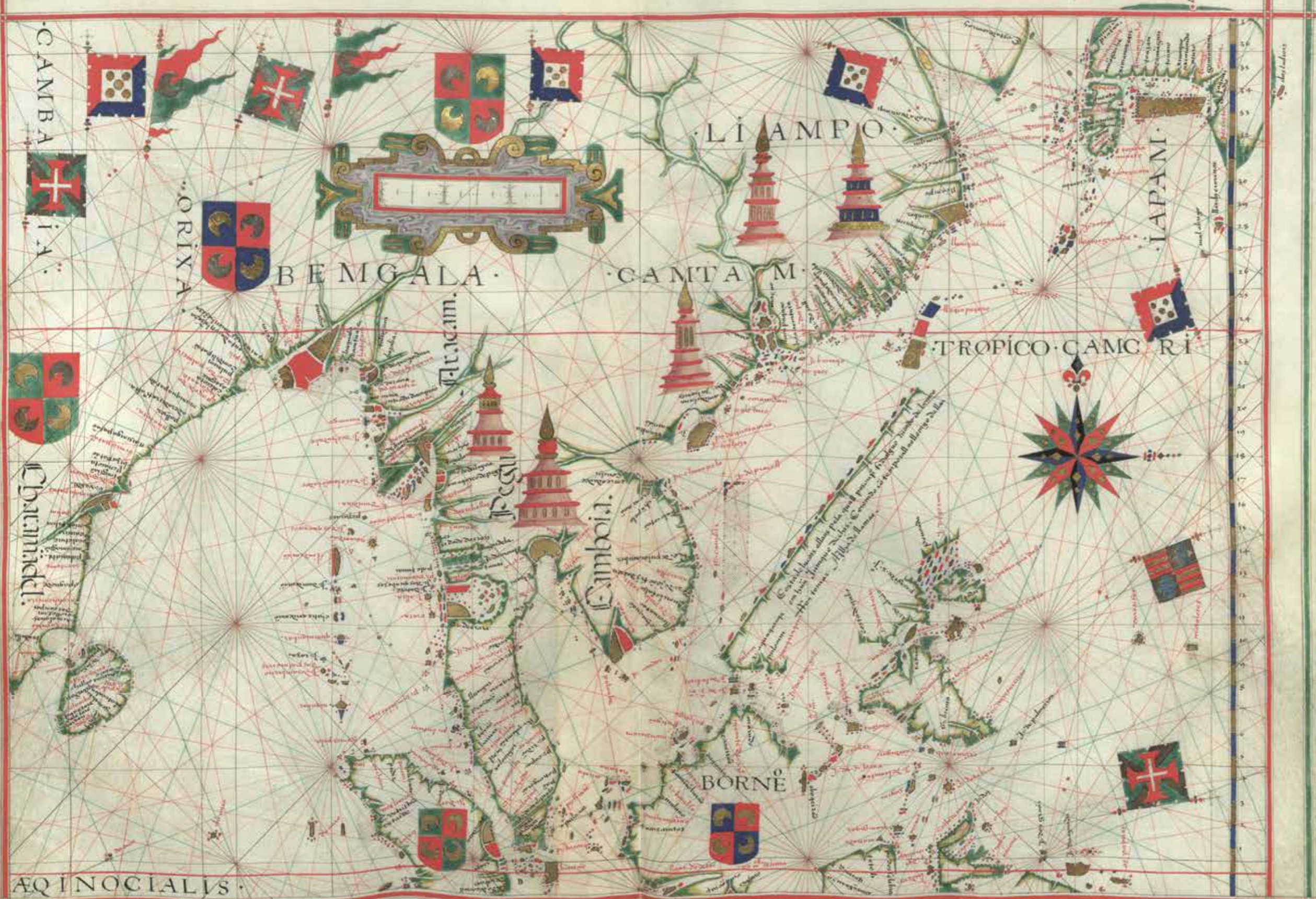
1617, namely a graduated scale and a double scale with measures in Portuguese and Japanese and legends in Latin.

The circulation of the Blancus map meant that, in the twenty years after its publication, a series of works would emerge that used as a direct source. Two of these were produced and published in the context of the Jesuit press and propaganda: *Nuova descrizione del Giappone* by Bernardino Ginnaro S. J. (1577–1644), published in the first volume of Saverio Orientale – *Istorie de ‘Cristiani illustri dell’Oriente* –, a book that offers an account of the trials and tribulations of Christians in Asia, published in Rome in 1641, and the *Japponiae Nova & accurata descriptio. Ad elogium Japponicae* (New and precise description of Japan. In praise of Japan) by António Cardim S. J. (1596-1649 or 1659) – published in Rome in 1646 in the *Fasciculus e Japponicis floribus*, a book on the martyrs in Japan¹⁶.

These two maps, to which one should also add *Asia di diiciasete piu moderna. Gappone* [sic] (a modern map of Japan, one of the seventeen maps of Asia), which was included by Sir Robert Dudley (1574-1649) in the first volume of a nautical Atlas printed in Florence in 1646¹⁷, are unmistakable signs of a geographical interest in Japan which can only be fully understood if one bears into account the collaboration between multiple agents and the accumulation of wide variety of knowledge and practices.

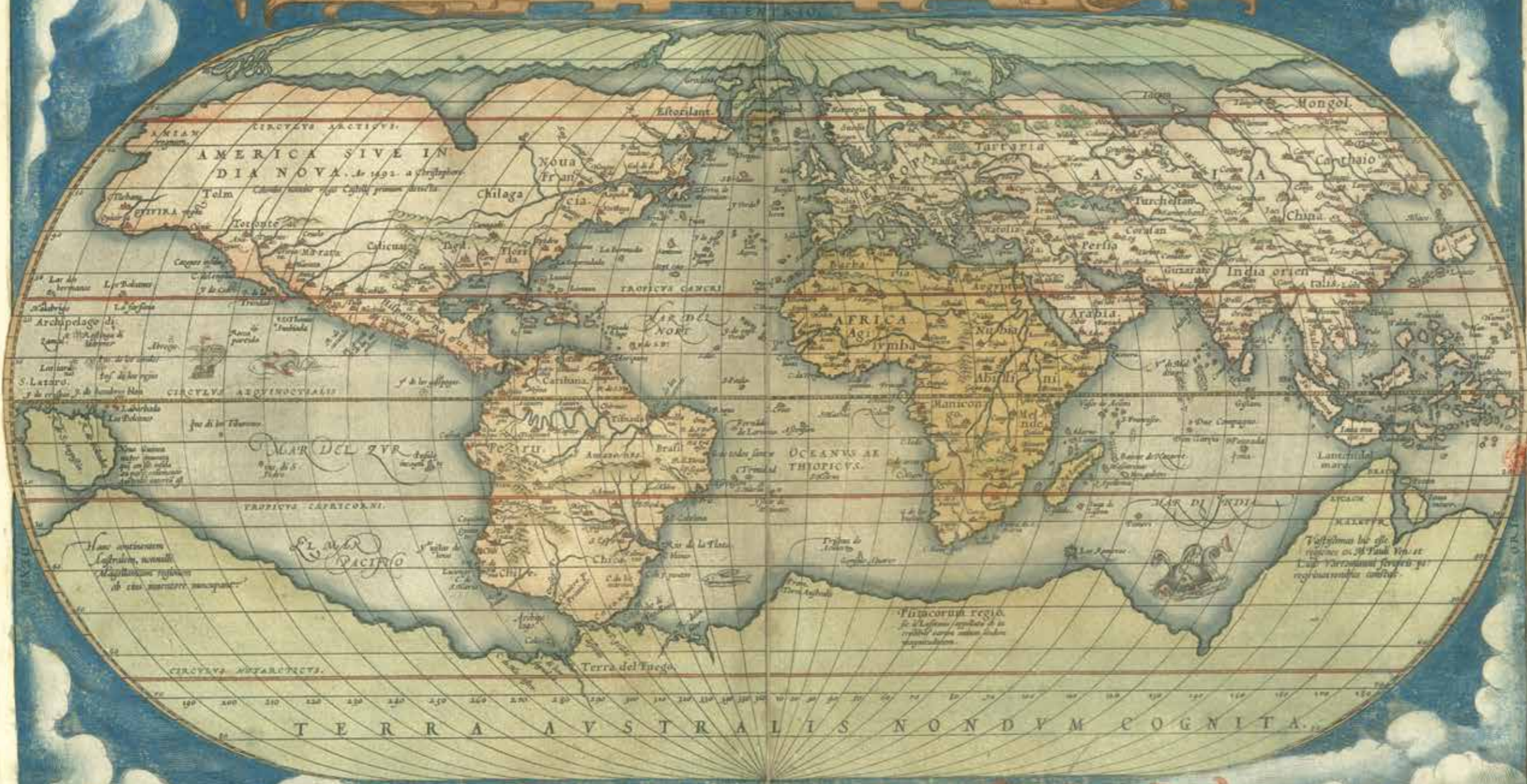
1 Sande, *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*, “Colóquio trigésimo quarto: Expõe-se sumariamente a descrição de todo o orbe e declara-se qual é a sua principal e mais nobre parte”, pp.347-348.
2 Curvelo, “Arte e Cartografia na acção missionária e evangelizadora dos Jesuítas na China e Japão (Séculos XVI-XVII)”.
3 Cattaneo, “Geographical Curiosities and Transformative Exchange in the Nanban Century (c. 1549-c. 1647)”.
4 Bourdon, *La Compagnie de Jésus et le Japon 1547-1570*, p.107; Costa, *Portugal e o Japão. O Século Namban*, p.16. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993, p.16.
5 Cattaneo, “Geographical Curiosities and Transformative Exchange in the Nanban Century (c. 1549-c. 1647)”;
6 Marques, *A cartografia portuguesa do Japão (séculos XVI-XVII)*.
7 Unno, “Cartography in Japan”; Cattaneo, “Geographical Curiosities and Transformative Exchange in the Nanban Century (c. 1549-c. 1647)”.
8 Sobre/about Fernão Vaz Dourado, veja-se/see Garcia (Ed.), *Atlas Universal de Fernão Vas Dourado, 1571*.

9 Karrow, “Centers of map publishing in Europe, 1472-1600”
10 Woodward, *Maps as prints in the Italian Renaissance. Makers, distributors & consumers*.
11 Archivum Romanum Societatis Iesu, Jap.Sin 11-I, Carta de Alessandro Valignano a Claudio Aquaviva, Macau, 21 de Novembro de 1588.
12 Curvelo, *Nuvens Douradas e Paisagens Habitadas. A Arte Namban e a sua circulação entre a Ásia e a América: Japão, China e Nova-Espanha (c.1550 – c.1700)*.
13 Florença, Arquivo de Estado de Firenze, Miscelânea Medicea 97 ins. 91, ss. 2-4.
14 Cattaneo, “Iapam, 1585 circa (carta del Giappone con legende in portoghese)”.
15 Schütte, Josef F., “Ignacio Moreira of Lisbon, Cartographer in Japan 1590-1592”; Cattaneo, “Geographical Curiosities and Transformative Exchange in the Nanban Century (c. 1549-c. 1647)”.
16 Unno, “Cartography in Japan”; Cattaneo, “Geographical Curiosities and Transformative Exchange in the Nanban Century (c. 1549-c. 1647)”.
17 Cattaneo, *Ibidem*.



Atlas, ca. 1576
 Fernão Vaz Dourado (1520-1580)
 Constituído por 17 cartas geográficas
 iluminadas, 1 f. com elementos
 cosmográficos, 2 com tábuas
 de declinação solar
 Pergamino e cor
 Consisting of 17 illuminated geographical
 maps, 1 f. with cosmo-graphic elements,
 2 with boards of solar declination
 Parchment and color
 27,7 x 38,5 cm
 Biblioteca Nacional de Portugal,
 inv. IL 171

TYPVS ORBIS TERRARVM.



QVID EI POTEST VIDERI MAGNVM IN REBVS HVMANIS, CUI AETERNITAS OMNIS, TOTIVSQUE MVNDI NOTA SIT MAGNITVDO. CICERO:

Theatrum orbis terrarum
Antuérpia / Antwerp, 1571
Abraham Ortelius (1527-1598)
45 x 65 cm
Biblioteca Nacional de Portugal,
inv. C.A. 117 V

A bordo da Nau do Trato

On board the “Nau do Trato”

ALEXANDRA CURVELO

Nau do Trato ou “Grande Navio de Amacao” é a designação por que ficou conhecido o grande navio mercante que ligava Macau ao Japão após a chegada dos Portugueses c. 1543, e a data da sua expulsão em 1639¹. No Japão foi denominado de *kurofune*, que significa literalmente “navio negro”, dada a cor escura da madeira em que era contruído.

Pelo valor dos bens que transportava e dada as perigosas águas em que se movia, era um navio fortemente armado, que começou por ter cerca de 400 a 600 toneladas, para chegar às 1.200 ou 1.600 toneladas em finais do século XVI. Porém, e porque as dimensões colossais que chegou a alcançar constituíam elas próprias uma ameaça para o êxito da viagem, a partir de 1618 a grande nau do trato é substituída por navios mais ligeiros – patachos, navetas ou galeotas – na ligação entre Macau e o porto de Nagasáqui. Este sistema permitia escapar mais facilmente aos ataques inimigos e, deste modo, potenciar o sucesso de uma das viagens mais lucrativas para os Portugueses na Ásia.

O valor e exotismo das mercadorias que chegavam ao Japão a bordo do *kurofune* – sedas, porcelanas, almíscar, oiro, peles de tigre e de leopardo –, entre outras, levou a que os pintores japoneses associassem a Nau do Trato a uma iconografia tradicional japonesa. Assim, este navio que ligava diretamente o Japão aos oceanos Índico e Atlântico e, de forma menos direta, por via de alguns dos produtos que transportava, nomeadamente algumas espécies botânicas, ao Oceano Pacífico, passa a simbolizar a fortuna, a abundância e um mundo distante e desconhecido. O *kurofune* é então o navio do tesouro, ou *takarabune*, símbolo de riqueza e de felicidade, tendo-se tornado num motivo auspicioso particularmente acarinhado pelos mercadores envolvidos no tráfego marítimo².

A viagem Macau-Japão, que a partir da década de 1570 passa a ter Nagasáqui como o porto preferencial de atracagem do navio, correspondia, porém, ao trajeto final de uma rota marítima bastante maior, de que as pessoas e os bens transportados eram um testemunho impressionante³.

O itinerário obedecia a um padrão que se procurava cumprir o mais possível, e que se iniciava na Índia, em Goa, cidade de onde o navio partia nos meses de Abril ou Maio, transportando tecidos de algodão, objetos europeus feitos em cristal e vidro, e uma fauna variada. Seguiu-se uma escala em Malaca, onde parte da carga era então trocada por especiarias, madeiras aromáticas (sândalo, aloés) e peles de animais (como veados do Sião). De Malaca a nau rumava a Macau, onde chegava entre Junho e Agosto. Porém, uma vez chegado a Macau, o navio tinha que aí permanecer entre dez ou doze meses, uma vez que a seda

“Nau do Trato” (as it was called in Portuguese) or “the Great Ship from Amacon” (as the English referred to it) were the names given to the large merchant ship (a carrack) that secured the trade route between Macao and Japan from the arrival of the Portuguese, c. 1543, until their expulsion in 1639¹. In Japan, it was termed *kurofune*, which translates literally as “black ship”, because of the ark wood of which it was built.

Given the high value of the goods it carried and the perilous waters in which it sailed, it was a heavily-armed ship, which initially weighed somewhere between 400 and 600 tons but would eventually reach 1200 to 1600 tons by the end of the 16th century. However, and because its colossal size was a risk to the route’s success, from 1618 the Great Ship gave way to smaller and lighter vessels – pinnaces, *navetas* or galliots – in the Macao-Nagasaki route. This arrangement made it easier to elude enemy vessels and thereby increased the likelihood of success for what was one of the most profitable routes of Portuguese trade in Asia.

The value and exoticism of the goods that arrived in Japan on board the *kurofune* – silk, porcelains, musk, gold, tiger and leopard skins, among others – led many Japanese painters to link the *Nau do Trato* with traditional Japanese iconographic elements. Hence, this ship that traced a direct route between Japan and the Indian and Atlantic oceans and, more indirectly, the Pacific Ocean (through some of its cargo, namely botanical species) came to symbolise fortune, abundance and the remote and unknown world. *Kurofune* is identified, then, as the treasure ship, or *takarabune*, a symbol of wealth and happiness, and becomes an auspicious motif, particularly cherished by the merchants involved in the maritime trade².

The voyage between Macao and Japan, which from the 1570s has Nagasaki as the preferential port of landing, was but the final stretch of a much longer maritime route, transporting an impressive range of people and goods along the way³. The itinerary, which was followed as closely as possible, began in Goa (India), from which the ship set sail in April or May, carrying cotton fabrics, European crystal and glass objects, and a variety of fauna. Afterwards, the ship called at Malacca, where a portion of the cargo was then traded for spices, aromatic woods (sandalwood, aloe) and animal skins (such as deer from Siam). From Malacca the ship sailed to Macao, where it arrived somewhere between June and August. Once it arrived at Macao, though, the ship had to remain there for a period of ten to twelve months, since Chinese silk, one of the main commodities in the trade with Japan, could only be obtained in the half-yearly sales in Guangzhou, which

chinesa, um dos principais bens do comércio com o Japão, podia ser apenas obtida nas vendas semestrais de Cantão, que decorriam entre Dezembro/Janeiro e Maio/Junho. É esta longa paragem que explica, pelo menos parcialmente, a demora da viagem entre Lisboa e o Japão, que, na totalidade, rondava os dois anos e meio⁴.

O trajeto final, com destino ao Japão, reiniciava-se no ano seguinte com a monção do Sudoeste, entre o fim de Junho e o princípio de Agosto, demorando-se cerca de trinta dias para atingir Kyūshū, onde a nau ficava até ao início da monção de nordeste, no final de Outubro ou princípio de Novembro, navegando então para Macau entre Novembro e Março.

As mercadorias exportadas do Japão consistiam sobretudo em prata, que se destinava exclusivamente ao mercado chinês, mas também peças de mobiliário lacado, biombos pintados, *kimono*, espadas e, sobretudo nos últimos anos da viagem, o cobre que era usado especialmente na fundição de canhões de bronze, primeiro em Goa e, após 1629, em Macau, onde funcionava a famosa fundição de Manoel Tavares Bocarro⁵. Em Macau, a maior parte da prata era utilizada como moeda de troca para negociar o carregamento de sedas do ano seguinte, ao passo que para Goa seguiam sedas, ouro, almíscar, marfins e porcelanas⁶.

Com exceção para os anos finais da rota Macau-Japão, o grosso das viagens esteve nas mãos da fidalguia e da burguesia mercantil presente no continente asiático. Para além de escala indispensável, Macau era também o principal fornecedor da maioria dos homens que seguiam a bordo da *Nau do Trato*, começando pelo “feitor da viagem”, usualmente um cidadão eleito pela câmara da cidade. Era a ele que os mercadores macaenses entregavam as sedas para venda no Japão, e junto a quem seguia um séquito de funcionários necessários para as transações que, até 1635, eram escolhidos pela cidade. Neste grupo incluíam-se todos os que tratavam dos registos das compras e vendas de mercadorias: o escrivão para escriturar a receita e despesa; o escotilheiro a quem ficava entregue a guarda das mercadorias; o pesador que tratava das pesagens; o contador que tinha a seu cargo as contas. Também o capitão-mor tinha a seu lado uma pessoa de confiança que presenciava a cobrança dos seus fretes realizada pelo feitor e seus auxiliares. Para além destes cargos técnicos, eram nomeados mercadores para acompanhar a armação e zelar pelo bem-estar dos investimentos dos particulares. Temos assim um número muito variável de pessoas a bordo do navio, mas que chegava facilmente a uma centena de homens⁷.

Os biombos *nanban*, que começaram a ser realizados por pintores japoneses em finais do século XVI para uma

took place in December/January and May/June. It is this long stopover that partially explains the extended duration of the voyage from Lisbon to Japan, which lasted a total of around two and half years⁴. The final stretch to Japan started the following year, at the time of the Southwest monsoon, between the end of June and early August, and took around thirty days to reach Kyushu, where the *Nau* remained until the beginning of the Northeast monsoon, late October to early November, after which it set out to Macao, sometime between November and March.

The goods exported from Japan were primarily silver pieces, exclusively aimed at the Chinese market, but also lacquered furniture, painted folding screens, *kimonos*, swords and, especially in the route’s closing years, copper, chiefly used for the casting of bronze cannons, first in Goa and, after 1629, in Macao, where the famous foundry of Manoel Tavares Bocarro was located⁵. In Macao, most of the silver was used as trading currency in negotiations for the silk cargo of the subsequent year, whereas silk, gold, musk, ivory and porcelain were taken to Goa⁶.

Apart from the final years of the Macao-Japan route, the bulk of the voyages was in the hands of the merchant gentry and bourgeoisie in the Asian continent. Besides being an indispensable stopover, Macao was also the main supplier of most of the crew on board the *Nau do Trato*, starting with the factor (*feitor da viagem*), usually a citizen elected by the city council. It was to him that the Macao merchants handed over the silk to be sold in Japan, and with him came an entourage of attendants to deal with details of the transactions (up until 1635, chosen by the city). In this group were included all those who handled the purchases and sales records: the secretary, who kept a record of revenues and expenses; the *escotilheiro*, who watched over the goods; the *pesador*, who weighed the goods; and the *contador*, who kept the count. The Captain-Major was also accompanied by someone he trusted that could serve as a witness to the freight collection by the factor and his attendants. Alongside these posts of a more technical nature, merchants were appointed to accompany the vessel and make sure the private investments were being properly handled. There was a rather variable number of persons on board the ship, but it could easily reach one hundred⁷.

The *Nanban* folding screens, originally painted by Japanese artists for a Japanese warring and merchant elite towards the end of the 16th century, are one of the main visual documents of the *Nau do Trato*, as well as of the people and goods associated with it. Although we know that more often than not the representation of the ship is far from exact, including elements that were

elite guerreira e mercantil nipônica, surgem como um dos principais documentos visuais sobre a *Nau do Trato*, assim como das gentes e bens que lhe estavam associados. Ainda que saibamos que a representação do navio não corresponda na maior parte das vezes a uma reprodução exata da embarcação, havendo elementos imaginados (como os varandins situados no casco), ou exagerados, como acontece, por exemplo, com os altos castelos por vezes pintados na popa e na proa, tal não significa que nos seus traços gerais estas composições não traduzam uma realidade que poderá ter sido a observada pelos pintores da escola japonesa Kano que fixaram o modelo dos biombos com a representação do Navio negro e dos bárbaros do sul, ou *nanban-jin*⁸.

A grande embarcação é indissociável da sua equipagem multirracial, em que, se predominava o elemento europeu, não excluía os “naturais”, ou seja, a tripulação não portuguesa, constituída por escravos (maioritariamente africanos) e povos originários de outras partes da Ásia (como malabares, chineses, malaios, guzerates), que realizavam as várias tarefas necessárias à vida a bordo. Os “sarungues” e “jurubaças” (os pilotos locais e intérpretes), muitos deles oriundos de Malaca, inseriam-se nos quadros superiores da hierarquia social a bordo do *kurofune*, que tinha no seu topo a figura do capitão-mor, geralmente representado no tombadilho, sentado numa cadeira, símbolo do seu estatuto e poder. Outra figura chave era a do piloto-mor, o único responsável pela navegação da *Nau do Trato*, que era sempre português, embora os pilotos adjuntos fossem frequentemente asiáticos⁹.

Um outro grupo representado em associação com a *Nau*, e que era particularmente ativo no trato do Japão, é o dos religiosos da Companhia de Jesus. Aliás, a missão cristã no Japão, que a partir de 1593 passou a incluir também Franciscanos, Agostinhos (1602) e Dominicanos (em 1603), estava indissociavelmente ligada ao comércio, como confirmam várias certidões de capitães e mercadores de Macau¹⁰. Esta realidade, comum a toda a presença do Padroado Português na Ásia (e fora dela), mas ainda mais vincada no arquipélago japonês, foi alvo da pena do Padre António Vieira, quando na *História do Futuro* afirma que:

“Se não houvesse mercadores que fossem buscar a umas e outras Índias os tesouros da terra, quem havia de passar lá os pregadores que levam os do Céu? Os pregadores levam o Evangelho, e o comércio leva os pregadores”¹¹.

No Japão, prontos a chamar aos seus domínios a *Nau do Trato*, alguns dos grandes senhores feudais ou

simply made up (such as the balconies on the ship’s hull), or exaggerated, such as the high castles at times painted on the stern and on the prow, the general traits of these images nonetheless register a reality, as it was perceived by the painters of the Kano Japanese school. They are the ones that established the model for the folding screen representing the Black Ship and the southern barbarians, or *Nanban-jin*⁸.

The large vessel is indissociable from its multiracial crew. Although the European element was predominant, it also included the so-called “natural” elements, in other words, the non-Portuguese crew, made up of slaves (mostly African) and people from other parts of Asia (such as the Malabar coast, China, Malaysia, Gujarat), who performed the various tasks necessary to life on board. The *sarungues* (Sarang) and *jurubaças* (Jurubahasa) (local pilots and interpreters), many of them from Malacca, rose to the higher echelons of the local social hierarchy on board the *kurofune*. At the top of this social pyramid was the figure of the Captain-Major, generally represented on the poop deck, sitting on a chair, a symbol of his power and status. Another key figure was that of the chief pilot, in charge of navigating the *Nau do Trato*, always Portuguese, although the assistant pilots were often Asian⁹.

Another group represented in association with the *Nau*, and which was particularly active in the Japan trade, is that of the members of the Society of Jesus. In fact, the Christian mission in Japan, which from 1593 also began to include Franciscans, Augustinians (1602) and Dominicans (in 1603), was inextricably bound to trade, as testified by various certificates for Macao captains and merchants¹⁰. This reality, common to all the territories under Portuguese patronage in Asia (and indeed elsewhere), but more accentuated in the Japanese archipelago, was touched on by Padre António Vieira. In his *História do Futuro*, one reads:

“If there were no merchants to retrieve earth’s treasures from this India or the other, who would take the preachers who carry with them the treasures of Heaven? The preachers carry the Gospel, and trade carries the preachers”¹¹.

In Japan, eager to have the *Nau do Trato* call on their dominions, some of the most powerful feudal lords (*daimyō*) from the Kyushu island engaged in diplomatic negotiations with the Portuguese and the missionaries, the outcome of which was the donation of Nagasaki to the Society of Jesus in June 1580. With the foundation of Nagasaki the Jesuits began to administer the port and to collect

daimyō mais poderosos da ilha de Kyūshū levaram a cabo uma ação de diplomacia junto dos portugueses e dos missionários, resultando daqui a doação de Nagasáqui à Companhia de Jesus em Junho de 1580. Com a fundação de Nagasáqui, os Jesuítas passaram a administrar o porto e a serem eles os cobradores da taxa de ancoragem da nau oficial dos portugueses, e lhes permitia agir activamente na transação dos produtos “oficiais”, como sedas e prata.

Nagasáqui torna-se deste modo uma cidade cosmopolita, que chama a si ricos comerciantes, local de fixação de uma importante comunidade chinesa, e um dos centros mercantis mais importantes do Japão:

“(…) A este porto de Nangasaqui como outras vezes se tem escrito acostuma de vir cada anno a Nao dos purtugezes que vem da China pera Japão com muy ricas mercadorias, de seda, pessos, ouro, Almisce E outras cousas semelhantes E como esta nao dos portugezes he a principal riqueza e trato que tem os Japoens acodem a este porto de todos os reinos e partes de Japão grande cantidade de gente a comprar suas mercadorias, E porque com o concurso de gente há grandes ganhos E modo de Sse remedear ainda neste porto foi tanto crecendo esta povoação de Nangasaqui que se fez nella huma muj grande cidade onde havia mais de sete o oito mil almas de comfissão, E pera isto ajudou que em Japão com revoltas E mudanças de reinos há sempre muitos destrerrados, E no tempo de TaicoSama [Toyotomi Hideyoshi] ouve mais que nunca dos quaes acodem muitos a fazer sua morada neste porto E asi se vay cada dia fazendo maior (...)”¹².

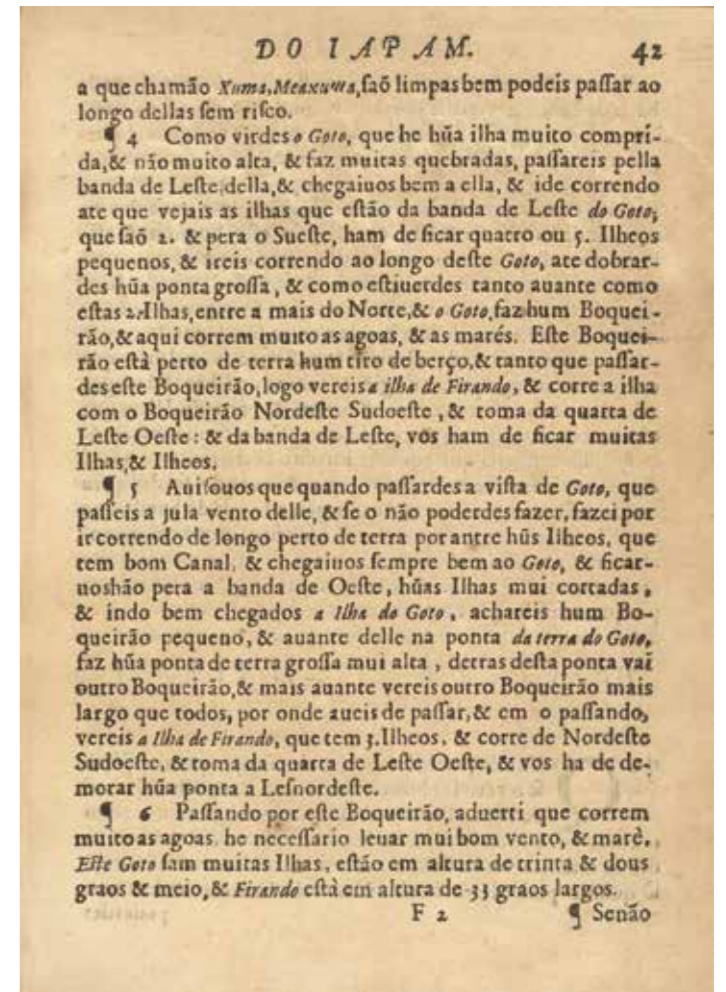
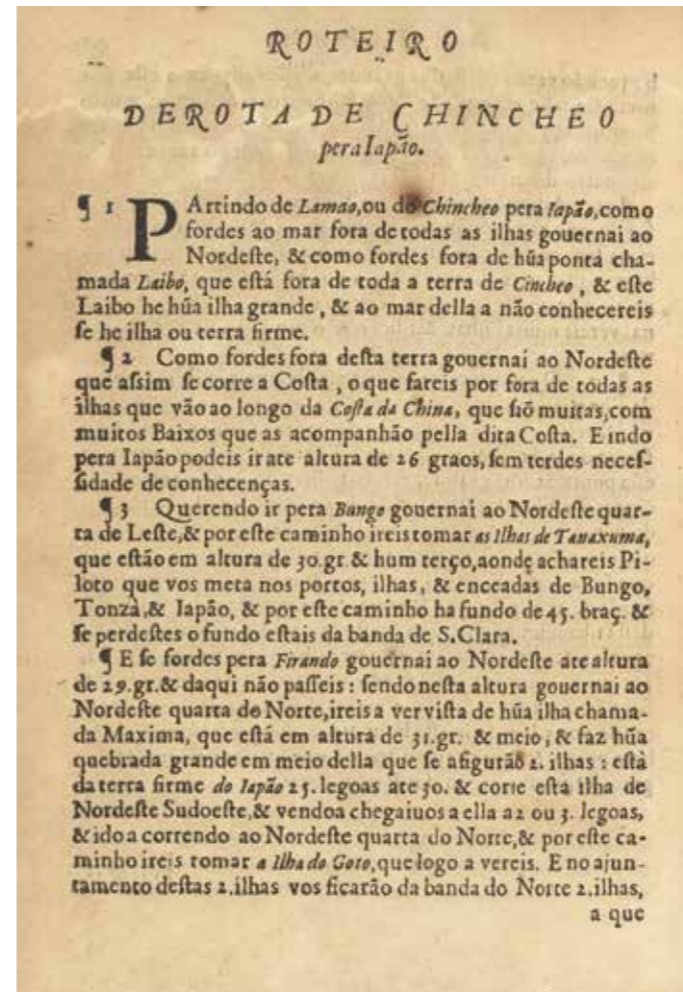
Nagasáqui, que começa por funcionar como porto seguro para a Nau do Trato, viria a converter-se no centro da missão cristã no Japão e, assim, na principal base de operações dos comerciantes e missionários ocidentais.

the anchorage tax from the Portuguese official vessel and were able to take an active role in the transaction of “official” goods, such as silk or silver.

Nagasaki became a cosmopolitan city, a destination for rich merchants, a settlement site for a sizeable Chinese community, and one of the main trading posts in Japan:

“(…) To this port of Nagasaki, as it has been said on other occasions, the Portuguese *Nao* comes from China to Japan, year after year, carrying many a rich merchandise, silk, fabrics, gold, Musk and other things of that kind And since this *nao* of the Portuguese is the greatest treasure and trade there is in Japan so to this port come a great many people from all the kingdoms and parts of Japan to buy their goods, And because of the presence of people there is much to be gained in this port and ways of earning a living so this settlement of Nagasaki has grown so much that in it there emerged a great city where there was more than seven or eight thousand souls, And for this it was helpful that in a Japan there are revolts and changes in kingdoms and so there are always many thrown into exile, and in the era of *TaicoSama* [Toyotomi Hideyoshi] more so than ever, many of which come to settle in this port which thus becomes larger every day (...)”¹².

Nagasaki, originally was a safe haven for the *Nau do Trato*, would become the centre of the Christian mission in Japan and, consequently, the main port of trade for Western merchants and missionaries.



1 Boxer, *O Grande Navio de Amacau*, p.11-12.

2 Jackson, “Visual responses: depicting Europeans in East Asia”.

3 Oliveira, “Goa-Macau: Elos de Ligação”.

4 Loureiro, “Navios, Mercadorias e Embalagens na Rota Macau-Nagasáqui”.

5 Sobre a fundição dos Bocarro, ver Viterbo, “Arte indo-portuguesa. Fundidores de artilharia”.

6 Boxer, *Fidalgos no Extremo Oriente. Factos e Lendas de Macau Antigo*, pp.29-30.

7 Leitão, *Do Trato Português no Japão presenças que se cruzam (1543-1639)*.

8 Curvelo, *Obras-primas dos Biombos Nanban. Portugal-Japão século XVII*.

9 Boxer, *O Grande Navio de Amacau*, p.9; Idem, *The Christian Century in Japan 1549-1650*, pp.121-132.

10 Archivum Romanum Societatis Iesu, Jap.Sin 161-II.

11 Vieira, *Obras Escolhidas*, Vol.IX – *História do Futuro (II)*, Livro II, Capítulo VI, p.103.

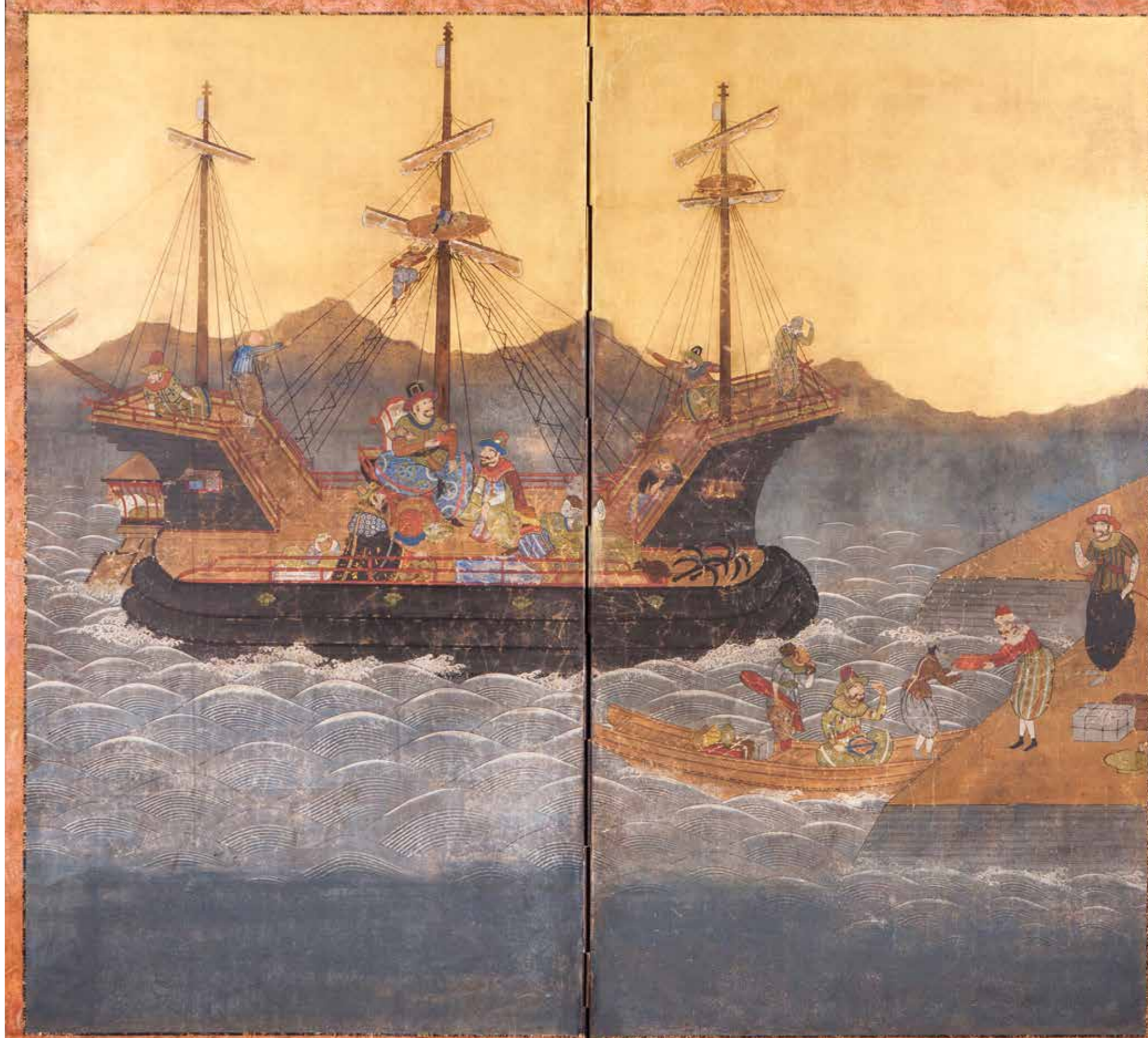
12 Archivum Romanum Societatis Iesu, Jap.Sin 52, Carta Ânua do Japão de Março de 1594 até Outubro de 1595, fl.88v.

Regimento da navegação, no qual se contem hum breve summario dos principaes circulos da sphaera material: regras para seconhecer a altura do polo pelo sol, & estrelas... Lisboa: por Pedro Craesbeeck Impressor del Rey, 1624.

Regiment of navigation, which contains a brief summary of the main circles of the material sphere: rules for knowing the height of the pole by the sun, & stars ... Lisbon: by Pedro Craesbeeck Impressor of the King, 1624.

Valentim de Sá; Pedro Craesbeeck
20 x 31 cm

Biblioteca Nacional de Portugal – RES. 1197//1 P.



Biombo de duas folhas
Two-leaf folding screen
Japão, século XVII-XVIII?
Japan, 17th-18th century?
Cor e folha de ouro sobre papel;
moldura lacada; madeira (armação)
Color and gold leaf on paper;
lacquered frame; wood (frame)
171 x 185 cm
Coleção Privada, Lisboa
Private Collection, Lisbon
Fotografia / Photography:
Arquivo / archive VERITAS Art
Auctioneers

Se são raros os biombos de apenas duas folhas com a representação dos "Bárbaros do Sul" (*Nanban-jin*), neste caso há ainda a destacar o facto de este exemplar ser datável de um período posterior ao da expulsão dos Portugueses do Japão, em 1639. Tal significa que ainda continuava a haver um mercado interessado na aquisição de pinturas alusivas ao comércio marítimo de longa distância e às gentes exóticas que lhe estava associada.

If the two-leaf folding screens depicting the "Barbarians of the South" (*Nanban-jin*) are rare, in this case, it is also worth noting that this specimen is dated after the expulsion of the Portuguese from Japan in 1639. This meant that there was still a market interested in acquiring paintings associated with the long-distance maritime trade and the exotic people associated with it.



Prato
Dish
China, século XVI-XVII / 16th-17th century
Porcelana / Porcelain
5 x Ø 30,5 cm
Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, inv. 168
Fotografia/Photography © José Pessoa ADF/
DGPC

Pote
Pot
China, século XVI (?) / 16th century (?)
Grés vidrado / Glazed earthenware
53 x Ø 43 cm
Museu Nacional de Arte Antiga, inv. 3305 Cer.
Fotografia/Photography © José Pessoa ADF/
DGPC





Cofre
Casket
 Índia, Guzarate, Século XVII
 India, Gujarat, 17th century
 Madeira de teca revestida a madrepérola, vestígios de vermelho. Ferragens em prata. Seda.
 Teak wood covered with mother-of-pearl, traces of red. Hardware in silver. Silk.
 16,5 x 23,5 x 13 cm
 Museu do Oriente / Fundação do Oriente, FO/1230
 Fotografia / Photography © José Manuel Costa Alves / FO



Arqueta
Small chest
 Japão, final do século XVI/ início do século XVII
 Japan, late 16th / early 17th century
 Madeira de cipreste hinoki lacada a preto, decorada com laca dourada, incrustações de madrepérola e ferragens de prata
 Hinoki cypress wood lacquered in black, decorated with gold lacquer, inlaid mother of pearl and silver mounts
 33 x 55 x 30 cm
 Jorge Welsh Works of Art, Lisbon/London
 Fotografia / Photography © JWVA



Cristo crucificado
Crucified Christ
Ceilão / Ceylon, c. 1600
Marfim Policromado
Polychrome ivory
64 x 60 x 8 cm
Museu Nacional do Azulejo, inv. Md 82
Fotografia / Photography ©José Pessoa ADF/DGPC

A Missão Cristã no Japão

The Christian Mission In Japan (1549-1614)

ALEXANDRA CURVELO

À Nau do Trato e às realidades que lhe estão associadas, designadamente a tripulação e os bens que transportava, ligam-se duas premissas relevantes para a compreensão do que foi a missão cristã no Japão. A primeira prende-se com a própria localização geográfica do arquipélago no contexto do Estado da Índia e a distância que o separava da Europa. A segunda diz respeito à estreitíssima colaboração entre os Jesuítas e os mercadores. A uni-las, temos a ideia de que a missão japonesa tinha particularidades que justificavam medidas excecionais. Não só o Japão estava na extremidade da Ásia, como a sua «natureza» e «costumes», por serem tão «contrários» aos da Europa¹, implicavam a necessidade de encontrar respostas de ordem prática de carácter singular. Uma delas foi precisamente a participação da Companhia de Jesus no comércio sino-nipónico, o que levou a que o próprio Papa (Gregório XIII) defendesse que “(...) Isso em Japão não se pode chamar trato, mas remédio para a conversão das Almas (...)”².

Numa historiografia já longa e com contributos fundamentais, são muitos os estudiosos que têm sublinhado o carácter particular da missão japonesa no universo do Padroado Português do Oriente. Esta qualidade distintiva prende-se não apenas com a sua estrutura financeira e a adoção de algumas práticas locais, como também com o número de convertidos alcançado e os resultados obtidos num contexto político especialmente adverso³.

A chegada de Francisco Xavier (1506-1552) a Kagoshima no ano de 1549, que dá início à missão cristã no Japão e à influência da Companhia de Jesus no território até 1614, ano da expulsão de todos os missionários, enquadra-se no contexto alargado do Padroado Português do Oriente⁴. Esta figura jurídica pode ser definida, em termos gerais, como um conjunto de direitos, privilégios e deveres garantidos pelo Papado à Coroa portuguesa na sua qualidade de patrocinador das missões católicas e dos estabelecimentos eclesiásticos em África, na Ásia e no Brasil. Estes direitos e deveres derivaram de um conjunto de Bulas e Breves papais promulgados entre 1456 e 1514, encontrando paralelo, para os domínios ultramarinos, apenas no Patronato Real da Coroa castelhana. Às Coroas ibéricas cabia assim a responsabilidade de assegurar a evangelização destes territórios, custeando para o efeito o envio de missionários, a construção de edifícios para a celebração do culto divino e a manutenção de uma hierarquia eclesiástica. Em contrapartida, os monarcas podiam nomear os bispos para as Sés coloniais vacantes ou recém-fundadas, cobrar impostos e administrar algumas modalidades de taxas eclesiásticas. Os monarcas portugueses, enquanto reis e governadores e administradores

To grasp the true nature of the Christian mission in Japan, one needs to bear into account two fundamental factors concerning the *Nau do Trato* and the realities associated with it, namely its crew and the goods it transported. The first is the geographical position of the archipelago in the context of the Portuguese State of India, and its distance from Europe. The second, the very close cooperation between the Jesuits and the merchants. Put together, these two factors should help us understand that the Japanese mission had singular traits and that these, in turn, called for exceptional measures. Not only was Japan located on the edge of Asia, but also its «nature» and its «customs», being so «opposed» to those of Europe¹, generated the need to find practical answers of a unique kind. One of them was precisely the participation of the Society of Jesus in the Chinese-Japanese trade, which led the Pope himself (Gregory XIII) to claim that “(...) In Japan this should not be called trade, but rather medicine for the conversion of Souls (...)”².

In the rather extensive historiography on this issue, among which we find many foundational contributions, a considerable number of scholars have underlined the distinctive traits of the Japanese mission within the universe of the Portuguese Patronage of the East (*Padroado Português do Oriente*). These peculiar features are a result not only of its financial structure and the adoption of some local customs, but also from the number of individuals converted and its overall success in a particularly adverse political context³.

The arrival of Francisco Xavier (1506-1552) to Kagoshima in 1549, which marks the beginning of the Christian mission in Japan and of the influence of the Society of Jesus in the territory – which would last until 1614, when all the missionaries were expelled – needs to be framed within the wider context of the Portuguese Patronage of the East⁴. The juridical figure of the *Padroado* can be defined, in general terms, as a set of rights, privileges and duties the Holy See offers to the Portuguese Crown as a result of the latter’s investment in Catholic missions and churches in Africa, Asia and Brazil.

These rights and duties derived from a set of Papal Bulls and Briefs enacted between 1456 and 1514, and for which the only parallel, as far as overseas territories are concerned, is to be found in the Spanish Crown’s Royal Patronage. The Iberian crowns, then, took on the evangelisation of these territories, which entailed funding the missionaries to be sent there, the construction of places of worship and the expenses involved in the upkeep of the church hierarchy. Conversely, the monarchs could nominate bishops for vacant or newly-founded colonial Dioceses,

da Ordem de Cristo, a quem a maior parte destes privilégios haviam sido outorgados, detinham o direito de patronato sobre todos os postos, ofícios e benefícios eclesiásticos nos territórios ultramarinos inseridos no âmbito do Padroado que, na sua época de maior apogeu, em meados do século XVI, se estendia do Brasil até ao Japão. Um aspeto adicional importante residia no facto de nenhum missionário poder ser enviado para estas regiões sem a prévia autorização da Coroa portuguesa e, após esta ter sido concedida, fazê-lo unicamente a bordo de um navio português.

Xavier, que viria a ser conhecido como o “Apóstolo do Oriente”, parte para a Ásia em 1541, ou seja, no ano imediato ao do reconhecimento papal da Companhia de Jesus, e a sua obra enquadra-se na esfera do Padroado Português. Companheiro de Inácio de Loyola (1491-1556), os primeiros Jesuítas⁵ são contemporâneos do próprio Concílio de Trento, cujas decisões tomadas nas várias sessões havidas (1545-1547; 1551-1552 e 1561-1563) influenciaram decisivamente a forma de atuar da Igreja dentro e fora das fronteiras europeias⁶.

No Japão, o contingente da Companhia era de todos o mais numeroso, não apenas pela primazia da inauguração da missão e do investimento que os Jesuítas fizeram no território, mas pela decisão papal de, através da breve *Ex pastoralis officio nostro* de 28 de Janeiro de 1585, reservar a Missão do Japão à Companhia de Jesus, ameaçando com a excomunhão todos os religiosos que violassem esta prerrogativa⁷.

À semelhança do que aconteceu com os primeiros mercadores portugueses que começaram a comerciar no Japão numa base regular, também os Jesuítas procuraram um assentamento que servisse de ponto de partida para a missão do território. No entanto, em 1549, todo o país, e Kyūshū em particular, era palco de sucessivas contendas militares e do emergir de hegemonias de carácter regional, que só vieram a ser finalizadas com a conquista da ilha por Toyotomi Hideyoshi em 1587, cerca de trinta anos depois da entrada dos primeiros padres no arquipélago.

O que estava em causa era, no imediato, a sobrevivência da missão, que dependia em absoluto não apenas do apoio financeiro da própria Coroa, mas, no terreno, da proteção e auxílio financeiro de alguns grandes senhores⁸.

No dizer de Luís Fróis (1532-1597), autor de *Historia de Japam*, que compreende os primeiros 44 anos da missão, de 1549 até 1593, e que foi uma testemunha directa destes tempos conturbados “(...) como Japão hé tão revoltoso e cheio de guerras, nunca as couzas permanecem nelle em hum estado, antes em brevissimo tempo se revolvem (...)”⁹.

collect taxes and administrate some of the ecclesiastical taxes. The Portuguese monarchs, as kings, governors and custodians of the Military Order of Christ, to whom most privileges had been granted, held the right of patronage over all the ecclesiastical posts, all the burdens and benefits of the overseas territories included within frame of the *Padroado*, which, at its peak (around the mid-16th century), stretched from Brazil to Japan. A further crucial element was the fact that no missionary could be sent to these regions without the Portuguese Crown’s previous approval and, once it was granted, they could only take travel aboard a Portuguese ship.

Xavier, who would come to be known as the “Apostle of the East”, sets out to Asia in 1541, that is to say, only a year after the Pope had recognised the Society of Jesus, and his missionary work is carried out within the scope of the Portuguese *Padroado*. A companion to Ignatius of Loyola (1491-1556), Xavier, as indeed all the early Jesuits⁵, is a contemporary of the Council of Trent, whose decisions over a series of sessions (1545-1547; 1551-1552 and 1561-1563) had a decisive impact on the Church’s *modus operandi* both within and beyond European borders⁶.

In Japan, the Society’s contingent was by far the largest, not only as a result of its primordial role in the inauguration of the mission and of the Society’s substantial investment in the territory, but also because of the Pope’s decision, through his brief *Ex pastoralis officio nostro*, of 28 of January 1585, to offer the Society of Jesus the exclusive responsibility of the Mission of Japan, threatening with excommunication any clerics that failed to comply with this prerogative⁷.

Just as the first Portuguese merchants to regularly trade in Japan had done, the Jesuits attempted to find a settlement that could serve as a starting point for the evangelisation of the territory. However, in 1549, the whole country, and Kyūshū in particular, was rife with military conflicts in a context of emerging regional hegemonies that would only come to an end at the hands of Toyotomi Hideyoshi, in 1587, thirty years after the first Christian priests had entered the territory. What was at stake, first and foremost, was the survival of the mission, which was entirely dependent not only on the financial support of the Crown itself but also, on the ground, on the protection and financial assistance by some Japanese feudal lords (*daimyō*)⁸.

In the words of Luís Fróis (1532-1597), author of *Historia de Japam*, which covers the first 44 years of the mission, from 1549 to 1593, and offers a first-hand witness of these troubled times “(...) since Japan is so unruly and rife with war, in it things never remain in one state, but are soon transfigured (...)”⁹.

Em 1570, ano da morte de Cosme de Torres (1510-1570), o sucessor de Xavier na missão, e da sua substituição por Francisco Cabral (1533-1609), superior da missão entre 1570 e 1581, começa um novo período. Esta década corresponde a uma época de transição conturbada e o período mais lato que mediou os anos 1570-1587 pode ser entendido como o apogeu das relações luso nipónicas, com a intensificação e estreitar dos contactos nas vertentes comercial e religiosa, de que Nagasáqui é talvez um dos resultados mais evidentes¹⁰. Em termos da ação direta dos Jesuítas, entre 1570 e 1582 o número de convertidos ao Cristianismo quintuplicou, passando de cerca de 30.000 para 150.000, o que representava um caso que só tinha paralelo com Goa, a capital do Estado da Índia¹¹.

Este período coincide com o momento em que o jesuíta italiano Alessandro Valignano (1539-1606) chegou ao Japão na qualidade de Visitador da Companhia de Jesus no Extremo Oriente, cargo que desempenhou entre 1574 e 1606¹². Em 1579, quando Valignano inicia a primeira das três inspeções que efetuou à missão, opunham-se no território duas correntes com diferentes conceções sobre o método de evangelização a pôr em prática e o modo de relacionamento que se deveria adotar em relação à cultura e civilização nipónicas.

Uma destas correntes era encabeçada por Francisco Cabral, que defendia um modelo de carácter europeizante¹³, sem margem para aculturações, mais conforme às diretrizes contrarreformistas. A outra, maioritária, advogava uma adaptação dos missionários aos costumes locais. Valignano era partidário desta última via e foi ele quem oficializou o método da “acomodação” no Japão, um sistema de evangelização que se pautou por experimentalismos e que resultou mais das circunstâncias específicas encontradas, do que propriamente de um conjunto de regras previamente estipuladas. Longe de ser um “modo soave”, como Valignano o apelidou, a acomodação serviu fundamentalmente os propósitos dos Jesuítas em exercer a sua autoridade¹⁴.

Para que fosse plenamente eficaz, esta estratégia estendeu-se a vários campos, começando pela esfera da liturgia e da vivência quotidiana¹⁵, com ecos nos biombos japoneses com a representação do *kurofune* e das igrejas e residências jesuítas no Japão¹⁶. A miscigenação de práticas diferenciadas ao serviço da liturgia levou a que, tal como havia sucedido anteriormente com a introdução do Budismo no território, o Cristianismo tivesse adquirido contornos semelhantes, saldando-se no surgimento de algo de novo ou, como já foi apelidado, num “Cristianismo Japonês”¹⁷. No domínio da língua, resultaram obras

In 1570, year of the death of Cosme de Torres (1510-1570), Xavier’s successor in the mission, and his replacement by Francisco Cabral (1533-1609), head of the mission between 1570 and 1581, a new era begins. This decade is one of tumultuous transition and the wider period between 1570 and 1587 may be seen as the pinnacle of Portuguese-Japanese relations, with a growing intensity and proximity in their contacts, both on a commercial and religious plane, of which Nagasaki is perhaps one of the clearest outcomes¹⁰. In terms of direct action by the Jesuits, from 1570 to 1582 the number of Christian converts multiplied fivefold, from around 30,000 to 150,000, figures only comparable to Goa, the capital of the State of India¹¹.

This period coincides with the arrival of the Italian Jesuit Alessandro Valignano (1539-1606) to Japan, as the Society of Jesus’s “Overseer” or “Visitor” (*Visitador*) in the Far East, a position he held between 1574 and 1606¹². In 1579, when Valignano begins the first of three inspections he made of the mission, there were two opposed factions in the territory, that is to say, two conflicting currents of thought as to the method of evangelisation to be employed and to the way of relating to Japanese culture and civilization.

One of these factions was led by Francisco Cabral, who championed a European-centred model¹³, with no margin for acculturation, more in keeping with the guidelines of the Counter Reformation. The other faction, in the majority, defended that missionaries should adapt to the local customs. Valignano was aligned with the latter current, and in fact, it was he who made the “accommodation” model the official policy in Japan. This was an evangelisation system defined by a willingness to experiment, shaped according to specific circumstances rather than a set of predetermined rules. Far from being a “smooth way” (“il modo soave”) as Valignano called it, “accommodation” was at the service of the Jesuits’ purposes, being an effective instrument for the exercise of their authority¹⁴.

For it to be fully effective, this strategy had to be extended across several spheres, namely liturgical practice and everyday life¹⁵, something we find echoed in the Japanese folding screens, in the representation of the *kurofune* and of the Jesuit churches and homes in Japan¹⁶. The blending of distinct practices in the liturgical service meant that, as had been the case in the introduction of Buddhism in the territory, Christianity borrowed local features, emerging as something new, something that could be properly called a “Japanese Christianity”¹⁷. In the sphere of language, this is a period when a handful of pioneering reference works see the light of day, both within the study of the Japanese language – of which *Vocabulário*

pioneiras e referenciais tanto para o estudo da língua japonesa, de que são exemplos maiores o *Vocabulário de Lingoa de lapam* (o dicionário de português-japonês, denominado *Nippô Jishô*, publicado pelos jesuítas em Nagasáqui entre 1603-1604) e a *Arte da Lingoa de Japam*, de João Rodrigues (Nagasáqui, 1604), como no corpus da literatura missionária, que abrangia também a esfera científica¹⁸. Um enfoque igualmente particular foi colocado nas áreas da pintura, da música e do teatro, indelevelmente associadas ao funcionamento de um Seminário de Pintura que funcionou desde a década de 1590 até 1614, ano em que se mudou para Macau¹⁹. Alicerçada em instituições próprias – os seminários e colégios – e numa estrutura de ensino singular – a *Ratio Studiorum*²⁰– , o que estava em causa era uma forma de atuar distintiva de qualquer outra, exaltada pela própria Companhia, em consonância como o seu *díctum*: «Modo nostro, nostra consuetudine» («À nossa maneira, ao nosso hábito»)²¹.

Por volta de 1579, o número de japoneses convertidos rondaria os 100.000, incluindo-se neste cômputo todos aqueles que abraçaram a fé cristã seguindo a conversão dos seus senhores. Ou seja, decorridos apenas trinta anos da sua introdução no país, o Cristianismo havia-se tornado num movimento socialmente expressivo que começou a chamar a atenção dos líderes empenhados na unificação do território.

- Fróis, *Tratado em que se contêm muito sucinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes entre a gente de Europa e esta província de Japão*.
- Carta de Gregório XIII a Cláudio Aquaviva, datada de 1585. BA, Jesuítas na Ásia, 49-IV-56, fl.21, *apud* Leitão, *Do Trato Português no Japão presenças que se cruzam (1543-1639)*, p.134.
- Boxer, *The Christian Century in Japan 1549-1650*; Costa, *O Cristianismo no Japão e o Bispado de D. Luís Cerqueira*.
- Rego, *O Padroado Português do Oriente. Esboço Histórico*.
- O’Malley, *The First Jesuits*.
- Bourdon, *La Compagnie de Jésus et le Japon 1547-1570. La Fondation de la mission japonaise par François Xavier (1547-1551) et les premiers résultats de la prédication chrétienne sous le supériorat de Cosme de Torres (1551-1570)*.
- Costa, *O Cristianismo no Japão e o Bispado de D. Luís Cerqueira*, pp.685 e ss.
- Elisonas, “Christianity and the Daimyo”.
- Fróis, *Historia de Japam*, Vol.III, Cap.18: “De como veio o Padre Alexandre Valignano por vizitador de Japão, e do que em estas partes se começou a fazer com sua vinda”, p.129.

de Lingoa de lapam (a Portuguese–Japanese dictionary, called *Nippô Jishô*, published by the Jesuits in Nagasaki in 1603-1604) and *Arte da Lingoa de Japam*, by João Rodrigues (Nagasaki, 1604) are prime examples – and as part of the corpus of missionary literature, which also included scientific fields¹⁸. There was also a great degree of investment in the arts, namely painting, music and the theatre, areas inextricably linked with a Painting Seminar that was in place from the 1590s to 1614, when it moved to Macao¹⁹. Its distinctive institutional framework – the seminary and the college – and a unique educational structure – the *Ratio Studiorum* –²⁰ meant that their way of operating was no less singular, and for that very reason was exalted by the Society, in line with their motto: «Modo nostro, nostra consuetudine» («Our manner, our custom»)²¹.

In 1579, the number of Japanese converts was around 100.000, a number which includes all those who embraced the Christian faith in the wake of the conversion of their lords. In other words, only thirty years after its introduction in the country, Christianity had become a socially significant movement, which did not go unnoticed to the leaders committed to unifying the territory.

- Pacheco, *A Fundação do Porto de Nagasaqui e a sua cedência à Sociedade de Jesus*.
- Costa, Portugal e o Japão. *O Século Namban*, p.39 e ss.
- Üçerler, “Alessandro Valignano: man, missionary, and writer”.
- D’Ortia, *The Cape of the Devil. Salvation in the Japanese Jesuit Mission Under Francisco Cabral (1570-1579)*.
- Vu Thanh, “‘Il nous faut acquérir de l’autorité sur les Japonais’. Le problème de l’adaptation de la hiérarchie jésuite aux conditions religieuses et sociales japonaises.”
- López Gay, *La Liturgia en la Misión del Japón del Siglo XVI*.
- Curvelo, *Obras-primas dos Biombos Nanban. Portugal-Japão século XVII*.
- Ribeiro, *A Nobreza Cristã de Kyūshū. Redes de Parentesco e Acção Jesuítica*, p.2.
- Veja-se, por exemplo, Santos, *A Study in cross-cultural transmission of natural philosophy the Kenkon Bensetsu*.
- Curvelo, “Copy to Convert. Jesuit’s Missionary Artistic Practice in Japan”.
- Girard, “Collèges jésuites dans le Japon des XVIe et XVIIe siècles”.
- O’Malley (Ed.), *The Jesuits. Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1773*; Maryks (Ed.), *Exploring Jesuit Distinctiveness: Interdisciplinary Perspectives on Ways of Proceeding within the Society of Jesus*.

Página seguinte / next page:

Pregação de São Francisco Xavier em Goa
Saint Francis Xavier preaching in Goa

Reprodução de tela de André Reinoso pertencente à série de 20 pinturas representando episódios da vida de S. Francisco Xavier, situadas no espaldar dos arcazes da sacristia seiscentista da igreja de S. Roque.

Lisboa, c. 1619

Reproduction of a canvas by André Reinoso belonging to the series of 20 paintings depicting episodes of St. Francis Xavier's life, located in the backrest of the arks of the 16th-century sacristy church of S. Roque.

Lisbon, c. 1619

André Reinoso

(ativo entre 1610 e 1641 / active between 1610 and 1641)

Óleo sobre tela / Oil on canvas

104 x 165 cm

Santa Casa de Misericórdia / Museu de S. Roque, inv.096

Fotografia / Photography © SCM/MSR





Tempestade da viagem de São Francisco Xavier do Japão para a China
Saint Francis Xavier's stormy journey from Japan to China

Reprodução de tela de André Reinoso pertencente à série de 20 pinturas representando episódios da vida de S. Francisco Xavier, situadas no espaldar dos arcazes da sacristia seiscentista da igreja de S. Roque.

Reproduction of a canvas by André Reinoso belonging to the series of 20 paintings depicting episodes of St. Francis Xavier's life, located in the backrest of the arks of the 16th-century sacristy church of S. Roque.

Lisboa / Lisbon, c. 1619

André Reinoso

(ativo entre 1610 e 1641 / active between 1610 and 1641)

Óleo sobre tela / Oil on canvas

104 x 165 cm

Santa Casa de Misericórdia / Museu de S. Roque inv. 109

Fotografia / Photography © SCM / MSR



São Francisco Xavier pregando na corte japonesa do Daimyō de Yamaguchi
Saint Francis Xavier Preaching at the Court of the Daimyō of Yamaguchi

Reprodução de tela de André Reinoso pertencente à série de 20 pinturas representando episódios da vida de S. Francisco Xavier, situadas no espaldar dos arcazes da sacristia seiscentista da igreja de S. Roque.

Reproduction of a canvas by André Reinoso belonging to the series of 20 paintings depicting episodes of St. Francis Xavier's life, located in the backrest of the arks of the 16th-century sacristy church of S. Roque.

Lisboa / Lisbon, c. 1619

André Reinoso

(ativo entre 1610 e 1641 / active between 1610 and 1641)

Óleo sobre tela / Oil on canvas

104 x 165 cm

Santa Casa de Misericórdia / Museu de S. Roque inv. 107

Fotografia / Photography © SCM / MSR



Taça batismal com caranguejo de São Francisco Xavier, a cruz e o monograma IHS
Baptismal bowl with crab of St. Francis Xavier, cross, and Jesuit IHS symbol

Japão / Japan, c. 1650
Grés polido e vidrado
Polished and glazed stoneware
18 x Ø 29,2 cm
Coleção Particular / Private Collection
Fotografia / Photography @ Pedro Lobo



Francisco Xavier (1506-1552), um dos fundadores da Companhia de Jesus, foi quem lançou a missão cristã no Japão em 1549. O processo de canonização de Xavier, que data de 1622, iniciou-se a pedido de D. João III, quando os Jesuítas já tinham começado a coligir material para uma biografia do "Apóstolo do Oriente". É na construção desta narrativa que surge o milagre do caranguejo, segundo o qual, durante uma tempestade nas Molucas, Xavier lançou ao mar a sua cruz no momento de maior aflição, vindo a recuperá-la após um caranguejo a ter trazido até terra.

Francis Xavier (1506-1552), one of the founders of the Society of Jesus, inaugurated the Christian mission in Japan in 1549. The process of canonization of Xavier, dating from 1622, began at the request of King John III when the Jesuits had already begun collecting material for a biography of the "Apostle of the East." It is in the construction of this narrative that the crab miracle arises, according to which, during a storm in the Moluccas, Xavier threw his cross in the sea in the moment of greatest distress, coming to recover it after a crab brought it to shore.

Par de estribos

Pair of stirrups

Japão, final do século XVI / início do século XVII

Japan, late 16th / early 17th century

Ferro, laca, madrepérola

Iron, lacquer, mother of pearl

25 x 30 x 13 cm

Coleção particular / Private collection

Fotografia / Photography @ José Luis Samagaio

Tal como na Europa, também no Japão os estribos faziam parte dos acessórios tradicionais usados pela nobreza e classes abastadas, sendo utilizados em disputas militares, como adereços cerimoniais ou simplesmente no dia a dia. Este par apresenta uma cruz vazada em cada estribo, indiciando as convicções cristãs do seu encomendador e testemunhando a aliança de alguns grandes senhores japoneses com a missão cristã.

As in Europe, also in Japan, stirrups were part of the traditional accessories used by the nobility and wealthy classes, being used in military disputes, as ceremonial props or simply day-by-day. This pair presents a cross in each stirrup, indicating the Christian convictions of their commander and witnessing the alliance of some Japanese landlords with the Christian mission.





Oratório de pendurar
Hanging Oratory
Japão, finais do século XVI
Japan, late 16th century
Madeira, laca e pintura
Wood, lacquer and painting
51,3 x 68,8 cm (aberto / open)
Museu de Artes Decorativas Portuguesas /
Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, inv. 1186
Fotografia / Photography © MADP / FRESS



Pixide ou caixa para hóstias
Pyx or host box

Japão, final do século XVI
Japan, late 16th century

Madeira de olmo japonês, lacada a preto, decorada com laca dourada e incrustações de madrepérola
Japanese elm wood, lacquered in black, decorated with gold lacquer and inlaid mother of pearl
9 x Ø 11,4 cm

Jorge Welsh Works of Art, Lisbon/London
Fotografia / Photography © JWVA



Cruz
Cross

Japão, século XVII
Japan, 17th century

Ferro, espelho / Iron, mirror
30 x 18 cm

Coleção privada / Private collection
Fotografia / Photography © Pedro Lobo

Atriz de teatro kabuki
Kabuki theater actress
Japão, Escola Kanō, 1º quartel do século XVII
Pintura a têmpera e folha de ouro sobre papel colado
em madeira
Japan, Kanō School, 1st quarter of the 17th century
Tempera painting and gold leaf on wood glued paper
77 x 44 cm
Coleção Paul Thiran
Paul Thiran Collection
Fotografia / Photography ©Luísa Oliveira ADF/DGPC



SEPTENTRIO

IAPPONIAE
Nova & accurata descriptio
Per R.P. Antonium Franciscum Cardem
Societatis IESV
Ad Flogia Iaponica

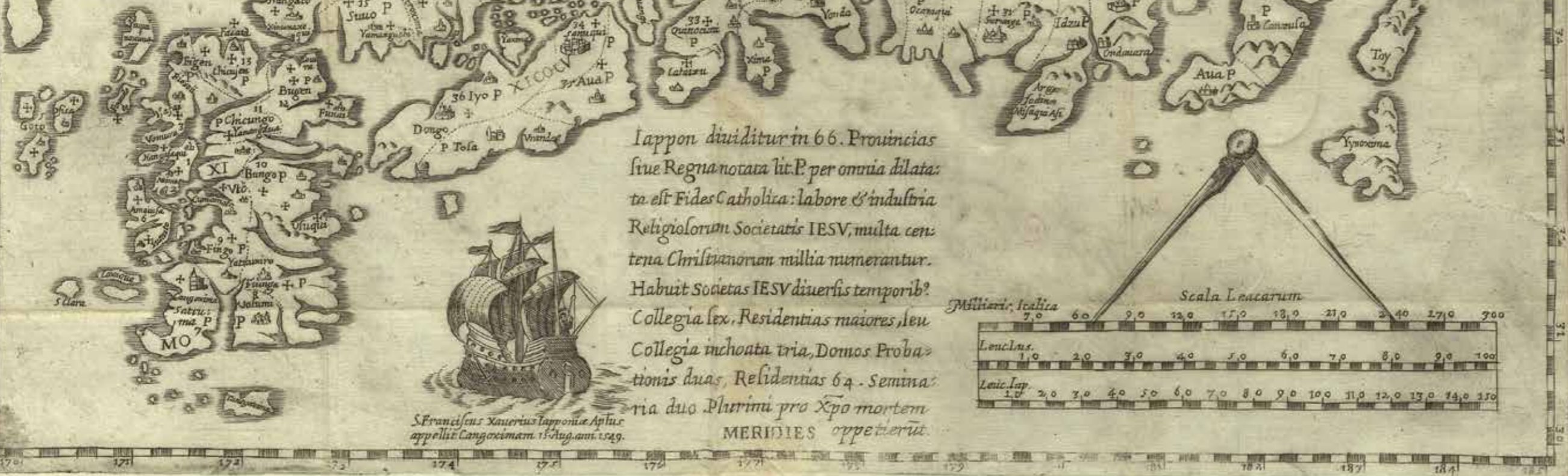
34. In Regno Sanuga Ecl^{as}
35. In Regno Aua Ecclesi^{as}
36. In Regno Iyo in Civitate
Dongo Resid. et Ecclesi^{as}
In ceteris Regnis praecipue
in Vozu, et Dna. et in Izo
sunt Christiani: vocata hoc
tempore persecutionis que
incepit anno 1.612.

- Habuit Societas IESV
1. In Regno Figen in Cuius
tate Nangalaqui Collegi^{um}
Domum Probationis, Domu^m
Misericordie, et Hospitalis
et in territorio Residencias
lex, et multa Ecclesi^{as}
no tata Agno +
 2. In Arima Civitate Colle
gium, et Seminarium, et
in ditione eius Residencias
septem, et multas Ecclesi^{as}
 3. In Vomura Civitate Col
legium, et in ditione Resid^{as}
quingz, et multas Ecclesi^{as}
 4. In Cuius Firanda Colinhoc
atu Resid^{as} 2. et multas Ecclesi^{as}
 5. In Insulis Goto Resid. 2. et in
supradictis Ecclesi^{as} publicati
erat Concilium Tridentinum.
 6. In Amatsusa Resid. 2. et Ecc^{as}
 7. In Regno Satsuma in Cuius
Langoxima Resid. et Ecc^{as}
 8. In Regno Fungu Resid. et Ecc^{as}
 9. In Regno Fingo in Cuius
Colleg. et in ditione Resid^{as}
decem, et multas Ecclesi^{as}
 10. In Regno Bungo in Cuius
Usuque Colleg. in Fima Dom
mum Probac. et in ditione
Resid. quingz, et mult. Ecc^{as}
 11. In Regno Chiango Resid.
et aliquas Ecclesi^{as}.
 12. In Regno Iygen in Cuius
Coara Collinhocatu et Res^{as}
2. et Ecclesi^{as}
 13. In Regno Chucujen in Cuius
Fauata Collinhocatu, et
Resid. 3. et Ecclesi^{as}
 14. In Regno Nangato in
Cuius Nomonecaqui Resid.
et Ecclesi^{as}.
 15. In Regno Suuo in Cuius
Yamaguchi Resid. et Ecc^{as}
 16. In Regno Aqiu in Cuius
Firoxima Resid. et Ecclesi^{as}
 17. In Regno Bitchu Ecc^{as}
 18. In Regno Bijen Ecclesi^{as}
 19. In Regno Farima Resid.
et Ecclesi^{as}.
 20. In Regno Tsunocumi in
Cuius Ozaca Resid. et altera
in Crim. Sacai.
 21. In Regno Cauachi Ecc^{as}
 22. In Regno Yamaxiro in
Metropoli Mino Coll. et in
eadem Resid. et aliam in
Cuius Fucumi, et Ecclesi^{as}
 23. In Regno Tamba Ecc^{as}
 24. In Regno Voni in Cuius
Anoxuqui Resid. et Seminarium
 25. In Regno Uaiala Ecc^{as}
 26. In Regno Yechijon Ecc^{as}
 27. In Regno Canga in Cuius
Canazava Resid. et Ecclesi^{as}
 28. In Regno Moto Ecclesi^{as}
 29. In Regno Mino in Cuius
Quifu Resid. et Ecclesi^{as}
 30. In Regno Vouari in Cuius
Quiyolu Resid. et Ecclesi^{as}
 31. In Regno Suviga Cuius
Imperatoris Dabu Resid. et
Ecclesi^{as}.
 32. In Regno Mulaxi in
Luria Yendo Imperatoris
Xogun Resid. et Ecclesi^{as}.
 33. In Regno Quinocumi Res^{as}
sidentium, et Ecclesi^{as}.

Pars Corae

OCCIDENS

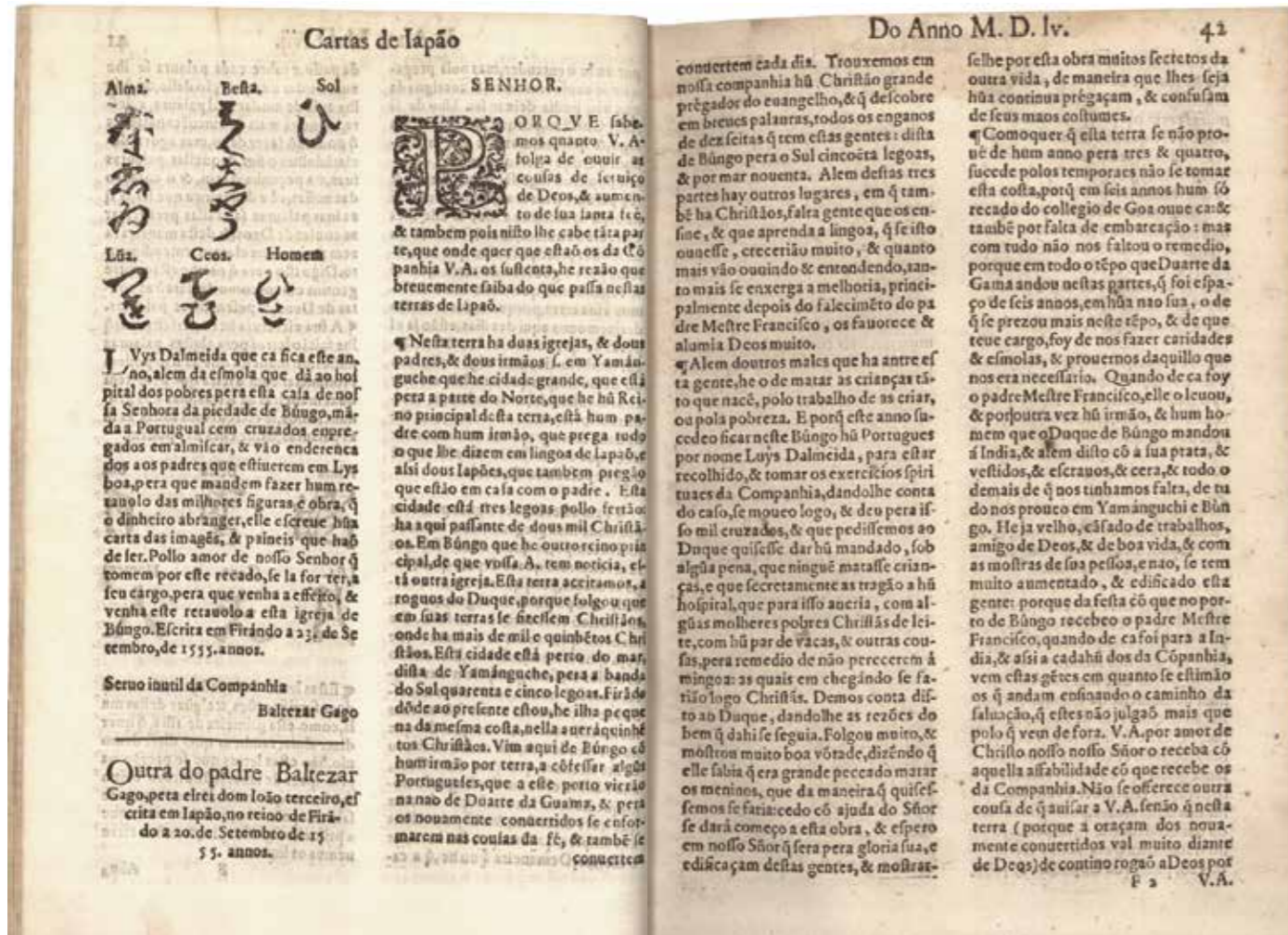
ORIENS



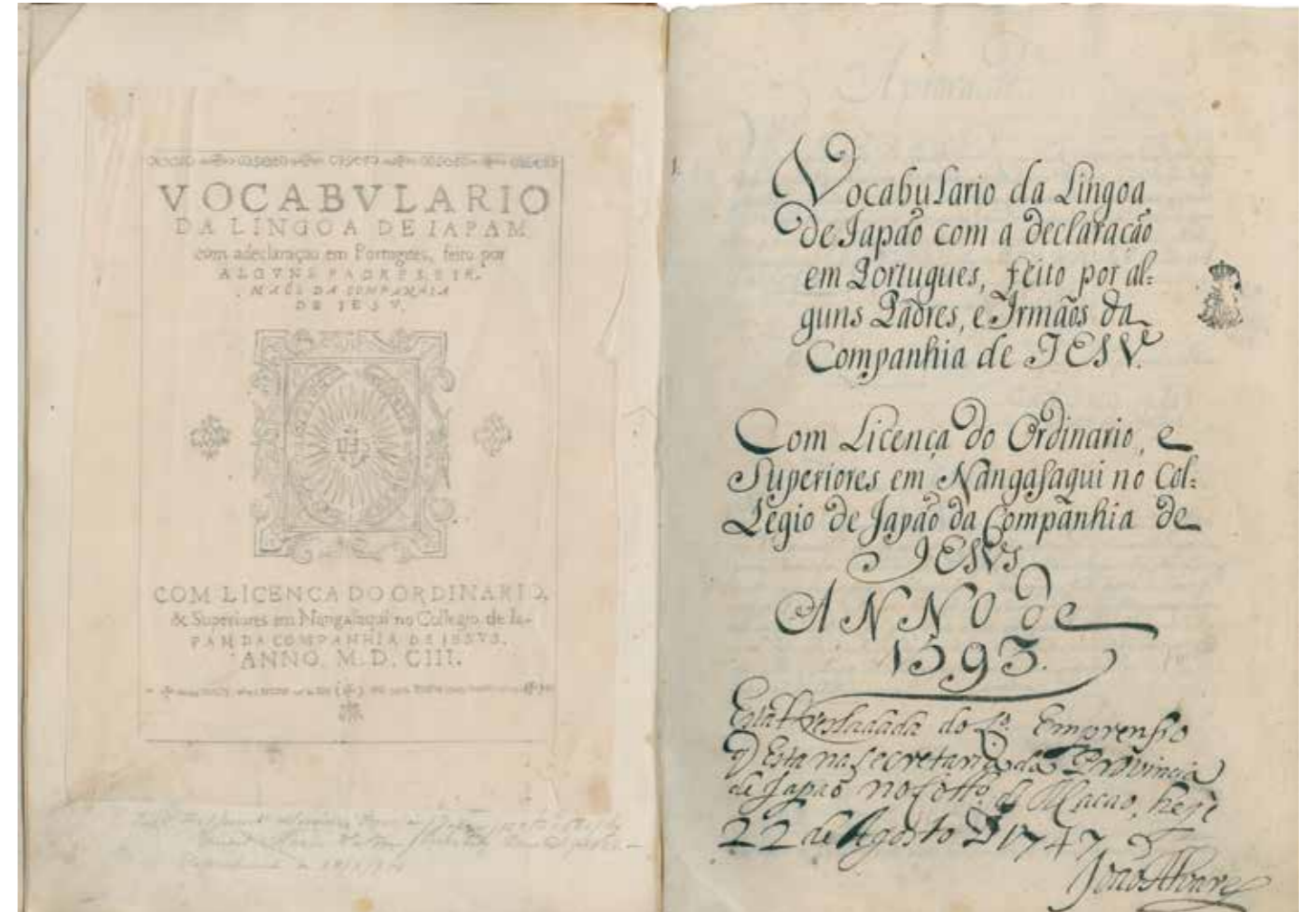
Iappon dividitur in 66. Provincias
sive Regna notata lit. P. per omnia dilata:
ta est Fides Catholica: labore & industria
Religiosorum Societatis IESV, multa cen
tena Christianorum millia numerantur.
Habuit Societas IESV diuersis temporib?
Collegia lex, Residentias maiores, seu
Collegia inchoata tria, Domos Proba
tionis duas, Residentias 64. Semina
ria duo. Plurimi pro Xpo mortem
MERUITES oppeterunt.

S. Franciscus Xaverius Iaponiae Ap. Luc
appellat Langoximam 15. Aug. anni 1549.

Iapponiae nova et accurata
descriptio. (Romae: Typis Heredum
Corbelletti, 1646?)
Antonio Francisco Cardem
1 mapa em folha de / 1 map sheet of
30,10 x 44,20 cm
Biblioteca Nacional de Portugal, C.C.
809 V



Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Iesus que andão nos reynos de Iapão ascreuerão aos da mesma Companhia da Índia e Europa des do anno de 1549 até o de 1580. Évora: por Manoel de Lyra, 1598. Letters written by the priests and brothers of the Society of Jesus who are in the kingdoms of Japan to the same Company of India and Europe from the year 1549 until the year 1580. Évora: by Manoel de Lyra, 1598. 27 x 37,2 cm Biblioteca Nacional de Portugal, RES 401v.



Vocabulário da Língua de Japan com a declaração em Portuguez, feito por alguns Padres, e Irmãos da Companhia de IESU com a licença do Ordinário, e Superiores em Nangasaqui no Collegio de Iapam da Companhia de IESU. Anno de 1593. (and from fl. 657a) Suplemento deste Vocabulário. Japão / Japan, 1604 Vocabulary of the Japanese Language with the declaration in Portuguese, made by some Priests, and Brothers of the IESU Company with the license of the Ordinary, and Superiors in Nangasaqui at the College of Iapam of the Company of JESUS. Year of 1593. [and from fl. 657a] Suplemento to this Vocabulary. Biblioteca da Ajuda, BA 38-IV-19



Cofre-Relicário
Reliquary casket
 Japão, século XVI/XVII
 Japan, 16th / 17th century
 Madeira lacada a negro, madrepérola,
 ferragens de cobre dourado.
 Black lacquered wood, mother-of-pearl,
 gild copper mounts.
 15,2 x 23 x 13,2 cm
 Santa Casa da Misericórdia /
 Museu de São Roque, inv. RL.272
 Fotografia / Photography © SCM /MSR

Relicário de S. João Goto e S. Diogo Kisai
Reliquary of St. John Goto and St. Diogo Kisai
 Roma / Rome, 1753-1755
 Prata, madeira / Silver, wood
 Museu Nacional de História Natural
 e da Ciência da Universidade de Lisboa, Lisboa
 43,5 x 16,5 x 9 cm
 Museu Nacional de História Natural
 e da Ciência / Universidade de Lisboa, inv. 6
 Fotografia / Photography © SCM /MSR

João de Goto e Diogo Kisai, ambos japoneses, fizeram parte do primeiro grupo de 26 cristãos executados publicamente em Nagasáqui em 1597. À data da crucificação encontravam-se há vários anos ao serviço da Companhia de Jesus no Japão. Muito embora no contexto pós-tridentino a aprovação de novos cultos devocionais fosse muito restritiva, o grupo foi beatificado pelo Papa Urbano VIII em 1627. Este gesto da Cúria Roma, bem como a circulação das suas relíquias, testemunham a aceitação na Europa Católica da realidade martirológica no Japão.

João de Goto and Diogo Kisai, both Japanese, were among the first group of 26 Christians executed publicly in Nagasaki in 1597. At that time both were members of the Society of Jesus in Japan for long ago. Although after the Council of Trent the approval of new devotional cults was very restrictive, the group was beatified by Pope Urban VIII in 1627. This gesture by the Roman Curia, as well as the circulation of its relics, testifies the recognition of martyrdom in Japan.



A Missão Cristã no Japão

The Christian Mission In Japan (1614-1650)

ANA FERNANDES PINTO

Quando, em 1549, Francisco Xavier estabeleceu a missão no Japão, o arquipélago encontrava-se assolado pela guerra civil. A fragmentação política permitia que a hostilidade de algum guerreiro fosse facilmente compensada pelo bom acolhimento por parte de um outro seu vizinho. Esta foi uma das razões para o sucesso da evangelização missionária. Por sua vez, o padrão religioso nipónico assentava no sincretismo, visível na combinação de elementos de várias tradições. A introdução de mais uma religião não era por isso estranha aos nipónicos. Mais ainda, os jesuítas rapidamente se acomodaram ao Japão, fosse adaptando-se práticas locais, fosse respeitando as tradições. Na viragem para o século XVII a missão do Japão era a mais bem-sucedida de entre todas as missões católicas ultramarinas. Este sucesso viria, porém, a ser coartado pela reunificação militar do Japão, que implicou um processo de regresso à centralização política e a imposição de um regime de cariz autoritário.

A intransigência das autoridades políticas do Japão para com os missionários e o Cristianismo evoluiu a par do processo de unificação do arquipélago. Oda Nobunaga, guerreiro que iniciou a reunificação do território, sempre tolerou e tirou partido da presença dos missionários, que lhe facultavam bens exóticos e conhecimentos. Foi Toyotomi Hideyoshi (1536-1598), sucessor de Oda Nobunaga (1534-1582) no controlo dos destinos do Japão a partir de 1582, quem deu os primeiros sinais de desconfiança relativamente ao Cristianismo. Hideyoshi fora a primeira autoridade capaz de controlar política e militarmente a totalidade do arquipélago nipónico desde o deflagrar da guerra civil de Ōnin (1467). Nesse contexto de afirmação, um enredo de acontecimentos que envolveu missionários e mercadores cristãos foi entendido pelo unificador como sinal de ambição político-militar. Assim se enquadra a alteração da atitude de Toyotomi Hideyoshi para com os missionários, de condescendente a perseguidor, emitindo a primeira ordem de execução pública de um grupo de cristãos em 1597. Tratou-se, porém, de uma medida pontual.

No ano seguinte morre Hideyoshi, abrindo porta a um novo período de consolidação política e militar, agora pela mão de Tokugawa Ieyasu (1543-1616), primeiro xogum de uma dinastia que conseguiu controlar e garantir a paz no Japão por mais de 200 anos. A pretexto de garantirem a tranquilidade, os Tokugawa impuseram um regime autoritário e empenharam-se em controlar todas as esferas da sociedade nipónica, reprimindo os excessos de protagonismo e os comportamentos considerados desviantes¹. É neste novo contexto que o Cristianismo passou a ser entendido como subversivo à ordem social:

When, in 1549, the Jesuit Francis Xavier founded the Catholic mission of Japan, the archipelago had been ravaged by civil war for nearly a century. This political fragmentation meant that while the missionaries may have been greeted with hostility by some warlords, they could just as easily receive a warm welcome from a neighbouring authority. This is undoubtedly one of the reasons for the success of the Christian evangelization. To this we can add the fact that the religious landscape of Japanese was defined by syncretism. As elements from different belief systems were weaved together, the introduction of another religion was not regarded as strange by the Japanese. Further still, the Jesuits accommodated themselves to Japan, showing respect for their traditions and a willingness to adapt to local customs. At the turn of the 17th century, the mission in Japan was the most successful of all the overseas Catholic missions. This success, however, would eventually be curbed by the military reunification of Japan, which brought about a return to political centralisation and the imposition of an authoritarian regime in the country.

The intransigence shown by political authorities in Japan towards missionaries and Christianity evolved alongside the unification of the archipelago. Oda Nobunaga, the daimyo who began the process of unifying the territory, always tolerated and indeed took advantage of the presence of missionaries, from whom he obtained both exotic goods and knowledge. It was Toyotomi Hideyoshi (1536-1598), successor to Oda Nobunaga (1534-1582) in steering the course of Japan's fate from 1582, who showed the first signs of mistrust towards Christianity. Hideyoshi was indeed the first leader capable of controlling the whole of the Japanese archipelago, both politically and militarily, since the outbreak of the Ōnin civil war (1467). Against this background of affirmation, a complex set of events that involved Christian missionaries and merchants was interpreted by the unifying leader as an index of political and military ambition. This is framework that explains the shift in attitude towards the missionaries on the part of Toyotomi Hideyoshi, from condescension to persecution. He issued the first order of public execution of a group of Christians in 1597 – although it was, at this point, a one-off measure.

Hideyoshi dies the following year, clearing the path towards a new period of political and military consolidation, now at the hands of Tokugawa Ieyasu (1543-1616), first *shogun* of a dynasty that managed to control and preserve peace in Japan for a period of over 200 years. Under the pretext of maintaining peace and order, the Tokugawa established an authoritarian regime and were committed

os cristãos nipônicos, quando confrontados, não hesitavam na lealdade à sua religião em detrimento do xogum; o Cristianismo era além do mais uma religião monoteísta que conflituava com a tradição nipônica para o sincretismo religioso. A 1 de Fevereiro de 1614, Ieyasu decretava a expulsão dos missionários, a destruição das igrejas e a obrigatoriedade dos cristãos japoneses de abjurar a fé cristã. Os cristãos que insistiam perseverar, passaram a ser considerados pelo regime como gente desleal, desordeira e transgressora.

Se a partir de 1614 os cristãos no Japão passaram a viver sob coação e sujeitos a violências, a perseguição foi regra geral pontual, no tempo e no espaço, durante a década seguinte². A sorte dos cristãos dependia de quem controlava a região em que habitavam, havendo autoridades mais empenhadas do que outras na descoberta de detratores. Só a partir de 1625 se pode falar em perseguição generalizada e sistemática, fruto de uma nova dinâmica imposta pelo xogum Tokugawa Iemitsu. A proibição do Cristianismo ascendeu a política do governo, tendo implicações tão vastas quanto a expulsão dos mercadores castelhanos (1623), mais tarde dos portugueses (1639), e a imposição de uma política isolacionista que passava pelo controlo rigoroso das relações com o exterior (*sakoku*).

O entendimento dos cristãos como transgressores legitimou o uso da punição e o recurso à violência. No regime Tokugawa as atitudes não deferentes e desobedientes para com as autoridades eram regra geral punidas com severidade extrema constituindo-se a execução a punição por excelência³. As formas de punir cristãos e missionários não introduziu nenhuma novidade no sistema penal nipônico⁴. O método de suspensão (*haritsuke*), similar à crucificação, era desde há muito usado no Japão e na época aplicava-se na punição de catorze tipos de crimes, entre os quais a conspiração, precisamente o delito de que os cristãos eram acusados pelos Tokugawa. Foi frequentemente aplicado aos cristãos e só foi abandonado pelas autoridades como método preferencial pelo entusiasmo que suscitava junto dos cristãos nipônicos, que viam nesta forma de execução o paralelo com o suplício de Cristo. A cruz foi substituída por colunas, às quais os cristãos eram atados e sujeitos a outro tipo de suplícios. Apenas com o xogum Iemitsu se alterou a estratégia de (simples) punição para o tormento público, tornando-se o horror o método para persuadir os cristãos a abjurar a fé⁵. Além disso, foram impostos esquemas de controle e de vigilância de que se destaca a prática do *fumie*, isto é, pisar a imagem de Cristo ou da Virgem, ou a obrigação de todo o chefe de família se inscrever num templo budista (*terauke seido*)⁶.

to taking control over all spheres of Japanese society, repressing all those they saw as gaining too prominent a role or who strayed from the accepted bounds of behaviour¹. It is against this new background that Christianity came to be understood as subversive and threatening to the social order: Japanese Christians, when pressed, did not hesitate to pledge their allegiance to their religion rather than to the *shogun*; moreover, Christianity was a monotheist religion, which ran counter to the Japanese tradition of religious syncretism. On February 1, 1614, Ieyasu ordered the expulsion of the missionaries and the destruction of churches, while Japanese converts were forced to renounce the Christian faith. Christians who remained faithful were branded as disloyal, disorderly and subversive.

While Christians in Japan started to live under duress and subject to violence from 1614 onward, persecution over the following decade was episodic and patchy². The fate of Christians' hanged on whoever controlled the region they lived in, as some authorities were much more committed to chasing down offenders than others. Only after 1625 can one speak of a generalised and systematic persecution, the outcome of a new dynamic established by the *shogun* Tokugawa Iemitsu. The prohibition of Christianity became a matter of government policy, with far-reaching consequences, such as the expulsion of Spanish merchants (1623), Portuguese ones (1639), and the imposition of an isolationist policy that implied a strict control over relations with the outside world (*sakoku*).

The branding of Christians as offenders legitimated punishment and a widespread use of violence against them. In the Tokugawa regime, undeferential or disobedient attitudes towards authorities were usually dealt with severely, execution being the default penalty³. The forms of punishment used on Christians and missionaries was not new in the Japanese penal system⁴. The method of *haritsuke*, for example, similar to crucifixion, had long been established in Japan, and at the time was applied as a penalty to no less than fourteen types of crime, among them conspiracy, the offence Christians were charged with by the Tokugawa. This form of punishment was often used on Christians and would only be abandoned by the authorities as their preferential method because of the enthusiasm it stirred among Japanese Christians, for whom this form of execution echoed Christ's suffering at the cross. The cross was replaced by columns, to which Christians were tied and then subjected to other types of torment. Only with *shogun* Iemitsu did the strategy of (mere) punishment give way to public torture, horror becoming a purposeful method of persuading Christians

Aos cristãos restava apenas a possibilidade de vivência oculta do Cristianismo.

Desde a primeira execução pública, notícias sobre as práticas anticristãs circularam na Europa Católica com base em testemunhos de mercadores e a partir de relatos redigidos por missionários que permaneciam ocultos no arquipélago. No imediato as execuções foram apelidadas de martírio, e os missionários e os cristãos nipônicos de mártires. Na Europa era amplamente divulgado que uns e outros escolhiam a morte em lugar de trair a fé ou praticar algum ato contra a virtude de Deus, independentemente da violência exercida, que aceitavam com alegria o sofrimento infligido, e que confessavam-se previamente⁷. Esta narrativa laudatória e de teor místico teve o seu expoente máximo em obras de género martirológico, onde se catalogava e biografava os indivíduos mortos pela fé, e inclusive se ilustrava os tipos de sofrimentos infligidos, de que a obra de António Francisco Cardim *Elogios E Ramalhete de Flores borrifado com o sangue dos Religiosos da Companhia de Jesu* é o melhor exemplo⁸.

A ampla circulação da narrativa sobre os mártires do Japão na Europa e a sua tradução para línguas vernaculares explica-se pela sua conveniência no contexto reformista em que se vivia. As guerras religiosas entre protestantes, anabatistas e católicos, que tinham vitimado entretanto milhares de indivíduos, dera origem à proliferação de textos, sermões e panfletos, nos quais todas as confissões envolvidas no conflito religioso europeu consideravam mártires os cristãos executados em nome da sua fé⁹. A apologia do martírio no Japão impunha-se por isso. A descrição daqueles acontecimentos ocorridos num lugar tão longínquo remetia para o exemplo da Igreja Primitiva, e desse modo reforçava a verdade, a universalidade e o triunfo da Igreja Católica. Mais ainda, a narrativa sobre a aquela realidade era também inspiradora da espiritualidade da *devotio moderna*, centrada na imitação da vida de Cristo e sobretudo na meditação da Paixão, tão valorizada pelos poderes envolvidos na renovação católica¹⁰. A Cúria Romana viria a reconhecer a realidade martirológica quando, em 1627, beatificou o primeiro grupo de mártires, os que tinham sido executados aquando da primeira execução pública, em 1597¹¹. Um gesto com tanto ou mais significado, quanto o empenho de Roma em reagir às críticas dos Protestantes à apetência católica para a veneração e invocação de mártires e santos impondo-se o controlo rigoroso no processo de autenticação dos mártires. Igualmente central à valorização dos mártires do Japão foi a concomitante descoberta das catacumbas cristãs, que promoveu o interesse e a circulação de relíquias. As relíquias tinham sido reafirmadas pelos poderes

to renounce their faith⁵. Furthermore, various forms of control and surveillance were put in place, among which the practice of *fumie*, which meant stepping on the image of Christ or the Virgin, or the obligation of all heads of family to register in a Buddhist temple (*terauke seido*)⁶. All that was left to Christians was the possibility of living their faith in secrecy.

From the time of the first public execution, news about anti-Christian practices in Japan began to spread throughout Catholic Europe, based on merchants' testimonies and accounts by missionaries that remained in the archipelago clandestinely. The executions were immediately regarded as martyrdom, and the missionaries and Japanese Christians were, therefore, recognised as martyrs. In Europe there were widespread accounts of how they all chose to die rather than betray their faith or perform any act contrary to God's will, regardless of the violence they were subjected to, how they joyfully endured the pain, having previously made their confession⁷. The laudatory and mystical traits of these narratives reached their peak in martyrological works, where individuals killed for their faith are listed, and an account of their lives offered, at times even including illustrations of the types of torments inflicted, of which the works by António Francisco Cardim *Elogios E Ramalhete de Flores borrifado com o sangue dos Religiosos da Companhia de Jesu* is the foremost example⁸.

The widespread circulation of narratives on the martyrs of Japan across Europe and their translation into several vernacular languages can be explained by their convenience in the reformist context of the time. The religious wars between Protestants, Anabaptists and Catholics, which had themselves taken thousands of lives, gave rise to the proliferation of texts, sermons and pamphlets where each of the confessions involved in the European religious conflict reclaimed the Christians executed for their faith as their martyrs⁹. It is this background that explains how apology of martyrdom in Japan established itself. The description of these events, in such a remote place, reverberated the example of the Primitive Church, and thus cemented the truth, the universality and the triumph of the Catholic Church. Moreover, this narrative could also serve as a source of inspiration for the spirituality of the *devotio moderna*, centred on the imitation of the life of Christ and, in particular, on the devotion to the Passion of Christ, so pivotal to the authorities involved in the Catholic religious renewal¹⁰. The Roman Curia would recognise this martyrological reality when in 1627 it beatified the first group of martyrs, victims of the first public execution in 1597¹¹. This gesture carried all the more weight against a background

envolvidos na renovação católica como um intercessor que garantia ajuda e proteção, porque corporizavam a piedade centrada na imitação da Paixão de Cristo¹².

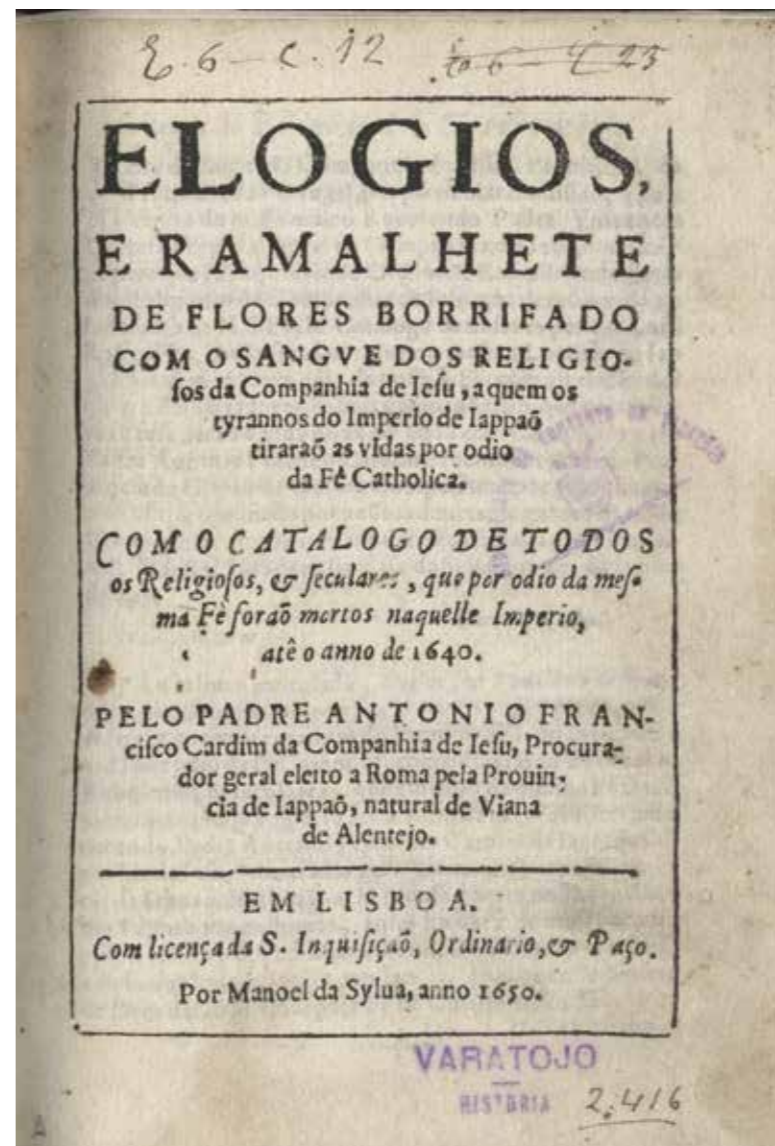
Para garantir a sobrevivência, os cristãos obrigaram-se à apostasia exterior, a adotar no quotidiano práticas e rituais xintoístas e budistas, a identificar a iconografia cristã combinada e dissimulada noutras iconografias da religiosidade nipónica, a reorganizarem a sua vida cristã na ausência de missionários. Estas comunidades, assim se mantiveram até ao século XIX, momento em que o Japão, no âmbito da abertura ao exterior, sancionou a profissão do Cristianismo (1873).

Em 1640, a reboque da Restauração, Portugal procurou reatar as relações com o Japão, organizando a primeira embaixada oficial. O embaixador Gonçalo de Siqueira de Sousa, que partira de Lisboa em 1640, aportou em Nagasáqui em Julho de 1647. Diversas vicissitudes explicam este hiato de tempo, nomeadamente o debate em Goa e em Macau sobre se o embaixador deveria ou não afirmar junto o xogum que nunca nenhum comerciante transportaria missionários. Tendo Siqueira acabado por não se comprometer, o xogum não recebeu a embaixada e os dois galeões regressaram em Lisboa em 1650, dez anos depois de terem iniciado a viagem. Em face da determinação nipónica, D. João IV não voltou a insistir.

where Rome was committed to answering Protestant criticisms of the Catholic Church's excessive veneration of saints and martyrs, exerting a much stricter control over the process of recognition of martyrs. Just as important to the valorisation of martyrdom in Japan was the parallel discovery of Christian catacombs, which sparked the interest in, and the circulation of, relics. The role of relics had been reasserted by the authorities that led the Catholic apostolic renewal, as intercessors in seeking divine help and protection, because they embodied a form of piety centred on the imitation of the Passion of Christ¹².

To survive, Christians were forced to external apostasy. They adopted Shinto and Buddhist practices and rituals in their everyday, learned to recognise Christian iconography concealed in other iconographies in Japanese religious practices, and reorganised their Christian lives in the absence of missionaries. And so these communities continued until the 19th century, when Japan lifted the prohibition of professing the Christian faith as the country opened up to the outside world (1873).

In 1640, in the wake of the *Restoration*, Portugal sought to restore its relationship with Japan by putting together a first official diplomatic mission. Ambassador Gonçalo de Siqueira de Sousa, who left Lisbon in 1640, arrived in Nagasaki in July 1647. A series of complications explain this seven-year gap, namely a debate in Goa and Macao as to whether the ambassador should attest to the *shogun* that no merchant would ever transport missionaries into the country. Since Siqueira ultimately decided not to offer his word on this matter, the *shogun* refused to receive the mission and the two galleons made their way back to Lisbon, where they arrived in 1650, ten years after their departure. Given how adamant the Japanese had been in their position, D. João IV thought best not to insist.



1 Nosco, "Early Modernity and the State's Policies toward Christianity," pp.7-21. Ôhashi, "Orthodoxie, hétérodoxie et Kirishitan: maintien del'ordre et prohibition du Christianismo dans le Japon moderne", pp.131-160.
2 Pinto, «*Tragédia mais Gloriosa que Dolorosa*», pp.42-72.
3 Schmidt, *Capital Punishment in Japan*, pp.13-15.
4 Pinto, «*Tragédia mais Gloriosa que Dolorosa*», pp.98-101.
5 Elison, *Deus Destroyed*, p.185-211.
6 Ramos, *Les Persecutions contre le Christianisme sous Inoue Masashige (1640-1658) et la Debacle de Kori (1657-1658)*.

7 Pinto, Ana Fernandes Pinto, «*Tragédia mais Gloriosa que Dolorosa*».
8 Cardim, *Elogios E Ramalhete de Flores*.
9 Gregory, *Salvation at Stake*.
10 Urbano, «Martirio e identidade no advento da Europa Moderna. Narrativa, memória colectiva e consciência europeia».
11 Burke, "How to Be a Counter-Reformation Saint", pp.46-53.
12 Urbano, *Santos e Heróis. A Épica Hagiográfica Novilatina e o Poema «Puciedos» (1640) de Bartolomeu Pereira*.

Imagens dos martírios in / Images of martyrdoms in

António Francisco Cardim, S.J., 1596-1659:

Elogios, e ramalhete de flores borrifado com o sangue dos religiosos da Companhia de Jesu. A quem os tyrannos do Imperio de Jappaõ tiraraõ as vidas por odio da Fê Catholica. Com o Catalogo de todos os religiosos, & seculares, que por odio da mesma Fê foraõ mortos naquelle Imperio, até o anno de 1640.

Praises, and bouquet of flowers sprinkled with the blood of the religious of the Company of Jesu. To whom the tyrants of the Empire of Japan took their lives out of hatred of the Catholic Faith. With the Catalog of all the religious, secular, who by hatred of the same Faith were killed in that Empire, until the year 1640.

Lisboa: por / Lisbon: by Manoel da Sylua, 1650.

Biblioteca Nacional de Portugal RES. 5884 P.



S. Paulus Michi Iappon, Societ. IESV, crucifixus, & lanceis trāsfixus propter Fidē Nangalachi. s. Febr. 1597.



P. Ioannes Baptista Mariadu, Lusitanus, Soc. IESV, capite truncatus in odium Fidei, Cori. 22. May. 1617.



P. Paulus Saitō Iappō, Societ. IESV, pedibus suspendus in fossā cingulo tenē deprellus in odium Fidei, sept. die moritur Nangalachi. 2. Octob. 1677.



Leonarius Kimura Iappon, Societ. IESV, vivus concrevit lento igne propterea Fidei Nangalachi 18. No. an. 1614.



Ambrosius Ferdinandus Lusitanus Societ. IESV, in carcere Vomurae moritur in odium Fidei. 6. Ian. 1629.

Crucifixo, *Kakure Kirishitan*
Crucifix, *Kakure Kirishitan*
Japão, século XVII
Japan, 17th century
Ferro, espelho / Iron, mirror
30 x 18 cm
Coleção privada / Private collection
Fotografia / Photography © Maria
Pedro Fonseca

Apesar da proscrição do Cristianismo, houve comunidades cristãs que mantiveram a vivência da fé na clandestinidade. Nesta cruz dissimula-se iconografia cristã com iconografia budista, uma forma de garantir a sobrevivência de rituais e práticas. A divulgação de imagens da cruz e a catequização sobre a Paixão foram amplas durante o período da evangelização, e desde o seu início os registos missionários falam da apetência dos japoneses cristãos por símbolos como a cruz, guardadas como relíquias, e muitas vezes consideradas com poderes de proteção e de cura.

Despite Christianity's proscription, there were Christian communities living their faith in secrecy. This cross conceals Christian iconography with Japanese Buddhist ones, as a strategy for ensuring the survival of rituals and practices. The spread of images of the cross and the catechesis on the Passion were disseminated widely during the period of evangelization, and from the outset missionaries recorded the Japanese Christians' enthusiasm for symbols such as the cross, guarded as relics, believed to ensure protection and healing.





Omaburi
Japão, séc. XX
Japan 20th century
6,5 x 6,5 cm
Hirado City Ikitsuki Folk Museum
Shima-no-yakata, Japão
Fotografia / Photography © HCIFMS

Seigan
Japão, ca. séc. XVI-XVII
Japan, ca. 16th-17th century
15 cm x 10 cm
Hirado City Ikitsuki folk museum
Shima-no-yakata, Japão
Fotografia / Photography © HCIFMS

Otenpensa
Japão, séc. XIX?
Japan 19th century?
50 cm
Hirado City Ikitsuki Folk Museum
Shima-no-yakata, Japão
Fotografia / Photography © HCIFMS

**Virgem com o Menino e dois santos,
Santo Inácio de Loyola e São Francisco
Xavier**
*Virgin with Child and two Saints,
St. Ignatius Loyola and St. Francis Xavier*
Japão / Japan, ca. 1926
51 x 25cm
Hirado City Ikitsuki Folk Museum
Shima-no-yakata, Japão
Fotografia / Photography © HCIFMS





Mapa de Nagasáqui com a frota do embaixador Siqueira de Sousa em nome de D. João IV de Portugal, 26 Julho 1647.
Map of Nagasaki with the fleet of the ambassador Siqueira de Sousa in the name of D. João IV of Portugal, 26 July 1647.
Japão / Japan, c. 1647

Tinta e cores sobre papel, moldura de madeira
Ink and colours on paper, mounted in a wooden frame
101 x 206 cm (com moldura / with frame)
Jorge Welsh Works of Art, Lisbon / London
Fotografia / Photography ©JWWA, Lisbon/London

O mapa do porto de Nagasáqui e da ilha artificial de Deshima, local de fixação dos holandeses, ilustra a segunda tentativa de Portugal para retomar as relações comerciais com o Japão. Enviado por D. João IV, o Capitão Gonçalo de Siqueira de Souza chegou ao porto de Nagasáqui em julho 1647, mas teve que partir rumo a Macau em setembro, após os seus dois galeões terem sido bloqueados. Em janeiro de 1649, partiram de Goa para Portugal cartas a anunciar a morte de Siqueira de Souza e o falhanço da embaixada.

The map of the port of Nagasaki and the artificial island of Deshima, the place of fixation of the Dutch, illustrates Portugal's second attempt to resume trade relations with Japan. Sent by King João IV, Captain Gonçalo de Siqueira de Souza arrived at the port of Nagasaki in July 1647 but had to leave for Macau in September, after its two galleons had been blocked. In January 1649, letters sent from Goa to Lisbon referred to Siqueira de Souza's death and to the failure of the embassy.

O Reencontro

The reunion

(1854-1900)

ANA FERNANDES PINTO

Quando em 1854 Comodoro Perry (1785–1819) atracou na baía de Edo (Tóquio) exigindo a abertura de portos no Japão às embarcações norte-americanas, havia dois séculos que o governo Tokugawa decretara o controlo rigoroso das relações com o exterior (1640). Essa política, designada por *sakoku*, implicou o corte de relações com Portugal e a restrição da presença de ocidentais no arquipélago aos holandeses, ainda assim confinados à ilha Deshima e obrigados à entrega de um relatório anual informativo sobre o que se passava no mundo.

O relacionamento entre o Japão e o Ocidente sustentara-se, pois, de um modo condicionado, e num contexto em que a proscricção do Cristianismo fora condição essencial. Aliás, o Cristianismo tinha sido um dos motivos últimos a justificar a expulsão dos Portugueses do arquipélago, e em torno da religião cristã desenvolvera-se toda uma ideologia que a associava à subversão¹. No entanto, houve comunidades cristãs no arquipélago que mantiveram para uma vivência secreta e clandestina da fé durante todo este período. Sem comunicarem entre si, assim resistiram até ao reencontro com o Ocidente no século XIX. Tomaram o nome de *senpuku Kirishitan*. Com a abertura nipónica ao exterior, e após o estabelecimento missionário em Nagasáqui, revelaram-se os primeiros cristãos ocultos, em Urakami em 1865. A revogação da proibição do Cristianismo surgiria mais tarde, em 1873, no âmbito das políticas reformadoras desencadeadas pelo reencontro.

A maior parte destes cristãos reconciliaram-se com Igreja através de um processo de recatequização, mas outros, cerca de 30.000 cristãos, não revendo as suas práticas ancestrais na evangelização dos novos missionários, optaram por se manter separados da Igreja. Na verdade, dois séculos volvidos, os edifícios, as orações, e até a terminologia, não tinham correspondência. Na nova Igreja que se lhes apresentava Deus tomara a denominação de *tenshu*; *Ekerejia* / Ecclesia surgia sob o termo *kyôkai*; *hiidesu* / fides denominava-se *shitoku*; enquanto *orashio* / oratio designava-se por *kitô*. Tomaram estas comunidades a designação de *Kakure Kirishitan* e são elas que na actualidade preservam as práticas e os rituais mantidos em segredo durante os mais de dois séculos de proibição da fé cristã. No essencial, estas comunidades mantêm a sua organização ancestral: elementos da comunidade substituem os antigos missionários na recitação de orações, realizadas em grupo, mas ainda pronunciadas em silêncio, na realização dos rituais fúnebres, na administração do batismo e na catequização. No particular, estas comunidades diferenciam-se, porém, reflexo do isolacionismo ancestral a que se tinham vetado. Se algumas centram a vivência do cristianismo na celebração das festividades

When in 1854 the fleet under the command of Commodore Perry (1785–1819) docked on the Edo Bay (now Tokyo bay) demanding that Japanese ports be open to North American vessels, two centuries had elapsed since the Tokugawa government had decreed a rigorous control over all relations with the outside (1640). This isolationist policy, termed *sakoku*, implied cutting all ties with Portugal and limiting the presence of Westerners in the archipelago to the Dutch, though even the latter were confined to Dejima island and forced to present an annual report on events around the world. Relations between Japan and the West were thus cemented within the frame of these constraints, with the prohibition of Christianity as its cornerstone. In fact, Christianity had been one of the motives behind the expulsion of the Portuguese from the archipelago: an ideological framework had emerged in Japan in which this religion was associated with subversion¹. Still, there were Christian communities in the archipelago, forced to live their faith clandestinely throughout this whole period. With no communication between them, they resisted in isolation until their reunion with the West in the 19th century: they were named *Senpuku Kirishitan*. With the opening of Japan to the outside, and after the missionary settlement in Nagasaki, the first hidden Christian communities came to the surface in Urakami, in 1865. The ban on Christianity would be lifted later, in 1873, as part of the reformist policies sparked by the reunion.

Most of these Christians reconciled with the Church through a process of re-catechism, but others, around 30.000 of them, for whom their ancestral practices did not accord with the evangelisation of the new missionaries, chose to remain separate from the Church. In fact, after two centuries of isolation, their places of worship, prayers, and even the terminology no longer matched. In the new Church they were now presented with, God bore the name *tenshu*; “*Ekerejia* / Ecclesia” (Church) was named *kyôkai*; *hiidesu* / fides (faith), *shitoku*; whereas the term for *orashio* / oratio (Prayer) was now *kito*. These communities took the name *Kakure Kirishitan* and they nowadays preserve the practices and rituals that they carried out in secret throughout the two centuries of prohibition of the Christian faith. In essence, these communities maintain their ancestral organisation: members of the community take the place of the old missionaries in reciting prayers (as a group, though silently), in ministering the funeral rites, baptism and catechism. The specific differences between *Kakure Kirishitan* communities reflect their centuries-old isolation. While for some the centre of their Christian faith is the celebration of liturgical feasts, others privilege the worshiping of objects, the *gozensama*, which belong to the community but

litúrgicas, outras privilegiam a veneração de objetos, os *gozensama*, pertencentes à comunidade, mas guardados em segredo por um dos seus elementos. São objetos de tipologia variada, alguns tendo por base a imagem de uma divindade com uma criança ao colo, remetendo para a iconografia da Virgem com o Menino ou para a Anunciação, numa abordagem pictórica suficientemente ambígua para não levantar suspeitas. Nestes exemplos enquadram-se os *okake-e*, rolos de pendurar, e os *ofuda*, um conjunto de pequenas placas de madeira que, no intuito de se substituírem aos mistérios do rosário, apresentam quinze imagens de Maria com o menino, agrupadas em cinco temas: felicidade, tristeza e esplendor, numa analogia clara aos mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos. Os *gozensama* incluem ainda *omaburi*, pequenas cruces de papel, tocadas por água purificada e que serviam de ligação com o sagrado, escondidas em pequenas caixas; ou o *otenpensha*, uma corruptela do «temperança/moderação», um dos atos de misericórdia das práticas cristãs, e uma reminiscência dos instrumentos de disciplina antes usados pelos missionários².

À data do reencontro, o panorama político, económico e social mundial alterara-se. A Europa sucumbira à emergência dos nacionalismos e do Estado-Nação, à imposição de regimes constitucionais, à revolução industrial, que justificavam o expansionismo e imperialismo dos europeus na Ásia. A Grã-Bretanha ocuparia Hong-Kong, a Rússia integrava na Sibéria a zona norte da Manchúria, a França ganharia controlo sobre a Indochina (Anam, Camboja e o Tonquim). Em Portugal, a *Regeneração* surgia como resposta ao movimento generalizado do progresso europeu, muito embora o esforço de industrialização e o crescimento económico registados tenham tido impacto reduzido quer na metrópole, onde a economia mantinha-se maioritariamente agrária, quer nos domínios ultramarinos. Além disso, o discurso político consensual em torno da vocação imperialista de Portugal não se fazia acompanhar das reformas administrativas e políticas e de investimento económico, necessárias a um domínio imperial moderno. O Império sofria por inerência das debilidades internas da metrópole, a que acrescia a fragilidade resultante da forte tutela exercida pela Grã-Bretanha, sem dúvida então a principal potência militar e naval, com capacidade mercantil para suplantar as redes comerciais dominadas pelos portugueses³. No contexto da Ásia oriental, se por um lado as relações comerciais com a metrópole eram praticamente inexistentes, por outro lado a fragilidade do (não) estatuto do território de Macau face ao expansionismo ocidental na China, centralizava os esforços e os recursos⁴.

are kept, secretly, by one of its members. These objects are of various kinds, some based on the image of a deity with a child on their lap, evoking the iconography of the Virgin and Child, or an image reminiscent of the Annunciation, with a pictorial approach that was ambiguous enough not to raise suspicion. Examples of these pieces are the *Okake-e* paintings, wall scrolls, and the *ofuda*, a set of small wood tablets which, so as to take the place of the mysteries of the rosary, included fifteen images of the Madonna and child, clustered into themes: happiness, joy and splendour, in a clear allusion to the joyful, sorrowful and glorious mysteries. The *gozensama* also include *omaburi*, small paper crosses touched by blessed water, hidden in small boxes, which served as a link with the sacred; or the *otenpensha*, from the word for «temperance», one of the core Christian virtues, and a reminiscence of the disciplinary instruments used by missionaries in the past².

When the reunion takes place, the world's political, economic and social landscape had changed enormously. Europe had seen the emergence of nationalisms and the Nation-state form, the establishment of constitutional regimes, the industrial revolution, elements that would converge to give rise to European expansionism and imperialism in Asia. Great Britain had occupied Hong-Kong, Russia had annexed the northern part of Manchuria into Siberia, France had taken over Indochina (Annam, Cambodia and Tonkin). In Portugal, the Regeneration (in the original, Regeneração) was an attempt to follow the widespread modernization efforts that were then taking place across Europe, even though the industrialisation policies and economic growth had a negligible impact both in the Portuguese metropole, where the economy was still predominantly agricultural, and in the colonial territories. What is more, the political consensus around Portugal's imperial vocation was not matched by the administrative and political reforms or the economic investment necessary for a modern imperial sovereignty. The metropole's internal frailties extended, necessarily, to the colonies, to which one must add the fragility that resulted from the strong-armed tutelage of Great Britain, undoubtedly the major military and naval powerhouse of the time, with a merchant capacity that far outreached the commercial networks controlled by the Portuguese³. In the context of eastern Asia, if, on the one hand, trade relations with the metropole were virtually non-existent, on the other hand the fragility of the (non) status of the territory of Macao in the face of western expansionism in China centralised efforts and resources⁴.

Against this background, and unlike what had taken place in the period of the first contact between Japan

Neste contexto, e ao invés do período relativo ao primeiro contacto Ocidente-Japão, Portugal não foi o protagonista do reencontro iniciado no século XIX. Aliás, o Japão, sondado por ingleses e russos desde a década de 1840, acabaria por se abrir ao exterior por imposição dos Estados Unidos da América. Não só as embarcações norte-americanas dedicadas à caça das baleias necessitavam do acesso à orla costeira nipónica para porto de abrigo, como, além do mais, os Estados Unidos da América já ponderavam as potenciais vantagens económicas de uma rota trans-Pacífica, entre a Califórnia e a China, num plano em que o Japão surgia como interposto. O Tratado de Paz, Amizade e Comércio, assinado entre D. Pedro V e o Imperador do Japão no ano de 1860, surgia dois anos após os acordos estabelecidos com Estados Unidos da América, Grã-Bretanha, Rússia, Holanda e França. Não obstante, apesar de mais tardio, pelo Tratado retomava-se um relacionamento quebrado abruptamente, autorizava-se o estabelecimento diplomático e o comércio entre ambos os países, numa consignação em tudo idêntica às restantes nações e, questão especialmente sensível, garantia-se aos súbditos portugueses residentes no Japão «o livre exercício da sua religião, e... o direito de construir edifícios próprios para o culto»⁵. Nas palavras de Isidoro Guimarães, Governador de Macau e Plenipotenciário para a assinatura do tratado, «é por certo digno de se notar que depois dos Portugueses haverem sido expulsos do Japão, há mais de séculos, que a primeira vez que nos apresentássemos novamente naquele país fosse levando o pavilhão real português através das ruas da Capital acompanhado por homens armados, sem que houvesse o mais pequeno indicio de insulto da parte da população»⁶.

Num contexto histórico bem distinto, o reencontro assumiu também outros contornos. De salientar o facto de as negociações terem sido longas e penosas, e o holandês ter surgido como a língua franca entre Portugal e o Japão. No tempo longo tornar-se-ia ainda evidente o desinteresse dos súbditos portugueses pela abertura comercial e dificuldades várias no relacionamento diplomático. Até ao ano de 1903 a missão diplomática portuguesa no Japão manteve-se não residente, sendo o cargo de Ministro de Portugal no Japão acumulado pelo governador de Macau, por sua vez também Ministro Plenipotenciário na China e Sião⁷. A acumulação de cargos, entendida como uma estratégia de otimização de recursos, não era, porém, isenta de problemas e condicionalismos, tal como o foram testemunhando os representantes de Portugal. Em 1865, José Rodrigues Coelho do Amaral, então Governador de Macau, referia a questão da mobilidade, lamentando a inexistência de um navio de guerra que o pudesse transportar

and the West, Portugal did not take the leading role in the process of reunion that started in the 19th century. In fact, Japan, which had been sounded out by the English and the Russians since the 1840s, would end up opening itself to the outside world by imposition of the United States of America. Not only did North American whale-fishing boats need access to the Japanese coast as a safe haven, but the United States of America were already contemplating the economic benefits of a trans-Pacific route, between California and China, in which Japan was to become a transshipment port. The Treaty of Peace, Friendship and Commerce between the Portuguese king Dom Pedro V and the Emperor of Japan was signed in 1860, two years after Japan had reached similar agreements with the United States of America, Great Britain, Russia, Holland and France. Although signed later, the Treaty opened the way for the relation between the two nations, which had been so abruptly interrupted, to resume. It authorised the diplomatic presence and trade between the two countries in terms that placed Portugal on a par with other nations and, in what was a particularly sensitive issue, guaranteed Portuguese subjects residing in Japan «the free practice of their religion, and... the right to erect buildings as places of worship»⁵. In the words of Isidoro Guimarães, Governor of Macao and Plenipotentiary for the signing of the treaty, “it is undoubtedly worthy of note that since the Portuguese have been expelled from Japan, over two centuries ago, the first time that we set foot in that country again we carried the Portuguese royal pavilion through the streets of the capital, accompanied by an armed retinue, without the slightest sign of insult on the part of the population»⁶.

Against an entirely different historical background, the contact brought about by the reunion took on specific contours. One should recall that negotiations were extended and arduous, and that Dutch was chosen as lingua franca between Portugal and Japan. In time, the lack of interest by the Portuguese on this trade opening would become increasingly evident, alongside a series of other obstacles to diplomatic relations. Until 1903 the Portuguese diplomatic mission in Japan remained non-resident, and the post of Minister of Portugal in Japan was held concurrently by the Governor of Macao, who was also Plenipotentiary Minister in China and Siam⁷. This accumulation of posts, framed as a means to optimize available resources, was not devoid of problems and constraints, as we learn from testimonies by the representatives of Portugal. In 1865, José Rodrigues Coelho do Amaral, then Governor of Macao, singled out the issue of mobility, lamenting the lack of a warship that could take him to Tokyo with the gravitas adequate

a Tóquio com a dignidade exigida da sua representação para a assinatura das ratificações ao Tratado de 1860. Em 1869 o então governador António Sérgio de Sousa dava conta dos problemas da sobreposição das funções, ao lamentar que os afazeres em Macau não lhe permitiam ir a Edo (Tóquio) participar na cerimónia de abertura daquele porto ao comércio estrangeiro, onde representantes de Inglaterra, França, Itália, Estados Unidos da América, Holanda e Rússia estariam presentes. Em 1873, o Visconde Januário Correia de Almeida, presente em Tóquio para participar nas conferências sobre a revisão dos Tratados, viu-se obrigado a regressar a Macau antes do seu termo por a situação da colónia exigir a sua presença⁸. Na década de 1880, a questão da distância seria colocada pelo Governo do Japão, que ameaçava não conceder o *exequatúr* aos cônsules de Portugal no Japão enquanto o Governador de Macau não apresentasse as credenciais de Ministro Plenipotenciário. Até à data da nomeação de José Batalha de Freitas, primeiro Ministro Plenipotenciário residente no Japão (1903) Portugal fazia-se representar em território nipónico por cônsules. Destaca-se o britânico Eduard Clark, na qualidade de honorário, sobre quem recaiu as tarefas de negociação das primeiras ratificações ao Tratado de 1860 e dos preparativos da embaixada nipónica que visitaria Portugal, em 1862. E distingue-se indubitavelmente Venceslau de Morais (Lisboa, 30 de Maio de 1854 - Tokushima, 1 de Julho de 1929), cônsul de Kobe e Osaca e cônsul-geral de Portugal, cargos que ocupou de modo sucessivo por catorze anos a partir de 1899⁹. Morais foi incansável na sua preocupação em informar sobre uma sociedade que vivia um «notabilíssimo período da sua pasmosa evolução, no tocante aos progressos da sua indústria, do seu comércio, da sua marinha mercante, numa palavra, ao caminho feito em direção ao ideal ardentemente ambicionado»¹⁰. À sua preocupação em servir o país, acrescia o genuíno interesse em providenciar o retrato de um povo que era desconhecido da maioria em Portugal, tornando-se correspondente do Comércio do Porto a partir de 1901, onde as suas crónicas eram acompanhadas de ilustrações de artistas japoneses.

Do ponto de vista do Japão, o reencontro impunha-se em termos que urgia ultrapassar e retificar. Ficava estipulada a abertura progressiva de vários portos às potências estrangeiras, sobre os quais o Japão abdicava da respetiva jurisdição, cedia a um comércio no qual não controlava as tarifas aduaneiras, e acordava o estatuto de extraterritorialidade aos estrangeiros residentes. Os Tratados assinados eram por isso desiguais, relegando o Japão para o estatuto de quase colónia. E porquanto as sociedades euro-americana se revissem num sentimento de civilidade, progresso

to his role, for the signature of the 1860 ratification of the Treaty. In 1869 the then governor António Sérgio de Sousa also made reference to the problem of concurrent posts, lamenting the fact that his obligations in Macao did not allow him to go to Edo (Tokyo) to take part in the ceremony celebrating the opening of the port to foreign trade, where representatives of Great Britain, France, Italy, United States of America, Holland and Russia were present. In 1873, Viscount Januário Correia de Almeida, in Tokyo at the time to take part in the conference on the revision of the Treaties, was forced to return to Macao before the conference was over because his presence was demanded there⁸. In the 1880s, the issue of distance was highlighted by the Government of Japan, who threatened not to issue the *exequatúr* to the consul of Portugal in Japan until the Governor of Macao presented his credentials as Minister Plenipotentiary. Until the date of the nomination of José Batalha de Freitas, the first Minister Plenipotentiary to reside in Japan (1903) Portugal was represented in the Japanese territory by consuls. Among them the British Eduard Clark, honorary consul, stands out: he headed the negotiations for the first ratifications of the 1860 Treaty and was responsible for preparing the visit of the Japanese embassy to Portugal in 1862. Another name that surely stands out is that of Venceslau de Morais (Lisbon, 30 May 1854 - Tokushima, 1 July 1929), consul of Kobe and Osaka and General-consul of Portugal, posts he occupied consecutively for fourteen years, from 1899 onwards⁹. Morais was tireless in his efforts to disseminate information on a society that was undergoing a «most remarkable period in its astonishing evolution, in matters such as the great strides in its industry, its commerce, its merchant navy, in short, in the path towards an ideal that has been so eagerly pursued»¹⁰. Alongside his concern in serving his country, he showed a genuine interest in offering a portrait of a people that was virtually unknown to the Portuguese, becoming a correspondent of the newspaper *Comércio do Porto* from 1901, where his chronicles included illustrations by Japanese artists.

From Japan's point of view, the reunion was established in terms that needed urgent amendment. It laid out the gradual opening of various ports to foreign powers, ports over which Japan ceased to have jurisdiction, retaining control over custom duties, while granting extraterritorial status to foreign residents. The terms of the Treaties were, in short, unequal, casting Japan in the role of a quasi-colony. And while European and American societies thought of themselves as defined by a sense of civility, progress and superiority, traits that would somehow (in their view) justify this asymmetry, the majority of the

e superioridade que justificava essa desigualdade, a generalidade dos nipónicos olhava para as potências ocidentais como se de uma realidade uniforme se tratasse, o *ocidental*, que identificava a um bando de predadores que buscava a conquista e o proveito¹¹. O que se passara na China com a Guerra do Ópio era o exemplo. Aliás, o sentimento de repulsa pelo estrangeiro dominava a sociedade nipónica desde as primeiras tentativas de contacto no início do séc. XIX, por russos e ingleses. Agora, diante a sua efetiva presença no território, e em face das sucessivas mostras de incapacidade do governo, o xogunato, em fazer frente às exigências das potências ocidentais, avivara-se o sentimento nacionalista. O próprio imperador não era alheio ao sentimento de aversão; no ano de 1865, dez anos volvidos da chegada de Perry, o xogunato ainda temia que a instituição imperial viesse a dar por nulas as negociações e restabelecer a política do *sakoku*¹². Em última análise, a tensão social e agitação política geradas pela presença dos estrangeiros foi responsável pela queda do regime Tokugawa. Dez anos após a abertura dos portos ao exterior, dava-se a Restauração Meiji (1868), que destituía o xogum do governo do Japão, e restituía-o ao imperador, com o apoio entre outros, de uma facção que se orientava pelo grito de ordem «Reverência ao Imperador e expulsão dos estrangeiros».

Porém, o Japão, longe de se reduzir a uma atitude passiva ou reativa aos anseios e à imposição das potências ocidentais, tratou de fixar os seus termos. De salientar desde logo a procura em prolongar ao máximo as negociações, levantando questões e discussões até às conclusões finais, numa atitude que veio a ser considerada muito própria da diplomacia japonesa¹³. Com Portugal, por exemplo, em 1861, a notícia da morte de D. Pedro V (1837-1861) criou um momento de impasse nas negociações da primeira ratificação, sob o argumento de que fora com aquele monarca que se estabelecera o tratado. As dificuldades seriam ultrapassadas com uma pomposa celebração das exéquias pelos missionários católicos em Kanagawa, que impressionara membros do governo e população no geral¹⁴. Além do mais, o governo japonês apostou de imediato no envio de embaixadas às Cortes das potências com quem tinha celebrado tratados. O objetivo era procurar assegurar o vagar e a prudência na concretização dos acordos, para desse modo se sossegar o ressentimento dos nipónicos e garantir a aquiescência nacional¹⁵. Das duas visitas diplomáticas que passariam por Portugal apenas uma se concretizou, a do ano de 1862, tendo sido a embaixada recebida pelo monarca D. Luís I (1838-1889). A segunda, iniciada no ano de 1864, foi abruptamente interrompida, quando a embaixada

Japanese lumped western powers together as one. This monolithic entity – *Westerners* – was seen by the Japanese as a band of ruthless, self-interested mercenaries¹¹. One would need only cast a glance to neighbouring China, and the Opium War, to draw such a conclusion. In fact, the sense of revulsion towards the foreigner was pervasive in Japanese society since the first attempts at contact by the Russians and the English in the early 19th century. Now, in the face of their actual presence in the territory and given the repeated incapacity of the government – the Shogunate, or *Bakufu* – to stand up against the demands of the Western powers, nationalist feelings were rekindled. The emperor himself was not free from such a sense of aversion; in 1865, ten years after Perry's arrival, the Shogunate still feared the Emperor would repeal the agreements and re-establish the *Sakoku* (“closed country”) policy¹². Ultimately, the social tension and political turmoil brought about by the presence of foreigners was the reason behind the fall of the Tokugawa regime. Ten years after the opening of the ports to the outside world, the Meiji Restoration (1868) came into government, wresting power away from the *shogun* and placing it once again in the Emperor's hands, with the support, among others, of a political faction whose motto was «Reverence to the Emperor and expulsion of foreigners».

Far from taking a merely passive or reactive attitude towards the intentions and impositions of western powers, Japan sought to lay down its own terms. This was done, namely, by extending negotiations for as long as possible, raising doubts and grounds for dispute up until the final draft, an attitude that came to be identified as the defining trait of Japanese diplomacy¹³. In the negotiations with Portugal, for example, in 1861, news of the death of king Dom Pedro V (1837-1861) caused a momentary deadlock in the negotiations of the first ratification, given that Japan argued that the treaty had been agreed with that monarch. These difficulties would be overcome through a grandiose funeral service by the catholic missionaries in Kanagawa, which clearly made an impression on the Japanese government as well as the general population¹⁴. What is more, the Japanese government immediately decided to send embassies to the Courts of the Western nations with whom they had signed treaties. The goal was to guarantee thoroughness and prudence in negotiations, so as to mitigate Japanese people's misgivings and hostility and earn their support for the agreements. Only one of the planned diplomatic visits to Portugal did take place, in 1862, when the embassy was received in audience by the Portuguese king Dom Luís I (1838-1889). The second, which set out from

se encontrava em Paris. Dificuldades nas negociações com os franceses eram apresentadas como a razão que levava a comitiva japonesa a optar por regressar ao Japão para obter novas instruções do xogum¹⁶. Preserva-se a extensa lista de ofertas do xogum¹⁷, sendo de destacar o conjunto de arreio e uma sela, de elevado valor artístico, assinada por um mestre em selas ao serviço do terceiro xogum, Tokugawa Iemitsu (r.1623-1651), que se encontram atualmente no Palácio Nacional da Ajuda¹⁸. Refira-se ainda os sabres, que, juntamente com a aparelhagem do cavalo, constituíam todos símbolos por excelência da elite militar encabeçada pelo generalíssimo Tokugawa, e na época ainda o responsável pelo governo do Japão. Destaca-se ainda desta lista o predomínio de rolos de tecidos de diferentes qualidades de seda, reflexo do gosto que já era alimentado pelas novas correntes comerciais estabelecidas a partir da China com os Estados Unidos da América e a Europa. Os japoneses, ao serem integrados nessa rede, rapidamente potenciaram a respetiva produção de seda¹⁹. Algumas dessas peças encontram-se atualmente no Palácio Nacional da Ajuda, tudo indicando que a *Sala Chinesa* fora inicialmente forrada com parte da seda ofertada.

Em simultâneo, e também em reação aos tratados desiguais, o governo japonês percebeu a importância de se ocidentalizar. As potências ocidentais, com base em ideias de superioridade rática e civilizacional, acusavam os Japoneses do estado de “semi-barbarismo”, como pretexto moral para a necessidade do Japão se abrir ao exterior e aceitar a presença de estrangeiros no seu território²⁰. Importava por isso orientar o Japão para a modernização, e nesse sentido vivenciar, experimentar e apreender o Ocidente foi um outro passo estratégico iniciado pelo governo Tokugawa. O envio de sucessivas comitivas, que partiam com objetivos muito específicos de aprendizagem inspirou, no tempo longo as reformas administrativa, judicial e militar, fomentou a industrialização e o avanço tecnológico, promoveu o conhecimento em todas as áreas do saber, desde a medicina, à construção naval e à navegação, à educação e ao direito. Portugal não deixou de ser envolvido neste movimento, registando a documentação o pedido de envio de códigos legislativos²¹ e a intenção de visita de altos dignatários da casa imperial, o caso do príncipe Komatsu Akihito (1887)²² ou do príncipe Arisugawa Takehito (1889)²³.

A ocidentalização foi uma etapa e não o objetivo último de um processo que transformou o Japão e o colocou em termos de equidade em relações às potências estrangeiras do reencontro. No final da década de 1890 punha-se termo a todos os Tratados desiguais. No caso de Portugal, o novo

Japan in 1864, was abruptly cut short in Paris. Difficulties in negotiations with the French were the reason offered for the return of the Japanese delegation to Japan, where it would receive new instructions from the *shogun*. From the both planned visits of Japanese embassies to Portugal there remains an extensive tally of gifts from the *shogun*¹⁷, namely sabres and a set of saddle and harness of high artistic value, signed by a saddle master at the service of the third *shogun*, Tokugawa Iemitsu (r.1623-1651), currently in the Ajuda National Palace¹⁸. One should also mention the sabres, which, together with the horse tack, were quintessential symbols of the military elite headed by the Tokugawa Generalissimo, still the head of the Japanese government at the time. Among the gifts, one should also highlight the predominance of fabric rolls of various types of silk, a sign of a dominant taste already under the influence of new commercial trends in the trade between China and both the United States of America and Europe. When the Japanese entered this trade network, their silk production rapidly intensified¹⁹. Some of these pieces are currently at the Ajuda National Palace, and we have reason to believe that the Chinese Room (*Sala Chinesa*) was initially lined with some of the silk offered by the Japanese diplomatic mission.

At the same time, also as a response to the uneven terms of the treaties, the Japanese government realised the importance of *westernising* the country. Western powers, on the basis of their notion of racial and civilizational superiority, used the accusation of Japanese «barbarism» or «semi-barbarism» as a moral pretext for the country’s obligation to open to the outside world and to accept the presence of foreigners in their territory²⁰. As a result, Japan saw the need to follow a path of modernisation: in that sense, the country’s willingness to be exposed to and to experience the West was a conscious strategy by the Tokugawa government. The successive delegations sent abroad, whose express purpose was to learn from their visits, inspired, in the long run, administrative, judicial and military reforms, fostered industrialisation and technological advancement, and stimulated all fields of knowledge, namely medicine, shipbuilding and navigation, education and Law. Portugal was a part of this process, and there are records of documents requesting that legislative codes be sent²¹, and of planned visits by high-ranking members of the Imperial house, such as prince Komatsu Akihito (1887)²² or prince Arisugawa Takehito (1889)²³.

Westernisation was a means rather than the ultimate goal of a process that would transform Japan and put it on equal terms with foreign powers in this historical

Tratado de Comércio e Navegação foi celebrado no ano de 1897. Sem nunca perder a sua identidade, num período de cerca de quarenta anos, o Japão transitara do estatuto de semi-colônia para uma nação que conquistava o seu espaço no sistema internacional do século XIX.

reunion. At the close of the 1890s all asymmetric Treaties were repealed. In the case of Portugal, a new Treaty on Commerce and Navigation was signed in 1897. Without ever losing its identity, over a period of around forty years Japan transitioned from a semi-colony to a nation that could lay claim to its own place in the international system of the 19th century.

1 Paramore, *Ideology and Christianity in Japan*.

2 Kamstra, “Kakure Kirishitan: The Hidden or Secret Christians of v”, pp.139-150.

3 Costa; Rodrigues; Oliveira, *História da Expansão e do Império Português*.

4 Saldanha, *O Tratado Impossível. Um Exercício de Diplomacia Luso-Chinesa num Contexto Internacional em Mudança, 1842-1887*.

5 AHD-MNE, Tratado de Amizade e Comércio entre Portugal e o Japão assinado em Yedo, 3.08.1860. *Caixa Japão e Portugal 1860-1966*.

6 AHD-MNE, Ofício de Isidoro Guimarães para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, 04.09.1860, *Caixa Japão e Portugal 1860-1966*.

7 AHD-MNE, Ofício de Isidoro Guimarães para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros. Macau, 26.04.1861, *Caixa 950*.

8 AHD-MNE, Ofício 13 do Visconde de S. Januário para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Macau 9.12.1873, *Caixa 950*.

9 Ferreira, *Wenceslau de Moraes. O Diplomata*.

10 Moraes, *Cartas do Japão*, Carta de 16.01.1907.

11 Nogueira, *Política do Oriente*, p.3.

12 AHD-MNE, Ofício n 13 de José Rodrigues Coelho do Amaral para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros. Macau, 12.12.1865, *Caixa 950*.

13 Vieira, *O Regresso de Portugal ao Japão a Representação Diplomática Portuguesa em Solo Nipónico: 1860-1926*.

14 AHD-MNE, Ofício de Edward Clarke para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiro, 19.04.1865, *Caixa 746*.

15 AHD-MNE, Ofício nº 1 de José Rodrigues Coelho do Amaral para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Macau, 23.02.1864, *Caixa 950*.

16 AHD-MNE, Ofício do Visconde Paiva Ministro de Portugal em França, Paris, 1864.06.18, *Caixa Legação de Portugal em Paris*.

17 AHD-MNE, Ofício de Izidoro Guimarães para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Macau, 13.02. 1862, Caixa Documentos Diversos em Caracteres Japoneses. AHD-MNE, Ofício da Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar, de 29.07.1864, *Caixa 950*. ANTT, Arquivo Histórico Ministério das Finanças, Casa Real, *Caixa 4742*.

18 Tavares, “A Diplomatic Gift from Japan and the creation of the Chinese Room in the Palácio Nacional da Ajuda”, pp.170-176.

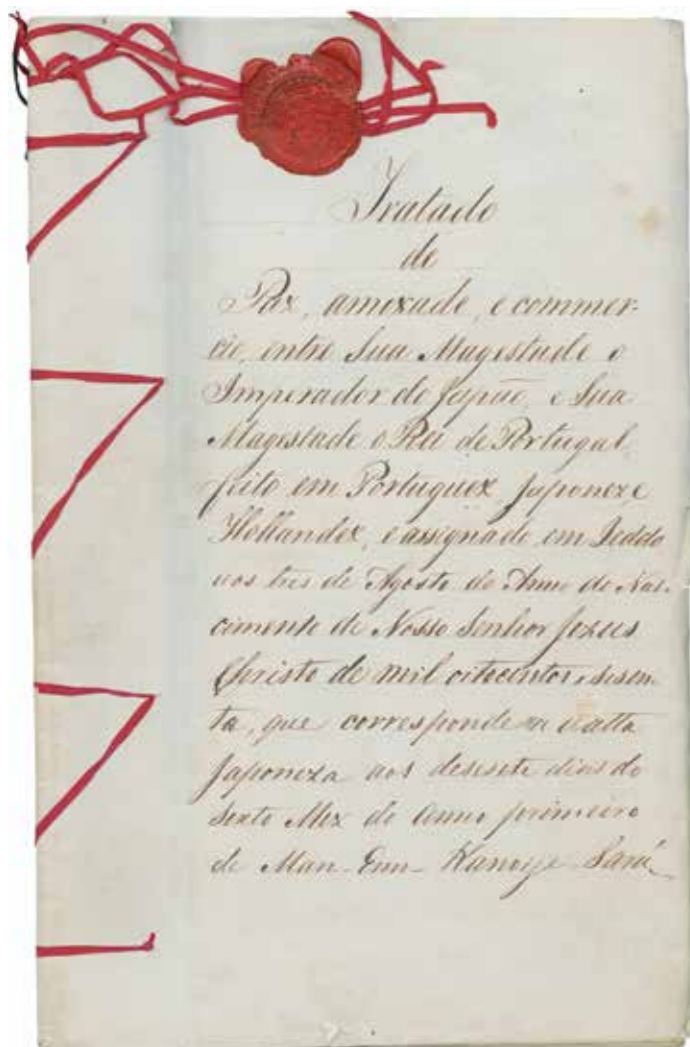
19 Beasely, “The foreign threat and the opening of the ports”, in *Cambridge History of Japan*, p.305.

20 AHD-MNE, Ofício 50A José Loureiro para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros Tóquio, 22.09.1887, *Caixa 746*.

21 AHD-MNE, Ofício de José Loureiro para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Tóquio, 23.06. 1888. *Caixa 746*.

22 AHD-MNE, Ofício 22 A, de José Loureiro para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Tóquio, 28.10.1886. *Caixa 746*.

23 AHD-MNE, Ofício 2A de José Loureiro, Cônsul Geral de Portugal em Tóquio e Encarregado de Negócios interino, para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Tóquio, 21.03.1889. *Caixa 746*.



Tratado de Paz, Amizade e Comércio entre Sua Magestade o Imperador do Japão e sua Magestade o Rei de Portugal, feito em português, japonês, e holandês, e assinado em Edo (cópia em português).

Treaty of Peace, Friendship and Commerce between His Majesty the Emperor of Japan and His Majesty the King of Portugal, written in Portuguese, Japanese, and Dutch, and signed in Edo (portuguese copy).
 Japão / Japan, 1860.
 33 x 21cm
 Arquivo Histórico Diplomático – Ministério dos Negócios Estrangeiros, Caixa 1 Tratados com o Japão / Japan Box 1 Treaties with Japan



Tratado de Paz, Amizade e Comércio entre Sua Magestade o Imperador do Japão e sua Magestade o Rei de Portugal, feito em português, japonês, e holandês, e assinado em Edo (cópia em japonês).

Treaty of Peace, Friendship and Commerce between His Majesty the Emperor of Japan and His Majesty the King of Portugal, written in Portuguese, Japanese, and Dutch, and signed in Edo.
 Japão / Japan, 1860 (japanese copy).
 32,5 x 20 cm
 Arquivo Histórico Diplomático – Ministério dos Negócios Estrangeiros, Caixa 1 Tratados com o Japão / Box 1 Treaties with Japan.

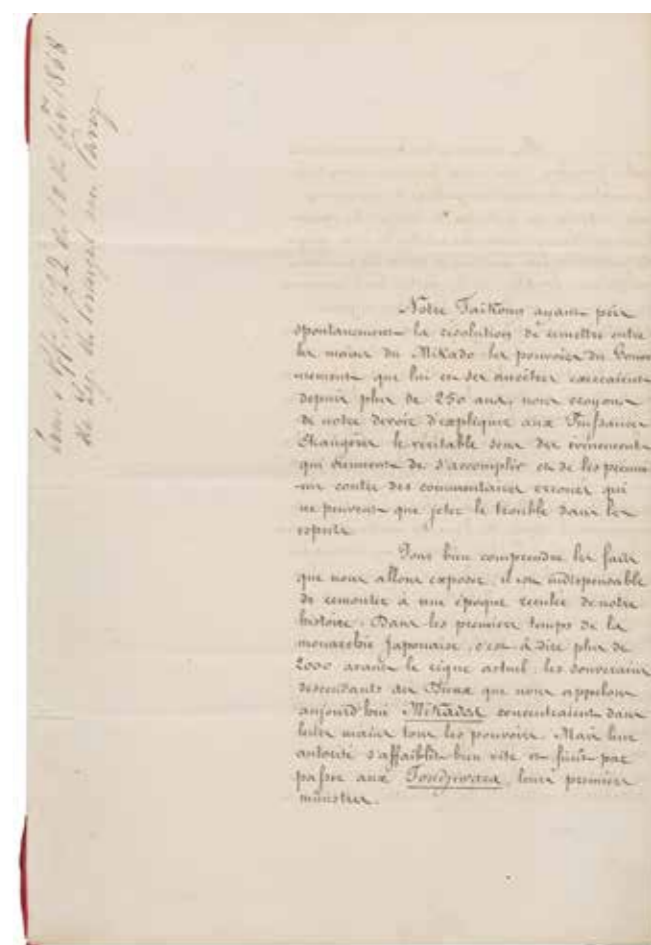


Cópia em japonês do «Manifesto que o Conselho de Gozodjion dirigiu a todas as potências...»

Japanese copy of the “Manifesto that the Council of Gozodjion directed to all the powers”
 Japão / Japan , 1868
 24 x 17cm
 Arquivo Histórico Diplomático – Ministério dos Negócios Estrangeiros, Caixa 1 Tratados com o Japão / Box 1 Treaties with Japan.

Cópia da tradução em francês do «Manifesto que o Conselho de Gozodjion dirigiu a todas as potências...»

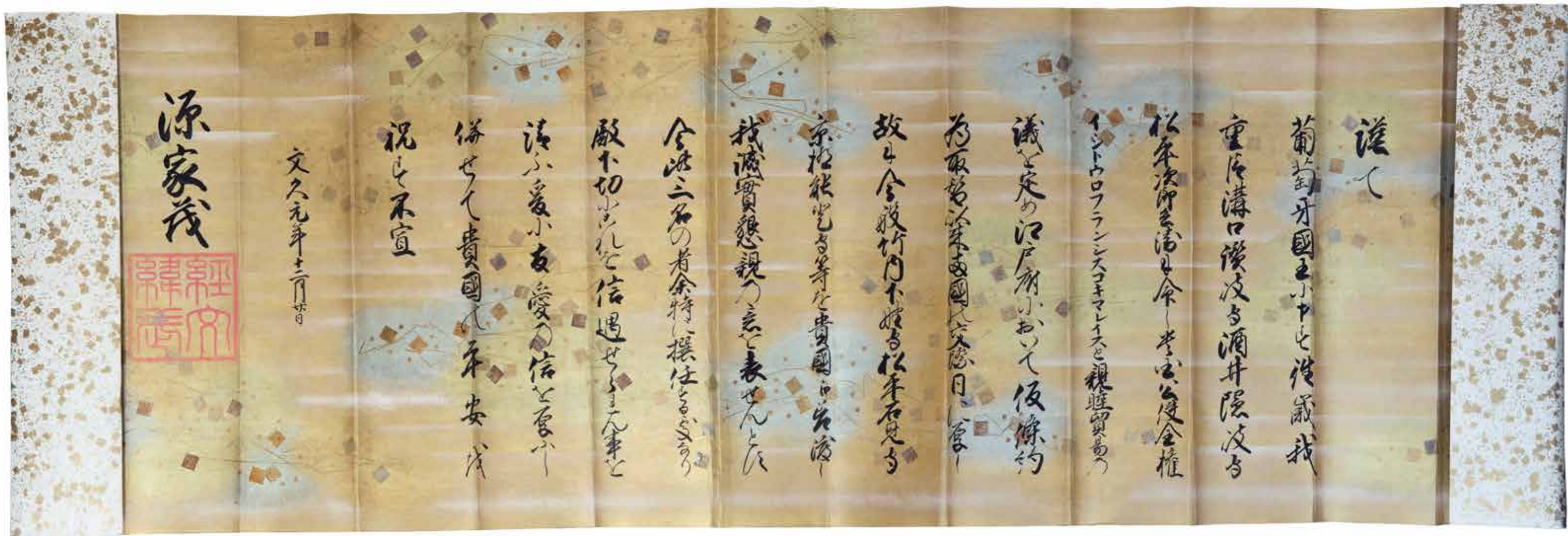
Copy of the French translation of the “Manifesto which the Council of Gozodjion addressed to all powers”
 Japão / Japan, 1868
 32 x 21,5 cm
 Arquivo Histórico Diplomático – Ministério dos Negócios Estrangeiros, Caixa 1 / box 1 Tratados com o Japão.



Cópia da tradução em francês do «Manifesto que o Conselho de Gozodjion dirigiu a todas as potências...»

Esta carta comunica a resignação de Tokugawa Yoshinobu, o último *shōgun* de um regime político que controlou os destinos do Japão durante mais de dois séculos. A sua resignação representa também o fim do domínio político da elite guerreira. O seu gesto resulta do sentimento generalizado de insatisfação face à abertura do Japão às potências ocidentais e à assinatura de tratados desiguais, considerados humilhantes (1857). O governo foi entregue ao Imperador (Restauração Meiji), com o apoio, entre outros, de uma facção que se orientava pelo grito de ordem «Reverência ao Imperador e expulsão dos estrangeiros».

This letter informs about Tokugawa Yoshinobu's resignation. Yoshinobu was the last *shōgun* of a political regime that controlled the destinies of Japan for more than two centuries. His resignation also represents the end of the political and social supremacy of the warrior elite. His gesture stems from the general feeling of dissatisfaction with Japan's opening to Western powers and the signing of unequal treaties considered humiliating (1858). The government was handed over to the Emperor (Meiji Restoration), with the support, among others, of a political faction whose motto was «Reverence to the Emperor and expulsion of foreigners».



Carta redigida por Tokugawa Iemochi ao rei de Portugal.
Letter written by Tokugawa Iemochi to the king of Portugal.
Japão / Japan, 1862
Rolo horizontal / Horizontal scroll, 150 x 43cm
Arquivo Histórico Diplomático – Ministério dos Negócios
Estrangeiros, Caixa Documentos Diversos em caracteres
japoneses / Multiple Documents box in Japanese characters
Fotografia / Photography © Maria Pedro Fonseca AHD / MNE

Armadura Japonesa de Samurai

Japanese Armor of Samurai

Japão, séc. XVIII – XIX (primeira metade)

Japan, 18th - 19th century (first half)

inv. PNA 64848

Fotografia / Photography © Luísa Oliveira ADF/DGPC

Composta pelos seguintes elementos:

Elmo – *kabuto*; máscara – *senpo*; couraça – *do*; *corpo*
tateage + saia protetora *kusazuri*; mangas e luvas – *kote*;
ombreiras – *sode*; avental – *haidate*; caneleiras – *suneate*;
botas – *kegutsu*

Composed of the following elements:

Helmet – *kabuto*; mask – *menpo*; cuirass – *do*; *main body*
tateage + plate skirt *kusazuri*; arm-length glove sleeves –
kote; shoulder plates – *sode*; thigh guards – *haidate*; shin
guards – *suneate*; boots – *kegutsu*

Inscrição no interior da couraça:

produtor Ohtaka Matajirou Shigeaki / habitante do distrito
de Harima / investigador dos trajes de guerreiro / seleção
de Ohtaka kiyoharu?/Yoshisato/ Tenkou? Ajudante? /
OhtakaShigetada.

Inscription in the inside of the cuirass:

producer Ohtaka Matajirou Shigeaki / inhabitant of Harima
district/ researcher of the customs of the warrior/ selection
by Ohtaka kiyoharu?/Yoshisato Tenkou?, helper?/Ohtaka
Shigetada

All classes of the armies of Samurai had their armor - essential warrior equipment on the battlefield, whose typology varied over time. The armor was composed of several essential elements and, together with the swords - powerful weapons of destruction - they formed the regalia of battle. Extraordinary examples of the most sophisticated techniques used in Japanese arts and crafts, the armor did not sacrifice beauty to functionality, thus becoming objects of art appreciated by Westerners.

This is a late Edo period (1603-1868) 'revival' armor, normally used for formal occasions, not for combat. The elements have different lacing to the main body of the armour (cuirasse and helmet) which means it is a "composite" made of elements of several armors. According to documentation, the armor may have been offered by the Taikum of Japan to King D. Luís in 1864.

The helmet - the most fascinating element of the armor for its protective function but also performative and symbolic - features the leaf crest of ivy (*tsuta*), a deciduous leaf of the vine family, used as a heraldic symbol of a family for its elegance and beauty. In the Edo period (1603-1868) this crest was used by the Matsudaira clan and Tokugawa Yoshimune Xogum, and hence became associated with power and authority. Being signed gives this armor a greater interest. Matajirou was the second son of Otaka Yoshisato, born in 1821 in the province of Harima. It is said that the Otaka family knew the secrets of making leather armour. Ohtaka Matajirou died in 1864, in a riot against the Tokugawa shogunate. Four years later he was posthumously awarded by the Meiji government.

Todas as classes dos exércitos de Samurais dispunham da sua armadura – equipamento essencial de guerreiro no campo de batalha, cuja tipologia variou ao longo dos tempos. As armaduras eram compostas por vários elementos essenciais e, juntamente com as espadas – armas poderosas de destruição –, compunham a regalia de batalha. Exemplos extraordinários das mais sofisticadas técnicas utilizadas nas artes e ofícios japoneses, as armaduras não sacrificavam a beleza à funcionalidade, tornando-se assim objetos de arte apreciados pelos Ocidentais.

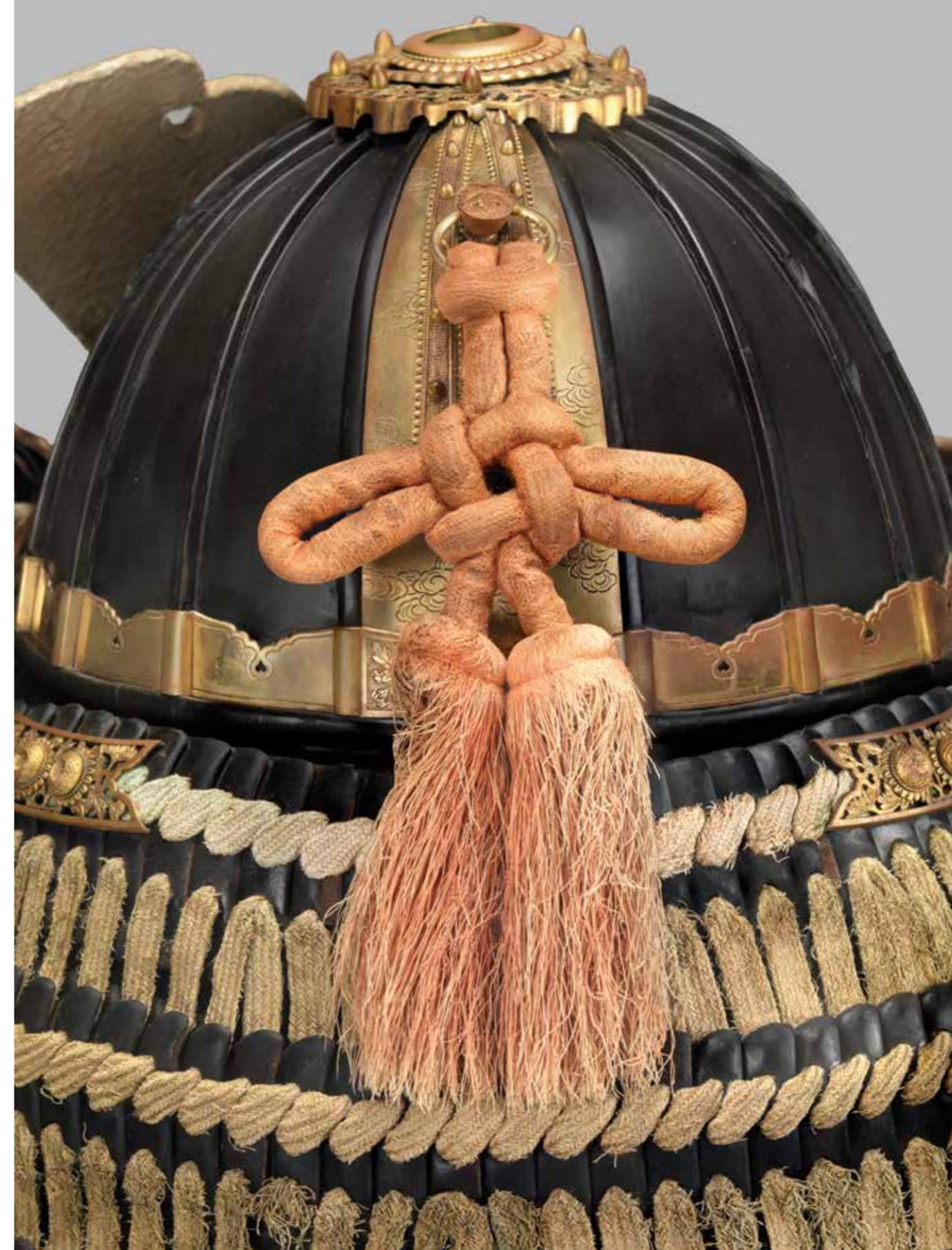
Datada dos finais do período Edo (1603-1868), esta é uma armadura de aparato, não sendo utilizada em batalha. O enlaçado dos vários componentes é diferente do corpo principal (couraça e elmo), tratando-se portanto de uma armadura compósita, ou seja constituída por elementos de diferentes armaduras. Segundo documentação coeva a couraça poderá ter sido oferecida pelo Taikum do Japão ao rei D. Luís, em 1864.

O elmo, o elemento mais fascinante da armadura pela sua função protetora mas também performativa e simbólica, apresenta a cresta de folha de hera (*tsuta*), folha caduca da família da videira, usada como símbolo heráldico de família pela sua elegância e beleza. Esta cresta foi usada pelo clã Matsudaira e pelo Xogum Tokugawa Yoshimune, e por isso passou a estar associada ao poder e autoridade.

A inscrição no interior da couraça, permitiu-nos atribuir autoria à peça: Ohtaka Matajirou Shigeaki, segundo filho de Otaka Yoshisato, nasceu em 1821 na província de Harima. A família Otaka era conhecida por saber os segredos do fabrico das armaduras de couro. Ohtaka Matajirou morreu em 1864, num tumulto contra o xogunato Tokugawa. É agraciado postumamente pelo governo Meiji quatro anos mais tarde.

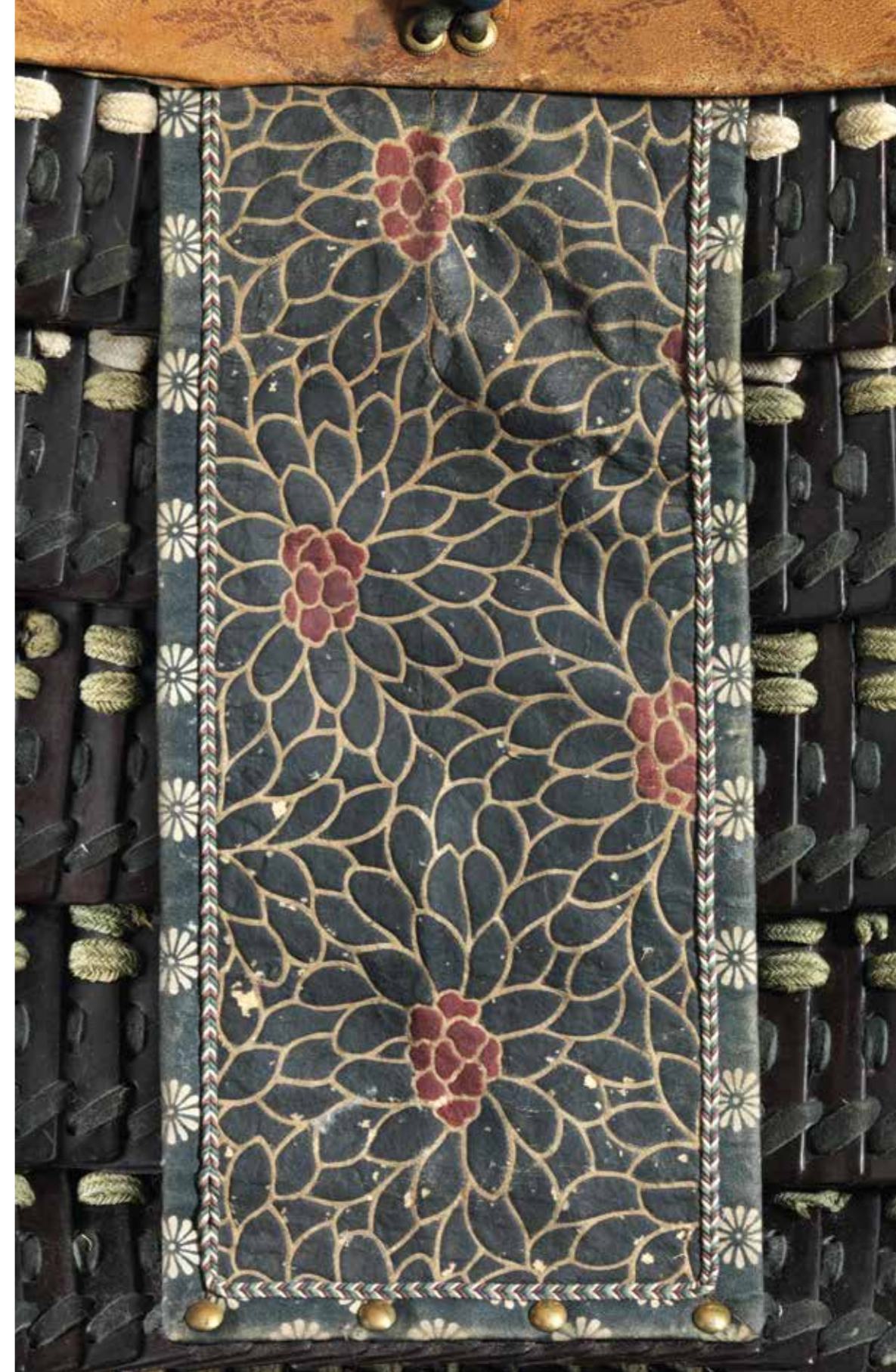


Elmo / Helmet
kabuto





Elmo (pormenor)
Helmet (detail)
kabuto



Avental (pormenor)
Thigh Guards
Haidate



Couraça (pormenores)
Cuirass (details)
Do

Ombreiras (pormenores)
Shoulder plates (details)
Kote



Arreio de cavalo de Samurai (*bagu*)

Samurai Horse Harness (*bagu*)

Japão, século XVII (8 de dezembro, 1649)

Insc. Kaou/ Keian ninen / Juunigatsu Youka; 1649, 8th december

Palácio Nacional da Ajuda, inv. 45562

Fotografia / Photography © Luísa Oliveira ADF / DGPC

Composta por sete elementos:

Máscara de dragão (*bamen*); cabeçada (*omogai*); bridão (*kutsuwa*),

sela (*kura*); Estribos (*abumi*); armadura protetora da garupa e da

espádua do animal (*bagai*)

Cabedal moldado e lacado a negro, vermelho e ouro, madeira lacada

a negro com decoração a ouro e prata relevada (*maki-e*), aventurina

de cobre, cabedal, pele de viado, pele de urso (?), fio de algodão e

pano de algodão

Composed of seven elements:

Dragon mask (*bamen*); bridle (*omogai*); bit (*kutsuwa*), saddle (*kura*);

saddle pad (*abumi*); horse armour (*bagai*)

Leather molded and lacquered in black, red and gold, wood lacquered

in black with gold and silver decoration (*maki-e*), aventurine of copper,

leather, deer fur, bearskin (?), cotton yarn and cotton cloth.

Se é certo que as selas e os arreios começaram a ser usados pelos japoneses a partir de 250 d.c., as armaduras, que condiziam com o resto do aparelho do cavalo, só aparecem a partir do séc. XVII, altura em que estes elementos passaram a ser símbolo de prestígio durante as procissões cerimoniais. Tanto a sela e os arreios como a armadura do cavalo, elaboradamente decorados, satisfaziam a necessidade de aparato e extravagância exigida pela política centralizadora do Xogunato Tokugawa.

Peça rara pelo seu historial, mas também pela qualidade formal e

estética, este conjunto de sela, arreios e armadura de cavalo, foi

oferecido pelo Xogum Tokugawa Iemoshi ao rei

D. Luís I em 1862, na sequência da visita da delegação Japonesa a

Portugal. A inscrição na parte interior dos encaixes da sela revela--nos

o seu autor. Segundo o livro Kura Abumi Shinshyo (Novo Livro de Selas

e Arreios), escrito durante o período Edo(1603-1868), a assinatura

corresponde ao artesão Daijo Masanari Yamashiro Tsuji, que sucedeu

o seu pai no ofício, aos 26 anos, em 1636. Este artesão foi chamado

várias vezes ao palácio do III Xogum Tokugawa para executar selas.

Era pois conhecido pela alta qualidade da sua manufatura. Em 1641

recebeu a aprovação do Xogum para assinar o seu trabalho e portanto

tornou-se uma autoridade na matéria.

If it is true that the saddles and harnesses began to be used by the Japanese from 250 AD, the armors, which matched the rest of the horse's equipment, only appear from the 17th century onwards. Like the elaborately decorated harness, horse armors appears to have satisfied the need for display and extravagance demanded by the centralizing policy of the Tokugawa Shogunate.

This set of harness, saddle and horse armor is rare for its history, but

also for its formal and aesthetic quality. It was a diplomatic gift from

Tokugawa Iemoshi Xogum to King D. Luis of Portugal in 1862 following

the visit of the Japanese delegation to Portugal.

The inscription on the inside of the saddle fittings reveals its author.

According to the book Kura Abumi Shinshyo (New Book of Saddles and

Stirrups), written during the Edo era (1603-1868), the craftsman of this

saddle was called Daijo Masanari Yamashiro Tsuji and he succeeded

his father at the age of 26 in 1636. He has been invited very often to the

castle of the third Tokugawa *shogun*, to make saddles and he was very

well appreciated by the high quality of its manufacture. In 1641 he was

allowed to sign his work with the approval of the *shogun*, so he became

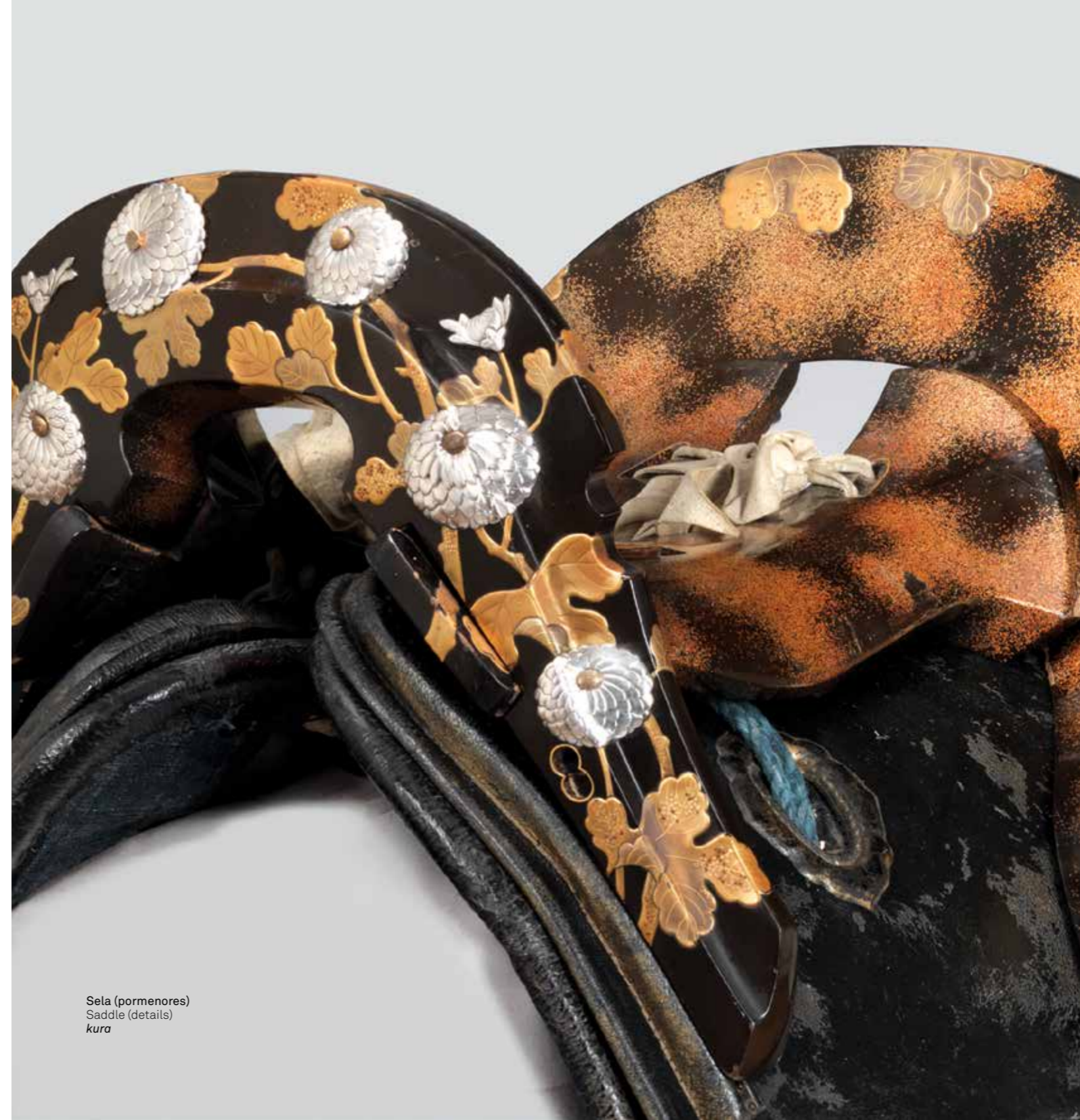
an authority on this subject.



Máscara de dragão

Dragon Mask

Bamen



Sela (pormenores)
Saddle (details)
kura

O Japão no Palácio da Ajuda

Japan in the Ajuda Palace

MARIA JOSÉ GAIVÃO DE TAVARES

Conservadora da coleção de Mobiliário do Palácio Nacional da Ajuda
Curator of the Furniture collection of the Ajuda National Palace

O Palácio da Ajuda, habitado pela família real e pela corte a partir de 1861, ano em que D. Luís (r. 1861-1889) sobe ao trono, foi palco da política e diplomacia portuguesas da segunda metade do séc. XIX. Residência de um monarca constitucional e de uma rainha italiana, conserva ainda hoje os interiores autênticos, profusamente decorados com extensas e variadas coleções de obras de arte e objetos de uso quotidiano. As salas e as suas coleções exprimem não só o gosto e os hábitos das elites oitocentistas portuguesas, personificadas na família real, mas também momentos da política portuguesa e das relações de Portugal com o exterior.

No acervo deste Palácio, aberto ao público como museu na década de 60 do séc. XX, encontram-se numerosos presentes diplomáticos; objetos emblemáticos das relações políticas e comerciais, da assinatura de tratados ou visitas de Estado. É neste contexto, das relações diplomáticas, mas também do gosto dos reis que aqui viveram, que o Japão tem uma presença evidente no Palácio da Ajuda. Na verdade, as obras de arte japonesas que aqui se conservam são testemunhos materiais da abertura do Japão ao mundo, após 200 anos de isolamento; um dos acontecimentos mais marcantes do séc. XIX, com fortes repercussões na sociedade europeia, nomeadamente nas áreas da criação artística.

*“Os japonezes estiveram hontem no teatro de S. Carlos, onde foram objecto das atenções dos dilettante e de mil extravagantes comentários. Foram também hontem recebidos no paço.”*¹

Em 1860 o rei D. Pedro V (r. 1855-1861) assinara o Tratado de Paz, Amizade e Comércio entre Portugal e o Japão². Em 1862, os recém-casados rei D. Luís e a jovem rainha D. Maria Pia de Saboia³ (r. 1862-1910) recebem na Sala do Trono do Palácio da Ajuda uma comitiva japonesa que visitava os países europeus com quem havia firmado tratado.

O jornal *A Revolução de Setembro*⁴ dá-nos a saber que a comitiva esteve no Teatro de São Carlos, em Lisboa. *O Diário de Lisboa*⁵ descreve em pormenor a audiência no Palácio Real. Por esta ocasião, são enviados pelo Taicun Tokugawai ao rei de Portugal, vários presentes diplomáticos, a saber: duas espadas com trabalhos ornamentais, uma sela e arreios, pinturas, dez biombos, uma caixa para livro, uma caixa de papel e tinteiro e sedas variadas⁶.

Nos finais de 1863, é enviada à Europa outra embaixada do Japão. Por razões ainda hoje pouco conclusivas, foi subitamente interrompida não tendo chegado a visitar Portugal. Não obstante, chega a Lisboa, em 1864, mais uma

The Ajuda Palace, which housed the Portuguese royal family and the court from 1861, the year *Dom* Luís I (r. 1861-1889) ascends to the throne, was a key stage for Portuguese politics and diplomacy in the second half of the 19th century. The residence of a constitutional monarch and an Italian queen, it preserves to this day its original interiors, profusely decorated with vast and varied collections of artworks and everyday objects. The rooms and collections are testimony not only to the taste and habits of Portuguese 19th-century elites, personified in the royal family, but also to moments of Portuguese political life and of the country’s relations with the outside world.

In the Palace’s collection, open to the public as a museum since the 1960s, we find a host of diplomatic gifts; objects that signal political and commercial relations, the signing of treaties or state visits. It is in this framework, shaped by diplomatic relations but also by the taste of the monarchs who lived here, that Japan has a conspicuous presence in the Ajuda Palace. The Japanese artworks preserved in the Palace are material evidence to Japan’s opening to the outside world, after two hundred years of isolation – one of the watershed moments of the 19th century, with significant repercussions in European society, namely in the field of artistic creation.

“The Japanese were in the S. Carlos Theatre yesterday, where they captured the attention of the dilettantes and were the object of a thousand fanciful comments. They were also received at the palace yesterday.”¹

In 1860 king Dom Pedro V (r. 1855-1861) had signed the Treaty of Peace, Friendship and Commerce between Portugal and Japan². In 1862, king *Dom* Luís and the young queen *Dona* Maria Pia of Savoy³ (r. 1862-1910), newlywed, receive in the Throne hall of the Ajuda Palace a Japanese delegation that was visiting the European countries with which it had signed a treaty.

The newspaper *A Revolução de Setembro*⁴ informs us that the delegation was present at the *Teatro de São Carlos* opera house, in Lisbon. The daily *Diário de Lisboa*⁵ describes the audience at the Royal Palace in great detail. On that occasion, the King of Portugal received from Tokugawa Taikun a series of diplomatic gifts, to wit: two ornamentally-cut swords, one saddle and harness, paintings, ten folding screens, one display cabinet, one paper box and inkstand and assorted silk pieces⁶.

Towards the end of 1863, Japan sent another delegation to Europe. For reasons that are still unclear, this diplomatic mission was abruptly cut short, so it did not visit Portugal. However, in 1864 another shipment of gifts from Tokugawa *shogun* offered to King *Dom* Luís.

remessa de presentes do Xogum Tokugawa para D. Luís. Desta vez, segundo um ofício da Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar, de 29 de julho de 1864⁷, são enviados os seguintes itens: cinco espadas, cinco rolos de veludo, dez de volante, diversas sedas brancas e encarnadas assim como crepes, duas caixas para voltarete, uma estante envernizada, uma dita para o gabinete, uma escrivaninha, dois pares de jarras, uma poncheira e um vaso de porcelana, uma figura de cristal representando um homem, uma mesa de escrita e duas caixas de diversos jogos.

“D. Luís manda decorar uma sala para colocar os presentes que recebera ultimamente do Japão. As paredes são forradas de valioso damasco, e as portas imitam charão (...)”⁸

Integrada nas obras de renovação dos interiores do Palácio, levadas a cabo na década de sessenta, surge então uma sala especialmente dedicada aos presentes do Japão. Mais tarde denominada *Salinha Chinesa*, esta sala foi sempre fundamentalmente japonesa, com exceção da pintura de *chinoiserie* nas portas e lambris e da presença pontual de alguns objetos da China e da Índia.

De acordo com fotografias⁹ e documentação da época¹⁰, as paredes da sala são forradas a seda japonesa, assim como os móveis de assento e as cortinas das portas e da janela; é, pois, provável que tenham sido utilizadas as sedas enviadas pelo Taicun em 1862 e 1864. Estes têxteis, por se encontrarem em mau estado de conservação, foram substituídos em 1938 por outros idênticos, manufaturados em Portugal.¹¹

Quanto aos restantes presentes, conseguimos identificar algumas peças constantes da lista, ainda hoje expostas naquela sala: as duas estantes (*kasaridana*), de madeira lacada com decorações de motivos florais e pássaros esvoaçantes, são colocadas junto às paredes nascente e poente. Ditava o gosto japonês que as estantes fossem preenchidas de objetos. Assim as encontramos, decoradas pelos reis com diversas peças japonesas, entre elas a belíssima escrivaninha, ou caixa para escrita (*suzuribaku*). A mesa de escrita, também constante da lista de presentes, corresponde provavelmente à mesa de baixa estatura encostada à parede poente, sustentando um pequeno contador. Das espadas¹² oferecidas, ao todo sete, constam do acervo do Palácio apenas três. Na fotografia de Henrique Nunes, da década de 70, podemos observar uma *katana* pousada numa mesa; mais tarde, numa fotografia publicada, em 1904, na *Ilustração Portuguesa*¹³, surgem duas katanas suspensas na parede poente da sala. No Arrolamento do Palácio da Ajuda¹⁴, inventário exaustivo do recheio do Palácio, elaborado aquando da instauração da

This time, according to a dispatch by the State Secretariat for the Navy and the Overseas, dated 29 July 1864⁷, the following items were sent: five swords, five rolls of velvet, five rolls of delicate fabric, various pieces of white and red silk, two card game boxes, a varnished shelf, an office shelf, a writing desk, two pairs of porcelain vases, one porcelain punch bowl and one porcelain jar, one crystal figure representing a man, one writing table and two boxes of assorted games.

“Dom Luís had a room decorated with the express purpose of housing the gifts he had recently received from Japan. The walls are lined with rich apricot wood, and the doors mimic patent leather (...)”⁸

A room exclusively devoted to gifts from Japan appears, then, as part of the renovation work on the Palace’s interior in the 1870s. Later called Chinese Room (*Salinha Chinesa*), in fact this room remained for the most part Japanese, with the exception of the chinoiserie decorative painting in the doors and panelling and the occasional presence of a handful of objects from China and India.

Based on photographs⁹ and written documents from the period¹⁰, the room’s walls, as well as the seating furniture, were lined with Japanese silk, which was also used in the curtains of both doors and windows; it is likely, therefore, that the silk sent by the Taikun in 1862 and 1864 was used there. These fabrics, because they were in a poor state of repair, were replaced in 1938 by identical pieces, manufactured in Portugal.¹¹

As to the remaining gifts, we were able to identify some of the pieces on the list, which remain in the room to this day: the two display cabinets (*kazari dana*), of lacquered wood with flower and flying bird decorative motifs, are placed by the east and west walls. The cabinets were to be filled with objects, in accordance with Japanese taste. And they were indeed decorated by the Portuguese monarchs with a variety of Japanese pieces, among which the exquisite writing box (*suzuribaku*). The writing table, also mentioned in the list of gifts, is probably the low table placed against the western wall, holding a small cabinet on stand. Of the swords offered¹², seven in total, only three are now in the Palace collection. In the 1870s photograph by Henrique Nunes we see a *katana* on a table; later, in a photograph published in 1904 in the periodical *Ilustração Portuguesa*¹³, two katanas are suspended on the room’s western wall. In the 1912 Inventory of the Ajuda Palace¹⁴, which made a comprehensive listing of its contents when the I Republic was established, and the royal family fled into exile, another Japanese sword – a *wakizashi* – is

República e consequente exílio da família real, é descrita mais uma espada japonesa, uma *wakisashi*, suspensa na parede sul. Conforme a supracitada documentação, as porcelanas oferecidas não foram expostas neste aposento. É por isso difícil identifica-las entre as várias peças de porcelana japonesa existentes no acervo do Palácio.

O conjunto da sela e arreios, enviado em 1862, é, sem dúvida, o presente mais espetacular e não menos raro e valioso. Trata-se de um conjunto completo de equipamentos para o cavalo, composto pela sela completa (*kura*), os estribos (*abumi*), a máscara (*bamen*) e a couraça protetores da garupa e espádua do animal (*bagu*). Na sela estão inscritas a assinatura *Daijo Masanari Yamashiro Tsuji* e a data de 8 de dezembro de 1649¹⁵. Este conjunto, oferecido pelo Xogum Tokugawa, é uma obra-prima de arte militar japonesa do século XVII. As suas qualidades formais e artísticas, aliadas ao seu historial, conferem-lhe a maior relevância nas coleções nacionais.

Importa referir que estes presentes, à boa maneira japonesa, foram decerto escolhidos criteriosamente para serem oferecidos a um rei. E é natural que, tanto a sua tipologia como a decoração, estejam associadas a rituais e simbologias. A *katana* e a *wakizashi* eram as armas padrão dos samurais no período Edo, símbolos do mais alto estatuto social do Japão. O mesmo se pode dizer da sela, pois apenas aos samurais era permitido montar a cavalo nas batalhas¹⁶. Os objetos de escrita, finamente decorados, eram sinal de status e refinamento. A seda, ainda manufaturada em teares artesanais, só era acessível às classes mais altas. A laca japonesa, aplicada a uma infinidade de objetos da vida quotidiana, revelava a mestria do trabalho do artesão, demorado e minucioso, que nenhum outro país conseguira igualar em beleza e qualidade, e por isso tão valiosa e apreciada. As peças de porcelana, embora objetos de uso doméstico no Japão, destinavam-se exclusivamente às elites.

Aos presentes do Taicun, juntam-se outras peças japonesas, reflexo do gosto japonizante em voga na Europa em meados do século. Algumas, comprovadamente escolhidas pelos reis, foram adquiridas em casas comerciais especializadas em arte japonesa que, a partir de 1853 (data da abertura dos portos do Japão), começaram a despontar nas capitais europeias. Em Londres, Paris (cidade de eleição para as compras da rainha), Viena ou Turim, entre outras cidades, estas casas comerciais ofereciam uma grande variedade de escolha, a uma clientela ávida por tudo o que era japonês. Na década de 1870 já se encontravam na dita Salinha: um *Inro* de grandes dimensões; uma estante miniatura (*shodana*), duas peanhas, um carrinho de mão com vaso de flores

described, suspended on the south wall. According to the same documentation, the Japanese porcelains offered were not exhibited in this room. It is therefore difficult to identify them among the various Japanese porcelain pieces in the Palace collection.

The set including saddle (*kura*) and harnesses (*abumi*), sent in 1862 is, without a doubt, the most striking gift – and also rare and valuable. It is a complete set of horse equipment, including not only the saddle and harnesses but also the horse mask (*bamen*) and horse tack (*bagu*). On the saddle we find the signature Daijo Masanari Yamashiro Tsuji and the date 8 of December de 1649¹⁵. This set, offered by the Tokugawa *shogun*, is a masterpiece of 17th-century Japanese military art. Its formal and artistic qualities, alongside its history, give it pride of place in the national collections.

One should also note that these gifts, as was the Japanese custom, were surely chosen most carefully so as to be presented to a king. It is only natural, then, for both its typology and decoration to be associated with rituals and charged with symbolism. The *katana* and the *wakizashi* were the standard Samurai weapons during the Edo period, symbols of the highest social status in Japan. The same can be said of the saddle, for only the Samurai were allowed to ride horses in battle¹⁶. Finely-decorated writing implements were a sign of status and refinement. Silk, still manufactured in artisanal looms, was only accessible to the higher classes. Japanese lacquer, applied to a wide variety of everyday objects, revealed the artisan’s mastery of this meticulous and time-consuming craft, which no other country could match in beauty or quality, which is why it was so highly valued. The porcelain pieces, although objects of domestic use in Japan, were exclusive to the elites.

Besides the gifts from the Taikun, there are other Japanese pieces, a reflection of the *Japonisme* and Japanese-inspired taste that came into fashion in Europe in the mid-19th century. Some of these pieces, which we know were chosen by Portuguese monarchs, were purchased in commercial stores specialising in Japanese art, which, from 1853 (when the Japanese ports opened to the West), began to appear in European capitals. In London, Paris (where the queen preferred to shop), Vienna or Turin, among other cities, these commercial stores offered a wide variety of goods to a clientele that eagerly consumed all things Japanese. In the 1870s in the Chinese room the following items could already be found: a large *Inro*; a miniature cabinet (*shodana*), two wall pedestals, a hand cart with a brass copper and silver flower vase (*Hanaguruma*); a small Arita porcelain plate with golden

em latão cobre e prata (*Hanaguruma*); um pequeno prato de porcelana Arita com montagem de bronze dourado, comprado pela rainha em Paris¹⁸; um pequeno contador; uma caixa para pic-nic com vários recipientes (*jubako*); um conjunto de recipientes para comida¹⁸, adquirido em Turim pela rainha; mais tarde já no início do século XX aparecem dois contadores de laca negra e dourada, datados do século XVII. Por fim, não podemos deixar de falar dos lustres e apliques desta sala, executados em latão, decorados com chávemas e pires japoneses, bons exemplos daquilo que se costuma chamar de *japonismo*.

Mas o Japão não se circunscrevia à Sala que lhe era dedicada. Encontramos peças de arte japonesa em vários aposentos do Palácio¹⁹, com destaque para as peças de porcelana. Jarrões, jarras, vasos, pratos, candeeiros adornavam os mais variados espaços; desde as salas de receção aos aposentos privados.

Uma lista escrita pela mão da própria rainha, intitulada *Compras Turin Japonais*²⁰, dá-nos a conhecer uma série de peças adquiridas pela monarca em Turim. Das 12 bandejas enumeradas neste documento, 8 encontram-se ainda no acervo do Palácio; bonitos exemplares de peças de exportação ao gosto europeu, de meados do séc. XIX, as bandejas são decoradas a laca japonesa negra, castanha e vermelha, e decoradas com motivos de grou, borboletas e flores; no verso apresentam o selo da casa comercial Tognacca & Giglio Tos, Turim. Estas peças encontravam-se, em 1911, na Sala Grande (anexa à Sala dos Jantares Grandes)²¹.

O Japão está ainda representado nas coleções do Palácio da Ajuda por meio de duas armaduras de Samurai. Na sequência da assinatura dos tratados, o Xogum Tokugawa ofereceu armaduras a vários monarcas europeus²². Num documento de 1864 – mais uma lista de presentes diplomáticos do Japão – são referidas uma couraça e um avental²³. Um outro documento da Alfândega de 1866²⁴ refere que foram enviadas de Londres *duas armaduras de guerreiro*. Perante estas informações é difícil traçar o historial das armaduras existentes no Palácio. Sabemos porém que, em 1911, a armadura – inv. PNA 64848 - estava guardada junto da sela (presente diplomático do Japão) na Arrecadação do Tesouro e que a armadura – inv. PNA 43061 – se achava no Gabinete de Numismática do rei²⁵.

Peças paradigmáticas do Japão Tokugawa (período Edo 1603-1868), a sela, os arreios e as armaduras de Samurai, guardadas neste Palácio desde o tempo da família real, foram agora sujeitas a intervenções de conservação e restauro pelo Laboratório José de Figueiredo, e são expostas ao público pela primeira vez.

bronze applications, which the queen bought in Maison Boudé in Paris¹⁷; a small cabinet on stand; a picnic box with various containers (*jubako*); a set of food containers¹⁸ which the queen acquired in Turin; later, in the early 20th century, two 17th-century black and golden lacquer cabinet on stands are added to the collection. Finally, we cannot fail to mention the room’s brass chandeliers and appliquéés, decorated with Japanese cups and saucers, a classic example of *Japonisme*.

Japanese pieces, however, were not confined to the room exclusively devoted to them. We find Japanese artworks across several of the Palace’s rooms¹⁹, particularly porcelain pieces. Jugs, pitchers, vases, plates and lamps adorned a wide variety of spaces, from reception rooms to private chambers.

A list, handwritten by the queen herself under the title *Compras Turin Japonais*²⁰, informs us of the monarch’s purchase of a series of pieces in Turin. Of the 12 platters that are listed in that document, 8 are still part of the Palace collection; fine examples of export pieces, after the European taste, from the mid-19th century, the platters are decorated with black, brown and red Japanese lacquer, with Cranes butterflies and flower motifs; with the seal of the commercial store Tognacca & Giglio Tos, Turin on the reverse. In 1911 these pieces were in the Great Hall (*Sala Grande*) (next to the State Dining Room - *Sala dos Jantares Grandes*)²¹.

Japan is also represented at Ajuda Palace collections by means of two Samurai armors. Following the signature of the treaties, the Tokugawa Xogum offered armor to several European monarchs.²² A document from 1864 – another list of diplomatic gifts from Japan – refers a cuirass and thigh guards²³. Another Customs document of 1866 reports that two warrior armors were sent from London.²⁴ Given this information it is difficult to trace the historial of to the existing armors in the Palace. We know, however, that in 1911, the armor - inv. PNA 64848 - was stored near the saddle(a diplomatic gift from Japan) in the Treasure Storage. The armor - inv. PNA 43061 - was in the king’s Numismatic Office²⁵.

Quintessential pieces from the Japan of the Tokugawa (Edo period 1603-1868), both the saddle and harnesses and the Samurai armour have been stored away since the end of the monarchy. They have been subjected to conservation and restoration work by Laboratório José de Figueiredo, and are now exhibited to the public for the first time.

-
- 1 *A Revolução de Setembro*, 21 de outubro de 1862, p. 2, c. 2.
 - 2 Arquivo Histórico Diplomático/MNE, Tratado de Paz, Amizade e Comércio, CX Tratados Portugal-Japão
 - 3 D. Maria Pia de Sabóia chegara a Lisboa duas semanas antes. Esta terá sido a primeira audiência envolvendo entidades estrangeiras a que assistiu, depois das cerimónias relacionadas com a ratificação do seu casamento com o Rei D. Luís, no dia 5 de outubro 1862
 - 4 *A Revolução de Setembro*, op.cit.
 - 5 *Diário de Lisboa*, 20 outubro 1862, p. 2545, c.1-2.
 - 6 Arquivo Histórico Diplomático / MNE, Capilha Governo de Macau Of. Nº 1 a 12, 1862. Documento localizado pela Doutora Ana Fernandes Pinto a quem agradecemos.
 - 7 Arquivo Nacional Torre do Tombo, Arquivo Histórico Ministério das Finanças, Casa Real, Cx. 4742, Doc. 131.
 - 8 *Diário de Notícias*, 29 de julho de 1865
 - 9 Biblioteca da Ajuda, *Palácio da Ajuda - Sala Chinesa* / NUNES, Henrique, [s.d., séc. XIX] Avulso, prova em papel colada sobre cartão. Faz parte da pasta “Henrique Nunes: Palácio da Ajuda e Baixela Germain”. A fotografia está inserida numa cercadura decorativa, tem legenda e apresenta assinatura manuscrita do fotógrafo
 - 10 Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda (APNA), 8.6.1, Inventário e avaliação dos bens que ficaram por falecimento de Sua majestade El rei e Senhor Dom Luiz
 - 11 APNA, 11.4.3-PT23, Relatório do Conservador do Palácio Nacional da Ajuda enviado ao Chefe da repartição do Património da Direção Geral da fazenda Pública, 1938.
 - 12 Agradecemos a identificação e datação das espadas japonesas (duas *katanas* e uma *wakisashi*) ao Dr. Jorge Caravana.
 - 13 Ilustração Portuguesa, 12 de setembro 1904, p. 710

- 14 Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda, Arrolamento do Paço da Ajuda, março de 1912; Z’’
- 15 Agradecemos ao Dr. Luc Taelman, Presidente da Japanese Armor Society, a peritagem desta peça.
- 16 AA.VV. Art of Armor. Samurai Armor from the Ann and Gabriel Barbier.Mueller Collection.The Ann & Gabriel Muller Museum. 2011.
- 17 Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda , 4..2.2. Apontamentos manuscritos da rainha D. Maria Pia sobre compras a fazer no estrangeiro [f.22] Boudé comprado (...) pratinho da índia montado em bronze (...). Documento levantado por Cristina Neiva Correia a quem agradecemos.
- 18 Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda, 4.3.2 Cx2. cap. 16, Lista de compras efetuadas pela rainha em Turim, s.d.
- 19 Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda, Arrolamento do Paço da Ajuda, 1911-1912.
- 20 Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda, 4.3.2 Cx2. cap. 16, Lista de compras efetuadas pela rainha em Turim, s.d.
- 21 Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda, Arrolamento do Paço da Ajuda, volume 7. P’’ nº 214 a 220, 4 dez. 1911
- 22 Veja-se a armadura oferecida à rainha Vitória em 1860 no Victoria & Albert Museum nbr: 362 to R-1865.
- 23 AHD-MNE, Caixa Documentos diversos em caracteres japoneses. A lista de presentes que se surge envolvida num papel que apresenta a indicação ver ofício 63 da legação em Paris (18 de Junho de 1864, para D. Luís I. Documento levantado por Ana Fernandes Pinto.
- 24 ANTT / Cx 4808 Docs da Alfândega: 1866, Maio. Chegam 2 *armaduras de guerreiros e outros objectos antigos*. Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda, Arrolamento do Paço da Ajuda, Y’’’ 11
- 25 Tradução das inscrições pelo Dr. Koji Kobayashi (National Research Institute for Cultural Properties, Tokyo) a quem agradecemos.



Estante (*kazari-dana*)
Shelf (*kazari-dana*)
 Japão, meados do séc. XIX
 Japan, mid-19th century
 Madeira coberta de laca negra (*urushi*) com
 decoração pictórica a laca relevada (*takamaki-e*),
 aventurina de cobre e ouro (*nashiji*), cobre e prata
 cinzelados e madre-pérola
 Wood covered with black lacquer (*urushi*)
 with pictorial decoration with lacquered relief
 (*takamaki-e*), aventurina of copper and gold (*nashiji*),
 copper and silver carved and mother-of-pearl
 1003 x 1304 x 440 cm
 Fotografia / Photography © Maria Pedro Fonseca,
 PNA/DGPC



Sala Chinesa do Palácio Nacional da Ajuda
Chinese Room of Ajuda National Palace
 Fotografia / Photography © Hans Rupp PNA / DGPC



Bandeja retangular
Rectangular tray
 Japão, século XIX / Japan, 19th century
 Madeira coberta a laca vermelha acastanhada
 com decoração pictórica a ouro, cobre e prata
 Wood covered with red brown lacquer with gold,
 copper and silver pictorial decoration
 Insc. Tognacca & Giglio Tos, Turim
 (etiqueta do fornecedor / vendor label)
 1,5 x 26,5 x 15,7 cm
 Palácio Nacional da Ajuda, inv. 43166
 Fotografia / Photography © EPI, PNA/DGPC

Bandeja
Tray
 Japão, século XIX / Japan, 19th century
 Madeira coberta de laca policroma com decoração
 pictórica a ouro
 Wood covered with polychrome lacquer
 with gold pictorial decoration
 5,8 x 65,5 x 38,3 cm
 Palácio Nacional da Ajuda, inv. 42852
 Fotografia / Photography © Thales Leite PNA/DGPC



Bandeja
Tray
 Japão, século XIX / Japan, 19th century
 Madeira coberta a laca castanha escura
 com decoração pictórica a ouro
 Wood covered with dark brown lacquer
 with gold pictorial decoration
 2 x 21,5 x 21,5 cm
 Palácio Nacional da Ajuda, inv. 43167
 Fotografia / Photography © Thales Leite PNA/DGPC

Bandeja quadrada
Square tray
 Insc. Tognacca & Giglio Tos, Turim
 (etiqueta do fornecedor / vendor label)
 Japão, século XIX / Japan, 19th century
 Madeira coberta a laca negra com decoração
 de motivos florais a ouro e prata
 Wood covered with black lacquer with gold
 and silver floral pattern decoration
 2,5 x 22,7 x 22,7 cm
 Palácio Nacional da Ajuda, inv. 42858
 Fotografia / Photography © Thales Leite PNA/DGPC

Bandeja
Tray
 Japão, século XIX / Japan, 19th century
 Madeira coberta a laca vermelha com rebordo
 e inscrição de caracteres chineses a ouro
 Wood covered with red lacquer with border and
 inscription of Chinese characters in gold
 2 x 38,2 x 26,7 cm
 Palácio Nacional da Ajuda, inv. 42857
 Fotografia / Photography © Thales Leite PNA/DGPC





Bandeja
Tray
 Japão, século XIX / Japan, 19th century
 Madeira coberta a laca vermelho escuro
 com decoração a ouro
 Wood covered with deep red lacquer
 with gold decoration
 Insc. Tognacca & Giglio Tos, Turim
 (etiqueta do fornecedor / vendor label)
 3,4 x 48,7 x 31,7 cm
 Palácio Nacional da Ajuda, inv. 41853
 Fotografia / Photography © EPI, PNA/DGPC

Bandeja
Tray
 Insc. Tognacca & Giglio Tos, Turim
 (etiqueta do fornecedor / vendor label)
 Japão, século XIX / Japan, 19th century
 Madeira coberta a laca vermelha negra
 com decoração de paisagem a ouro
 Wood covered with black red lacquer
 with landscape decoration in gold
 4,4 x 46,5 x 29,7 cm
 Palácio Nacional da Ajuda, inv. 42854
 Fotografia / Photography © EPI, PNA/DGPC



Bandeja
Tray
 Insc. Tognacca & Giglio Tos, Turim
 (etiqueta do fornecedor / vendor label)
 Japão, século XIX / Japan, 19th century
 Madeira coberta a laca vermelha com decoração
 a laca relevada ouro, cobre e óxido de ferro
 Wood covered with red lacquer with lacquer
 decoration relief in gold, copper and iron oxide
 3,1 x 43 x 26,5 cm
 Palácio Nacional da Ajuda, inv. 42856
 Fotografia / Photography © Thales Leite PNA/DGPC



Bandeja
Tray
Japão, século XIX / Japan, 19th century
Madeira coberta a laca negra com decoração
de borboletas a ouro
Wood covered with black lacquer with gold
butterflies decoration
Insc. Tognacca & Giglio Tos, Turim
(etiqueta do fornecedor / vendor label)
Palácio Nacional da Ajuda, inv. 42855
Fotografia / Photography © Thales Leite PNA/DGPC



Bandeja
Tray
 Japão, século XIX / Japan, 19th century
 Madeira coberta de laca negra com decoração pictórica em laca relevada, ouro, cobre e prata
 Wood covered with black lacquer with pictorial decoration in relief lacquer, gold, copper and silver
 3,5 x 73 x 45 cm
 Palácio Nacional da Ajuda, inv. 51332
 Fotografia / Photography © Thales Leite PNA/DGPC



Caixa escrivinha (suzuribako)
Writing box (suzuribako)
 Japão, século XIX / Japan, 19th century
 Madeira coberta de laca negra (*urushi*), aventurina de ouro e cobre (*nashiji*) e pintura decorativa a ouro e prata relevada (*takamaki-e*, *hiramaki-e*)
 Wood covered with black lacquer (*urushi*), gold and copper aventurine (*nashiji*) and gold and silver decorative painting (*takamaki-e*, *hiramaki-e*)
 5 x 25 x 26 cm
 Palácio Nacional da Ajuda, inv. 51168
 Fotografia / Photography © EPI PNA/DGPC

Bandeja
Tray
 Japão, século XIX / Japan, 19th century
 Madeira coberta a laca castanha escura com decoração pictórica a ouro e prata e apontamentos a laca vermelha
 Wood covered with dark brown lacquer with gold and silver pictorial decoration and red lacquer details
 Insc. Tognacca & Giglio Tos, Turim
 (etiqueta do fornecedor / vendor label)
 2,5 x 32 x 32 cm
 Palácio Nacional da Ajuda, inv. 43165
 Fotografia / Photography © EPI PNA/DGPC





Conjunto de Grous
Set of grouse
Japão, século XIX / Japan, 19th century
Bronze
(Da esquerda para a direita / From left to right)
82 x 22; 182 x 49; 50 x 50 cm
Palácio Nacional da Ajuda, inv. 2002, 2003 e 2004
Fotografia / Photography © Henrique Ruas ADF/DGPC



Mesa de escrita
Writing table
Japão, meados do séc. XIX / Japan, mid-19th century
Madeira, laca negra e dourada (*urushi*), laca relevada (*takamaki-e*), latão
Wood, black and gold lacquer (*urushi*), lacquered relief (*takamaki-e*), brass
Palácio Nacional da Ajuda, inv.
Fotografia / Photography © Thales Leite PNA/DGPC



Espada de Samurai (wakizashi)
Samurai sword (wakizashi)
Japão, meados do séc. XIX
Japan, mid-19th century
Ferro, aço, cabedal e algodão
Iron, steel, leather and cotton
69 cm
Palácio Nacional da Ajuda, inv. 3901
Fotografia / Photography © Luísa Oliveira, ADF/DGPC



Espada de Samurai (katana)(par)
Samurai Sword (katana)(pair)
Japão, meados do séc. XIX
Japan, mid-19th century
Ferro, aço, cabedal e algodão
Iron, steel, leather and cotton
103 cm
Palácio Nacional da Ajuda, inv. 3896 e 3897
Fotografia / Photography © Luísa Oliveira ADF/DGPC



Prato montado
Mounted plate
Japão, Arita c. 1650-1660; montagens França (?)
Japan, Arita c. 1650-1660; mounting France (?)
século XIX / 19th century
Porcelana decorada com esmaltes policromos
sobre o vidrado; montagens de bronze dourado
Porcelain decorated with polychrome enamels
on glaze; gilt bronze mounts
4,5 x 14,2 cm
Palácio Nacional da Ajuda, inv. 49220
Fotografia / Photography © José Paulo Ruas ADF/DGPC

Os Diplomatas

The diplomats

(1903-1952)

ANA FERNANDES PINTO

A 29 de Dezembro de 1903 era estabelecida a Legação de Portugal em Tóquio; José Batalha de Freitas apresentava credenciais tornando-se no primeiro Ministro Plenipotenciário residente no Japão¹.

Nesse momento, o Japão apresentava-se como uma potência económica, modernizada, equiparável às potências ocidentais, as mesmas que meio século antes tinham forçado a abertura do arquipélago ao exterior (1854) no âmbito dos respetivos processos imperialistas. Além disso, a preocupação do Japão com a defesa nacional e em garantir a liberdade de ação fora da esfera de qualquer intervenção estrangeira tinham servido de estímulo à militarização. Mas não só. Entretanto o Japão percecionara a importância em prosseguir uma política imperialista para a sua aceitação internacional enquanto nação. Em 1894 iniciava o conflito com a China pela hegemonia na Coreia (1894-1894); dez anos mais tarde, em 1904-1905, defrontava a Rússia na luta pelo controlo de territórios do Norte da China, da Manchúria e da Coreia. No final, o Japão não só ganhava capacidade e estatuto para intervir na geopolítica da Ásia Oriental, como impunha-se como uma nação imperialista: adquiriu o controlo sobre Taiwan e a Península de Liaodong na China, era-lhe reconhecida a posse das ilhas Ryūkyū (1894-1895), bem como a influência sobre a Manchúria e a Coreia (1904-1905), sendo esta última anexada formalmente em 1910.

À semelhança do Japão, na viragem para o século XX, também Portugal lutava contra a ordem imperialista determinada pelas nações europeias. O império português vivia momentos atribulados, que remontavam, aliás, ao início de Oitocentos. As dificuldades eram de ordem diversa: a extensão do território ultramarino e a sua dispersão por três continentes; a ausência de uma estratégia para com o Ultramar em consequência da instabilidade política nacional; as vicissitudes da aliança com a Grã-Bretanha, nem sempre firme, mas da qual Portugal dependia fortemente para defesa naval e militar do império. Além do mais, Portugal mantinha um sistema de administração arcaizante, que potenciava a dissensão entre fações locais, sendo legítimo afirmar que a soberania decorria no plano teórico. Neste contexto, e em face do direito internacional que então se desenhava, em que a soberania implicava a efetiva ocupação territorial, Portugal investia os seus recursos em África². A representação diplomática no Japão sofreu deste desfasamento.

Porém, o facto do estabelecimento da Legação em Tóquio coincidir com a afirmação do Japão na política internacional é revelador de um processo de intenções, da necessidade de representação do Estado Português e de proximidade permanente ao governo japonês. As mesmas

On the 29th of December 1903 the Portuguese Legation in Tokyo is inaugurated; José Batalha de Freitas presented his credentials and became the first Minister Plenipotentiary to reside in Japan¹.

Japan was then a modern economic power, on a par with the Western powers who only half a century earlier had imposed the opening of the archipelago to the outside world (1854) in the pursuit of their own imperialist ambitions. Japan's national security concerns and its efforts to preserve its freedom of action and ward off any foreign intrusion had operated as a stimulus to militarization. But the consequences were far wider. In the process, Japan had realised the importance of pursuing an imperialist policy of its own, so it could stake its claim on the international sphere. In 1894, Japan starts a conflict with China over Korea (1894-1894); ten years later, in 1904-1905, in clashes with Russia for control over territories in Northern China, Manchuria and Korea. In the end, Japan not only gained the necessary capacity and status to intervene in Eastern Asian geopolitics, but also established itself as an imperialist nation: it gained control over Taiwan and the Liaodong peninsula (China), saw its claim to the **Ryūkyū** islands recognised (1894-1895), as well as its hold over Manchuria and Korea, some years later (1904-1905) – Korea would be formally annexed to Japan in 1910.

Not unlike Japan, at the turn into the 20th century Portugal was struggling within the imperialist order dictated by the most powerful nations. The Portuguese empire was going through troubled and challenging times, which in fact can be traced back to the early 1800s. The difficulties were of various kinds: the extension of its overseas territory and the fact that it was scattered across three continents; the absence of an Overseas strategy as a result of political instability in the metropole; the vicissitudes of its alliance with Great Britain, at times precarious but nonetheless essential for the naval and military defence of the Portuguese empire. Furthermore, Portugal had an outworn administrative apparatus, which made it easier for dissensus between local factions to break out. Indeed, one can justifiably argue that Portuguese sovereignty over its vast overseas territories was largely theoretical. Against this backdrop, and in light of the system of international law that was then emerging, whereby sovereignty implied effective territorial occupation, Portugal turned its attention and resources toward Africa². The country's diplomatic representation in Japan suffered from this shift.

Be that as it may, the fact that the first Portuguese Legation in Tokyo coincided with Japan's affirmation on the stage of international politics is testimony to the Portuguese state's will, and perceived need, to be represented in

razões terão levado a que nos momentos mais sensíveis da política internacional na Ásia, o cargo tenha sido sempre ocupado por homens de qualidades de análise, e também de escrita, excepcionais.

Assombro é a nota dominante no discurso de todos os diplomatas que durante este período cumpriram funções no Japão: espanto pelo esforço japonês, primeiro em se modernizar à luz dos preceitos civilizacionais do Ocidente, depois em prosseguir na determinação imperialista. A descrição de César de Sousa Mendes, em funções na Legação entre 1914 e 1918, é conforme ao sentimento partilhado por todos os diplomatas que passaram pelo arquipélago: «o lugar que o Japão tem conquistado entre as nações civilizadas é, sob todos os aspetos, digno do maior interesse. Houve tempo em que o povo japonês se dedicava com verdadeiro afinco ao estudo e assimilação dos progressos da civilização ocidental e, se esse trabalho continua ainda hoje, certo é que já a ele se deve o espantoso desenvolvimento que, em todos os campos da atividade humana, este país nos patenteia e que o impõe à admiração e ao respeito de todos os povos. O Japão de hoje não é o já o noviço daquela civilização: do discípulo aplicado e inteligente vai-se formando gradualmente o mestre autorizado, cujas lições podem já hoje ser com vantagem aproveitadas.»³. As guerras com a China e a Rússia e a anexação da Coreia são apresentados como «grandes acontecimentos que fazem época na história moderna do Japão»⁴, uma asserção que denota assentimento para com a orientação imperialista do Japão, muito conforme à lógica do novo imperialismo europeu do final do século XIX, então no seu zénite.

Apenas na década de 1930 o discurso dos representantes de Portugal começa a ensombrar-se. A bem-sucedida política expansionista do Japão entusiasmará as fações da política nipónica defensoras do militarismo, que ora defendiam a continuação da expansão territorial no continente, ora consideravam ser vocação do Japão estender a sua supremacia ao Pacífico. O final da Primeira Grande Guerra (1914-1918) seria o pretexto para a anexação de antigas colónias europeias no Pacífico; a emergência do regime bolchevista na Rússia tornaria legítima não só a intervenção na Sibéria, como a luta contra a expansão do Comunismo na Ásia. Em 1921, a Conferência de Washington envidava esforços para limitar o armamento do Japão e conter as ambições imperialistas, nomeadamente na China. Porém, em 1931, o Japão ocupava a Manchúria, iniciando o conflito com a China que só terminaria em 1945. Em 1930 Antero Carreiro de Freitas, à data há mais de três anos em serviço em Tóquio e responsável pela Legação, redigiu uma análise apreensiva do novo contexto, expressa

Japan and to forge a lasting bond with the Japanese government. This also explains why throughout the most delicate periods in international politics in the Asian continent, the post was occupied by men with exceptional analytical minds – all of them, one might add, remarkable writers.

Awe is the keynote in the discourse of the diplomats that served in Japan throughout this period: a sense of amazement in the face of Japanese efforts, first to modernize itself in line with Western civilizational precepts, and later to follow its own imperialist trajectory. The description offered by César de Sousa Mendes, who served in the Legation between 1914 and 1918, chimes with a sentiment that seems to be shared by all the diplomats that lived in the archipelago: «the place that Japan has conquered among civilized nations is, in all respects, worthy of our greatest interest. There was a time when the Japanese people devoted themselves with the utmost diligence to the study and assimilation of the advances of Western civilization and, while that effort continues to this day, it is already the reason behind the astonishing developments which, in all fields of human activity, this country has offered us, and for which they deserve the admiration and respect of all peoples. The Japan of today is no longer this civilization's novice: the bright and studious disciple is gradually turning into the confirmed master, whose lessons we can already benefit from»³. Japan's wars with China and Russia and the annexation of Korea are described as «major epoch-making events in Japan's modern history»⁴, a phrasing that betrays a support to Japan's imperialist push, in keeping with the rationale of the late 19th-century European which was then at its peak.

Only in the 1930s does the discourse of Portuguese representatives begin to take on darker hues. Japan's successful expansionist policy had stirred the enthusiasm of the militaristic Japanese political factions, who either defended the continuation of country's territorial expansion into the continent or thought that Japan's imperial destiny should see it extend its supremacy across the Pacific Ocean. The end of World War I (1914-1918) was the pretext for the annexation of former European colonies in the Pacific, while the emergence of the Bolshevik regime in Russia served as justification not only for an intervention in Siberia but also for a wider struggle against the expansion of Communism in Asia. In 1921, the Washington Conference set out to limit Japan's arm race and contain its imperial ambitions, namely in China. However, in 1931 Japan occupies Manchuria, triggering a conflict with China that would only end in 1945. In 1930 Antero Carreiro de Freitas, the head of the Legation who had been serving in

no título do relatório, *O Japão e o Problema do Pacífico*. Informava que: «O Japão resolvera ser o “leader” das nações asiáticas, considerava-se mesmo como predestinado pelos seus deuses para essa missão», e acrescentava que essa ambição era partilhada por todos, «não há hoje no Japão um japonês, por mais humilde e mais baixa que seja a classe a que pertença, que não acaricie... a ideia de ver o seu país supremo num Oriente desperto»⁵. Carreira de Freitas fazia assim eco do sentido identitário dos nipónicos que os levou à convicção e à retórica de que respondiam a um «apelo celestial» (*tenshoku*) para iluminar os restantes povos asiáticos⁶. Em 1934, Valdemar Araújo, em desempenho de funções no Japão de 1931 a 1936, responsabilizava o Japão pela criação de um «horizonte político extremamente carregado»⁷. Homem que se destaca por ter aprendido o japonês, ia mais longe na sua avaliação, apresentando o Japão como «preparadíssimo, orgulhoso, fanático na consciência da sua força e confiadíssimo nos altos destinos»⁸. A análise do Japão nos anos imediatamente anteriores à Segunda Grande Guerra recairia de novo sob Antero Carreiro de Freitas. Transferido para Pequim em finais do ano de 1931, tornava à Legação em Tóquio em 1937, ficando o seu responsável durante a ausência do Ministro Plenipotenciário. Tomás Ribeiro de Melo partira em licença nesse ano e apenas em 1940 desembarcaria em Tóquio o novo Ministro de Portugal, Luís Esteves Fernandes. Entre um misto de espanto e de crítica acérrima, Carreiro de Freitas informa Lisboa sobre os conceitos que tinham passado a guiar o governo japonês⁹: a ideia de *nova ordem* assente no princípio de que a Ásia pertencia aos Orientais e de que o Japão era a nação mais capaz à liderança do bloco político, económico e cultural formado pela China, a Manchúria e o próprio arquipélago nipónico; o direito a estender o *espaço vital* para colmatar as carências económicas, e por último a ideia de coprosperidade que se traduzia no controle do desenvolvimento económico de toda a região por si com partilha de lucros por todos os envolvidos¹⁰. Na sua análise, tudo não passava de ataques às «Potências brancas»¹¹. Esta referência à raça não vai ao encontro das ideias darwinistas da determinação do fator biológico na evolução dos povos, antes remete para a doutrina nipónica que valorizava a proveniência asiática e os dominadores culturais comuns como elementos agregadores, que estava na base de uma teoria colonialista que servia para justificar a supremacia do Japão no Extremo Oriente¹². Uma análise mais dura sobre o expansionismo japonês por parte de Antero Carreiro de Freitas leva-o à consideração de que «o caráter nacional do Japão não é de molde a fazer-nos crer que o japonês, como raça, é capaz de qualquer espécie de generosidade

Tokyo for over three years, wrote an analysis of the emergent context, whose concerned tone comes through in the very title: *O Japão e o Problema do Pacífico* – i.e., «Japan and the Problem of the Pacific». There, one reads: «Japan had decided to become the leader of the Asian nations, and indeed thought of itself as having been chosen by its gods to undertake this mission». One also learns that this ambition was shared by all citizens: «nowadays in Japan one will not find a single Japanese, no matter how humble or how low in social status, that does not cherish... the thought of seeing their country rule supreme in a newly awakened Orient»⁵. Carreira de Freitas thus registered a sense of identity among the Japanese that led them to the conviction and the rhetoric that they were answering a «heavenly mandate» (*tenshoku*) to light the way for the other Asian peoples⁶. In 1934, Valdemar Araújo, who served in Japan from 1931 to 1936, pointed his finger at Japan for creating an «very sombre political horizon»⁷. Araújo, who stood among the diplomats for having learned Japanese, went even further in his assessment, presenting Japan as being «fully prepared, proud, with a fanatic faith in its own powers and an unwavering confidence in its grand destiny»⁸. On the eve of World War II, Antero Carreiro de Freitas once again cast his analytical eye over Japan. Transferred from Beijing towards the end of 1931, in 1937 he returned to the Tokyo Legation, which he headed in the absence of the Minister Plenipotentiary, Tomás Ribeiro de Melo. The latter had been granted a leave and only in 1940 would the new Minister of Portugal, Luís Esteves Fernandes, land in Tokyo. Caught somewhere between a sense of astonishment and a fiercely critical stance, Carreiro de Freitas informs Lisbon of the guiding concepts that now define the actions of the Japanese government⁹: the idea of a *new order* grounded on the principle that Asia belongs to the “Orientals” and that Japan is better placed than any other nation to head the political, economic and cultural block that included China, Manchuria and the Japanese archipelago; the right to extend its *vital space* to meet its economic needs and, lastly, the idea of *co-prosperity*, which meant that Japan was to take the helm of the whole region's economic development and then share the profits with all the other agents¹⁰. In Carreiro de Freitas's analysis, all of this boiled down to an attack against «White powers»¹¹. The racial frame at work here is not the Darwinist notion of biology as the determining factor in the evolution of peoples, but rather the Japanese doctrine that valued Asian origins and common cultural traits as unifying elements. This is what underpinned a colonialist theory that served as justification for Japanese supremacy in the Far East¹². Antero Carreiro de Freitas, in a harsher analysis of

ou de abnegação para com as outras raças.»¹³. Estava-se em vésperas da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Luís Esteves Fernandes, Ministro Plenipotenciário durante esse período, à data com 24 anos de carreira, prossegue na aviação nos seguintes moldes: «O Japão pretendia ser cor-deiro e só obrigado vestiu a pele de leão»¹⁴. Em causa estavam os avanços sobre Timor, a pretexto da necessidade de recursos, petróleo e minérios, e a pressão sobre Macau. Na sequência do conflito, Alberto Franco Nogueira, no momento do seu desembarque no Japão em 1946, registava «Da resma de jornais que devorei uma impressão me ficou: o japonês jogou o todo pelo todo, em pleno. Tudo foi subordinado ao propósito da vitória: considerações e interesses pessoais não existiram e os sacrifícios fizeram-se por bitola grande, logo de início.»¹⁵

O processo de construção do Japão imperial foi acompanhado pelo interesse nipónico pelo passado histórico, e em particular pela exploração dos primeiros contatos com o Ocidente. A Portugal era reconhecido o lugar pioneiro, em discursos e nas cerimónias de entrega de credenciais, por exemplo. Mas o entusiasmo generalizado pelo passado abriu caminho a um maior protagonismo para Portugal. No ano de 1929 um grande industrial de Sakai, Kichibei Yanaguiwara, patrocinava a instalação, numa praça central daquela cidade, de uma velha pedra na qual se encontrava inscrito que as armas de fogo tinham sido introduzidas pelos portugueses¹⁶. A pedra tinha sido descoberta no decurso de obras e ganhava assim o estatuto de monumento. A sua inauguração realizou-se numa cerimónia solene, presidida por representantes do governo japonês e pelo Ministro Plenipotenciário de Portugal, José da Costa Carneiro, no exercício de funções no Japão entre 1925 a 1929. No decorrer da cerimónia era ainda homenageado Venceslau de Moraes, à data retirado da vida ativa e a viver no seu refúgio de Tokushima. Sakai oferecia-lhe uma pintura e um exemplar de uma edição chinesa, em reconhecimento pelos préstimos «à causa da aproximação dos dois países e tão bela e eloquente propaganda do Japão encerrou nas páginas dos seus livros»¹⁷. Pouco tempo depois, no início da década de 1930, a descoberta de vestígios da embarcação Madre de Deus, na baía de Nagasáqui, permitiu um novo protagonismo a Portugal. Aquela nau fora feita explodir pelo seu capitão-mor, André Pessoa, no ano de 1610, quando, depois de uma série de intrigas e mal-entendidos, se vira cercado por embarcações japonesas, impedido de zarpar, e na iminência de ver toda a carga confiscada. Buscas realizadas ainda no século XVII, nos anos de 1636 e de 1654, tinham conseguido recuperar 3.374kg de prata. Três séculos volvidos, era ainda alta a expectativa de vir a recuperar mais prata e ouro, em barras.

Japanese expansionism, considers that «the Japanese national character is such that we have reason to doubt whether the Japanese, as a race, are capable of any kind of generosity or abnegation towards other races»¹³ – we are here on the brink of World War II (1939-1945). Luís Esteves Fernandes, Minister Plenipotentiary during this period, with a 24-year long diplomatic career, describes the situation as follows: «Japan wanted to be the lamb and only put on the lion's skin because it was pushed into it»¹⁴. This is a reference to the Japanese offensive into Timor – justified by the need for resources, such as oil and minerals – and its pressure on Macao. In the aftermath of the conflict, Alberto Franco Nogueira, as he lands in Japan in 1946, writes: «From the piles of newspapers I devoured, I have one lasting impression: the Japanese went all in, without reserve. Everything was subordinated to victory: personal motives and interests no longer existed and the sacrifices demanded of them were tremendous, from the start.»¹⁵

Alongside the process of building an imperial Japan, the country showed an ongoing interest in its past, particularly in the period of the first contacts with the West. Portugal was recognised for its pioneering role, in speeches and credential presentation ceremonies, for example. The widespread enthusiasm for the nation's past, in the meantime, cleared the way for Portugal to take on a more central role. In 1929 an industrialist from Sakai, Kichibei Yanaguiwara, funded the installation, in one of the city's central squares, of a centuries-old stone where one could read that firearms had been introduced in the country by the Portuguese¹⁶. The stone had been found in a construction site and was given the status of a monument. The inauguration was a formal ceremony, presided by Japanese government officials and the Minister Plenipotentiary of Portugal, José da Costa Carneiro, who served in Japan between 1925 to 1929. The ceremony also paid tribute to Venceslau de Moraes, who at the time had withdrawn from working life and was living in seclusion in Tokushima. Sakai offered him a painting and a copy of a Chinese edition, as a gesture of recognition for his services to «the cause of bringing the two countries closer and for the beautiful and eloquent promotion of Japan in the pages of his books»¹⁷. Not long after, in the early 1930s, the discovery of remains from the Madre de Deus carrack, in the Nagasaki bay, gave Portugal a renewed prominence. This ship had been blown up at the command of the André Pessoa, the captain, in 1610, when, after a series of intrigues and misunderstandings, he was surrounded by Japanese vessels that barred his departure, as its cargo was about to be confiscated. Searches conducted in the 17th century (1636 and 1654) salvaged 3.374kg of silver. Three centuries later, there was

Embora os trabalhos decorressem por iniciativa de um privado e as motivações fossem sobretudo de ordem material, certo é que os trabalhos realizados implicaram o envolvimento da Legação e promoveram o conhecimento e a publicação de estudos. Em primeiro lugar, o pedido de financiamento do diretor da empresa, Eiichiro Shibata, ao Governo Português levou o então Ministro Plenipotenciário, Justino Montalvão a incumbir o secretário da Legação, Valdemar Araújo a redigir um relatório¹⁸. Por seu intermédio fica-se a conhecer a recuperação de um astrolábio em latão, peça única no testemunho da transmissão do conhecimento científico náutico no contexto do Japão. Por essa mesma razão, uma réplica deste astrolábio foi pedida mais tarde, para figurar na Exposição Mundo Português¹⁹. Além disso, o impacto da descoberta prendeu a atenção de Yoshitomo Okamoto e C. R. Boxer, este último na altura Adido Militar na Embaixada Britânica, que logo no ano de 1929 dava a conhecer o tema num artigo publicado pela Japan Society of London²⁰.

Os diplomatas portugueses não só seguiram a mesma linha discursiva de proximidade às autoridades nipónicas como empenharam-se em dar um novo ímpeto ao trabalho desbravado por Venceslau de Moraes de valorização das relações entre Portugal e Japão. O já referido Ministro de Portugal, José da Costa Carneiro, em 1929 reforçava junto de Lisboa a importância desta dimensão da ação diplomática, que apresentava como a «porta aberta - - escancarada» no relacionamento de Portugal como o Japão. «Estou mesmo em crer que, nas circunstâncias atuais, esta ligação histórica é o melhor apoio que outros interesses, - e, entre eles, os comerciais, - possam ter neste país»²¹. Lembrem-se que, em 1929, o posicionamento do Japão na geopolítica internacional começava a inquietar, e o intercâmbio comercial, apesar de todos os esforços da ação diplomática e consular, era de escasso impacto, a que não era alheio o facto de não existir uma ligação marítima direta entre Portugal e o Japão.

O Ministro José da Costa Carneiro aderiu por completo ao projeto de reconstrução da memória das relações entre Portugal e o Japão através da recuperação do legado material, da ereção de monumentos evocativos e da reconstrução da memória. Em 1925 tomou a iniciativa de criar a Sociedade Luso-Japonesa, organização de assumida matriz cultural, que serviu de alavanca para a visualização das relações entre os dois países. Por seu intermédio foram promovidos trabalhos de investigação e de publicação, facto a que não pode ter sido alheio a associação ao projeto de João Amaral Abranches Pinto, professor de Língua Portuguesa na Escola de Línguas Estrangeiras de Tóquio, e de Yoshitomo Okamoto,

still hope that more silver and gold bars could be recovered. Although salvage efforts were carried out by private initiative, and mostly for material gain, they nonetheless involved the Portuguese Legation and helped to promote historical research and knowledge. Eiichiro Shibata, the company director, asked for funding from the Portuguese government, which led the then Minister Plenipotentiary, Justino Montalvão, to ask the Legation secretary, Valdemar Araújo to write a report on the issue¹⁸. This document included information that a brass astrolabe had been recovered: this was a unique piece, a precious testimony to the transmission of nautical science in Japan. This would later lead a replica of this astrolabe to be commissioned for the 1940 Portuguese World Exhibition (*Exposição Mundo Português*)¹⁹. This discovery would also spur Yoshitomo Okamoto's and C. R. Boxer's research work – the latter, Military Attaché to the British Embassy at the time, would address the topic in an article published by the Japan Society of London in 1929²⁰.

Portuguese diplomats not only maintained as discourse geared towards strengthening ties with the Japanese authorities but were committed to giving a new impetus to the pathbreaking work of Venceslau de Moraes, contributing to the dissemination and valorisation of the relations between Portugal and Japan. In 1929 the already mentioned Minister of Portugal in Japan, José da Costa Carneiro, insisted on the importance of this angle of diplomatic action – which he described as a «wide-open door» – in the relation between Portugal and Japan. In his words: «I am indeed convinced that in the present circumstances, this historical bond is the best ground for other interests – namely, of a commercial nature – that we may have in this country to flourish»²¹. One should recall that in 1929 Japan's position in the international geopolitical stage was increasingly disquieting, and that commercial exchanges, despite all the diplomatic and consular efforts, was scarce, which can partly be explained by the absence of a direct maritime route between the two countries.

Minister José da Costa Carneiro was wholeheartedly committed to the project of reconstructing the memory of the relations between Portugal and Japan, which he did through the restoration of its material legacy, the erection of monuments and memorials and the overall revival of historical memory. In 1925 he took the initiative of creating the Luso-Japanese Society (*Sociedade Luso-Japonesa*), a cultural organization that gave a higher visibility to the relations between the two countries. He supported research and publication on the topic, a process that also owes much to João Amaral Abranches Pinto, lecturer of Portuguese language in the Tokyo Foreign Language

investigador, ambos, como o futuro mostrou, comprometidos com o estudo da presença portuguesa no Japão. No ano de 1927 a Sociedade Luso-Japonesa publicava o primeiro trabalho de Okamoto, *Origens das Relações entre os Portugueses e os Japoneses*; dois anos mais tarde era impresso o primeiro número do seu Boletim, que acabou por ser único. De salientar, no entanto, o contributo do Ministro Costa Carneiro, por ser pioneiro no tema da iconografia *nanban*²². É ainda graças a este diplomata, e por intermédio da Sociedade Luso-Japonesa, que se fez erguer em 1927 um monumento comemorativo da chegada dos portugueses em Tanegashima. O projeto espelha o empenho das autoridades nipónicas na celebração, ao dispensaram para a ocasião um contratorpedeiro que realizou o transporte do monumento de Kagoshima para aquela ilha.

A valorização do «haver cultural português no Japão» só voltaria a receber semelhante ímpeto no contexto pós-guerra. A expressão deve-se a Albertino Matias, Enca- rregado de Negócios em Tóquio nos anos de 1954 e 1955, e faz eco da política iniciada por Alberto Franco Nogueira e Armando Martins, que o precedem no cargo. O cenário internacional mudara. A soberania do Japão era reconhecida, depois da ocupação dos Estados Unidos da América e das forças Aliadas nos anos imediatos à Grande Guerra (1945-1952), e as potências ocidentais davam início a uma política bilateral de intercâmbio e estreitamento cultural, intelectual e artístico. Antevendo a nova diplomacia cultural, Alberto Franco Nogueira e Armando Martins serão defensores acérrimos da necessidade de Portugal promover a língua e a cultura portuguesa e uma política de prestígio da relação histórica com o Japão, como complementares e estratégicas à ação política. É essa a proposta que um e outro remetem para Lisboa logo após a respetiva chegada ao Japão. Franco Nogueira, que desembarca no contexto desolador do pós-guerra, no ano de 1946, insiste na revitalização do ensino da língua²³; Armando Martins, que assume funções em 1952, porá em prática as sugestões que alvitra nessa data²⁴, embora mais tarde, aquando da sua segunda estadia no Japão, já na qualidade de Ministro de Portugal, entre 1964 e 1971.

School, and the researcher Yoshitomo Okamoto – they both joined the organization and, as time would prove, were relentless in their commitment to the study of Portuguese presence in Japan. In 1927 the Sociedade Luso-Japonesa published Okamoto’s first work, *Origens das Relações entre os Portugueses e os Japoneses* [Origins of the Relations between the Portuguese and the Japanese]; two years later the first (and, as it turned out, the last) issue of their Bulletin was published. One should also highlight the role of Minister Costa Carneiro, a pioneer in the study of *Nanban* iconography²². To this diplomat we also owe, by means of the Sociedade Luso-Japonesa, the erection, in 1927, of a monument commemorating the arrival of the Portuguese to Tanegashima. The Japanese authorities’ commitment to this celebration was equally evident, as they made a destroyer available for transporting the monument from Kagoshima to the island.

The appreciation for the «Portuguese cultural existence in Japan» would only see a similar impetus in the post-war context. The turn of phrase was coined by Albertino Matias, Chargé d’Affaires in Tokyo in 1954 and 1955, echoing the policy initiated by Alberto Franco Nogueira and Armando Martins, who preceded him in the post. The international context had shifted. Japan’s sovereignty was once again recognised, after the country’s occupation by the United States and the Allied forces in the wake of World War II (1945-1952). Western powers now set in motion a bilateral policy of cultural, intellectual and artistic exchange and approximation. Anticipating of this cultural turn in diplomatic relations, Alberto Franco Nogueira and Armando Martins would become fierce champions of the need for Portugal to promote Portuguese teaching and a policy of prestige in the matter of its historical relation with Japan, as a key strategic complement to more strictly political initiatives. This perspective underpins the first reports drafted and sent by both to Lisbon immediately after their arrival in Japan. Franco Nogueira, who arrived in the distressing context of the post-war period in 1946, insisted on the revitalization of language teaching²³. Armando Martins, that would take functions in 1952, recommended Suggestions for a *New Portuguese Policy in Japan*²⁴, whose principles he would put into practice in his second stay in Japan, in the capacity of Minister of Portugal, in the years between 1964 and 1971.

-
- 1 AHD-MNE, Processo Individual de José Batalha de Freitas, S3 E24 P6 34346.
 - 2 OLIVEIRA, RODRIGUES, OLIVEIRA E COSTA, *História da Expansão e do Império Português*, p.354 e ss.
 - 3 AHD-MNE, Processo Individual de César de Sousa Mendes, S3 E23 P7 34285/34286.
 - 4 AHD-MNE, Informação enviada por César de Sousa Mendes ao Ministro dos Negócios Estrangeiros Tóquio, 30.08.1914. Caixa 298.
 - 5 AHD-MNE, Antero Carreira de Freitas, Relatório *O Japão e o Problema do Pacífico*, 1930, p.31 e p.36.
 - 6 PEATTIE, Mark R., “The Japanese Colonial Empire” in *Cambridge History of Japan*, p.239.
 - 7 AHD-MNE, Valdemar Fonseca de Araújo, Relatório *A Situação Política da Grã-Bretanha na Ásia*, 1934.
 - 8 AHD-MNE, Valdemar da Fonseca Araújo, Relatório *A Situação Política da Grã-Bretanha na Ásia*, 1934.
 - 9 AHD-MNE, Ofício de Antero Carreira de Freitas, Tóquio, 02.11.1938. S11.1.E15.P4. 69980.
 - 10 AHD-MNE Antero Carreira de Freitas, Relatório *Formas do Imperialismo Japonês*, 1943, p.32.
 - 11 AHD-MNE, Ofício de Antero Carreira de Freitas, Tóquio, 19.06.1939. S11.1.E15.P4. 69980.
 - 12 PEATTIE, Mark R., “The Japanese Colonial Empire” in *Cambridge History of Japan*, p.239.e ss.

- 13 AHD-MNE Antero Carreira de Freitas, Relatório *Formas do Imperialismo Japonês*, 1943.
- 14 FERNANDES, Luis Esteves, *De Pequim a Washington. Memórias de um Diplomata Português*. Lisboa, Prefácio, 2007, p.99.
- 15 *Embaixador Franco Nogueira. Texto evocativos*, Civilização, 1999, p.58.
- 16 AHD-MNE, Ofício de José da Costa Carneiro para o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Tóquio, 16.04.1929. Caixa 299.
- 17 AHD-MNE, Ofício de José da Costa Carneiro para o Ministro dos Negócios Estrangeiros. Tóquio, 16.04.1929. Caixa 299.
- 18 AHD-MNE, Valdemar Araújo, *Relatório sobre o caso da «Madre de Deus», navio afundado em 1610*, 1931.
- 19 AHD-MNE, Ofício n 919 enviado por Júlio Dantas, presidente da Comissão Executiva ao Ministro de Portugal em Tóquio, 1938. S11.1.E16.P1 69962.
- 20 Charles Boxer, «The Affair of the Madre de Deus A chapter in the History of the Portuguese in Japan», Separata de *Transactions and Proceedings of the Japan Society of London*, vol. 26, 1929, pp. 4-89.
- 21 AHD-MNE, Ofício de José da Costa Carneiro para o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Tóquio, 16.04.1929, Caixa 299.
- 22 *Relações entre Portugueses e Japoneses*. Boletim da sociedade Luso-Japonesa, n° 1, Tóquio, 1929.
- 23 AHD-MNE, Alberto Franco Nogueira, *Os Portugueses no Japão. Relatório anual referente ao ano de 1948*, 1949.
- 24 AHD-MNE, Virgílio Armando Martins, *Relatório Subsídios e sugestões para uma Nova Política Portuguesa no Japão*, 1953.

Saude e Fraternidade

Cesar de Sousa Mendes
 Secretário da Legação de Portugal em Tóquio

... com um objectivo num dos gran-
 r onde temos espalhados tantos interes-
 a história, não nos poderá ser indiferen

Tokio, Junho
 de 1949

Francisco Queiroz

LEGAÇÃO DE PORTUGAL
 TOKYO

Tóquio, 2 de Setembro de 1953.

No. 145
 Proc. 3,22

MINISTERIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
 SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO GERAL
 ENVIÁ RELATÓRIO DO SERVIÇO DE ENTRADA EM 29 OUT. 1953
 Proc. N.º 20.111

M. DOS N. E. - EXPEDIENTE
 038142 28. OUT 1953

Dr. M. C.
 Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros

Excelência:

A Bem da Nação

Afonso de Távila
 Encarregado de Negócios

A Bem da Nação,

Vallimiro da Cunha Araújo
 Secretário da Legação de Portugal
 em Tóquio.

MINISTERIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
 Gabinete do Ministro

Telegrama Legação de Portugal em Tóquio
 Consulado Kobe em 5 de Setembro de 1919

Cheguei hoje. Respeitosas saudações.
Botto Machado

... a bem constantemente visi-
 ingleses e americanos.
 ... governos, já, todas as circum-
 stâncias da nossa reconheciment

Saude e fraternidade.
Francisco Botto Machado

dos negócios estrangeiros.
 Saude e Fraternidade.

Francisco Botto Machado

Ministério
 dos
 Negócios Estrangeiros

↔↔

Direcção Geral
 dos Negócios Políticos
 e Diplomáticos

Repartição

Cláudio do D

Mand. de Saude de que me

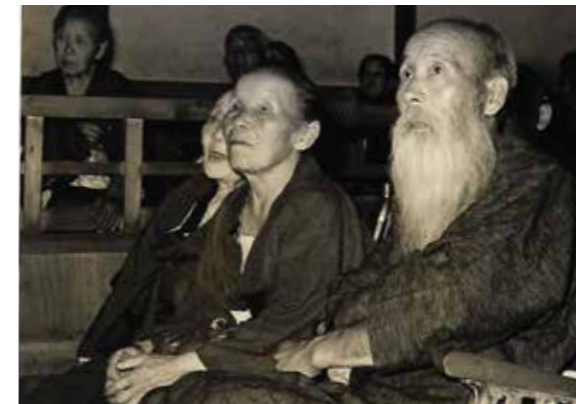
Os diplomatas que desempenharam funções na Legação de Tóquio entre 1903 e 1952 foram homens de qualidades de análise, e de escrita, excepcionais, facultando ao Ministério dos Negócios Estrangeiros em Portugal um retrato brilhante da política e sociedade nipónicas.

The diplomats who served in the Legation of Tokyo between 1903 and 1952 were men with exceptional analytical mind and remarkable writers, giving to the Ministry of Foreign Affairs a brilliant portrait of Japanese politics and society.



Fotografias tiradas por Armando Martins no ano de 1955, no final do seu primeiro triênio à frente da Legação de Tóquio (1952-1955).

Photographs taken by Armando Martins in 1955, at the end of his first three years as head of the Legation of Tokyo (1952-1955).



“Faz apenas um ano que cheguei a Tóquio. É um prazo demasiado curto para estudar e apreender da história, sociologia, política, economia o suficiente para um julgamento firme e fundamentado... A complexidade particular dos problemas do Oriente, as diferenças e peculiaridades da psicologia e da estrutura social japonesa, dificilmente penetráveis ao ocidental, tornam esse julgamento mais difícil de atingir.”

“It’s only been a year since I arrived in Tokyo. It is a too short time to study and learn the history, sociology, politics, economy, sufficiently enough for a firm and reasoned judgment... The particular complexity of the problems of the East, the differences and peculiarities of Japanese psychology and social structure, hardly penetrable to the West, make this judgment more difficult to attain.”

ARMANDO MARTINS, 1952.

Revivalismo (s)

“Nanban”

“Namban” revival(s)

ALEXANDRA CURVELO

O termo *Nanban* – *nan* (sul) *ban* (bárbaros) – é de origem chinesa e estava originalmente associado a uma série de antigos vocábulos utilizados para designar os povos não Chineses (ou não Han). No Japão, começou por ser usado para nomear os povos da Ásia do Sudeste, mas com a chegada dos Portugueses no século XVI a palavra passou também a incluir os povos do Sul da Europa, denominados de *nanban-jin*, ou seja, pessoas (*jin*) bárbaras [vindas] do Sul. Efetivamente, estes europeus chegaram às ilhas japonesas por via do sudeste asiático (através do estreito de Malaca), referindo-se a Goa como ponto de partida da *Nau do Trato*. Não foi esta, porém, a palavra escolhida pelos Japoneses para nomear Ingleses e Holandeses, que ficaram conhecidos como *kómó-jin* ou “Homens de cabelo vermelho”. Ainda que as designações diferenciadas pressuponham uma percepção individual dos dois grupos, todos entravam na categoria de *gaijin*, termo utilizado no Japão do século XVI sobretudo para o ocidental, conhecido como *ljin*, ou pessoa estrangeira (isto é, bárbara)¹.

Associado à utilização das palavras *nanban* e *nanban-jin*, surgiu no Japão do início do século XX o termo *nanban bijustu*, traduzível por arte *Nanban*. O momento em que tal aconteceu – após a Reforma Meiji de 1868 – coincide com um período particularmente importante na forma como o país olhou para esse seu passado e para si próprio, numa altura em que procurava também inserir-se no xadrez da política internacional. Durante os anos que se seguiram, particularmente entre 1875-1894, foram vários os artistas e arquitetos estrangeiros contratados pelo Governo Meiji para irem ao, ou para, o Japão. São disso exemplo Edoardo Chiossone, gravador italiano que viria a desenhar as notas nipónicas, e o arquiteto inglês Josiah Conder, convidado como professor de arquitetura na Escola de Belas Artes de Tóquio. Tratava-se de adotar, sobretudo nos meios urbanos japoneses, uma imagem de modernidade em que a arquitetura, a mais pública das artes, servia como instrumento eficaz, especialmente quando os edifícios eram construídos de acordo com os princípios estéticos ocidentais. Por outro lado, na Europa, realizavam-se as primeiras conferências sobre arte japonesa, como a do historiador e crítico de arte Ernest Chesneau em 1869, e, na esteira das grandes exposições de carácter universal, mostrava-se a um público alargado arte japonesa, como aconteceu em 1883, ano da primeira grande exposição de arte nipónica na Europa, organizada por Louis Gonse².

É precisamente neste contexto que são publicadas as primeiras obras sobre o Japão nos domínios da História e da História da Arte por autores ocidentais (europeus e norte-americanos), nomeadamente o político francês

The term *Namban* – *nam* (south) *ban* (barbarians) – is of Chinese origin and was originally derived from a series of ancient words used to designate non-Chinese (or non-Han) peoples. In Japan, it began to be used as a term for the peoples of Southeast Asia, but with the arrival of the Portuguese in the 16th century the word extended its meaning to also include people from Southern Europe, referred to as *namban-jin*, that is to say, barbarian people (*jin*) from the South. Indeed, these Europeans arrived at the Japanese isles by way of Southeast Asia (through the strait of Malacca), Goa being referred to as the starting point for the *Nau do Trato* (or «Great Ship from Amacon»). However, the Japanese did not employ the same term to refer to the English or the Dutch, who became known, instead, as *komo-jin* – “Red-haired men”. Although the distinct designations presuppose an individualized perception of each of these two groups, they all fit into the category of *gaijin*, the term used in 16th-century Japan, mostly, to refer to the Western, known as *ljin*, or foreigners (in other words, barbarians)¹.

Associated with the use of the words *namban* and *namban-jin*, in the early 20th century there emerged the term *namban bijustu*, which can be translated as “*Namban art*”. The moment that occurred – in the wake of the 1868 Meiji Reform – coincided with a particularly important period in terms of the way the country faced itself and its past, as it was attempting to find, or redefine, its place in the geopolitical chessboard. Throughout the following years, especially between 1875 and 1894, a host of foreign artists and architects were commissioned by the Meiji Government to visit, or indeed move to, Japan. Among these, we find, for example, the Italian engraver Edoardo Chiossone, who would design the Japanese bank notes, or the English architect Josiah Conder, invited for the post of Professor of architecture at the Tokyo School of Fine Arts. It was a matter, particularly in Japanese urban milieus, of adopting an image of modernity in which architecture, the most public of all art forms, could serve as an effective instrument, all the more so when buildings were constructed along Western aesthetic principles. The first conferences on Japanese art in Europe were also taking place around this time, namely by the art historian and critic Ernest Chesneau, in 1869. Meanwhile Japanese art, in the wake of the Great Universal Exhibitions, was starting to reach a wide audience – 1883, for example, marks the date of the first major Japanese art exhibition in Europe, organised by Louis Gonse².

It is against this background that we see the publication of the first works on Japan in the fields of History and Art History by Western (i.e. European and American)

Léon Pagès (1814-1886) e o diplomata britânico Ernest Mason Satow (1843-1929), que escreveram as primeiras monografias sobre as relações históricas entre o Japão e a Europa no início da Idade Moderna: ao primeiro deve-se a *Histoire de la religion chrétienne au Japon* (publicada em dois volumes, entre 1869-1870, pouco depois do reconhecimento de comunidades cristãs na ilha de Kyūshū), e ao segundo *The Jesuit Mission Press in Japan. 1591-1610* (impresso em 1888). No campo da História da Arte, destaca-se o nome de Ernest Fenollosa (1853-1908), orientalista Americano que foi professor de Estética na Universidade Imperial de Tóquio (actual Universidade de Tóquio). A ele se deve a obra *The Masters of Ukiyo: a Complete Historical Description of Japanese Paintings and Color Prints of the Genre School* (1896).

Este período antecede, no Japão, o movimento designado por “Romantismo Taishō” (1912-1926), que foi diretamente influenciado pelo romantismo europeu, sobretudo no campo da literatura, e que teve repercussões no interesse e estudo sobre o período *nanban*, tanto mais que se assinalavam os 300 anos sobre as perseguições aos cristãos e os martírios infligidos. É assim que se pode entender o aparecimento de textos como os do linguista e ensaísta Izuru Shinmura (1876-1967), um dos expoentes deste movimento, e das suas obras *Nanban Sarasa* (1924) e *Nanban Kōki* (1925). Da sua autoria é igualmente o artigo intitulado “Christian Relics Found at Mr. Higashi’s House, north of Takatsuki, Settsu”, publicado no *Report upon Archaeological Research in the Department of Literature, Kyoto Imperial University*, vol. 7, 1922-1923, Quioto, 1923³.

Shinmura foi um dos estudiosos que se dedicaram à análise da cultural material da missão cristã dos séculos XVI-XVII, o que levou à descoberta de inúmeras obras pictóricas, designadamente o célebre retrato de São Francisco Xavier que hoje se encontra no Kobe City Museum, encontrado numa casa de Ibaraki (Osaca), em domínios outrora pertencentes ao *daimyō* Takayama Ukon (1552-1615)⁴. Uma vez mais, abriu-se também caminho para o aparecimento de um vocabulário específico, concretamente o termo *kirishitan ibutsu* ou “reliquias cristãs”⁵.

É precisamente nestes anos da década de 1920 e início da década de 1930 que Nagasáqui se torna num dos centros de estudo do passado cristão, e que nomes como o de Nagami Tokutarō (1890-1950), um historiador e colecionador de arte residente na cidade, surgem associados a publicações sobre os biombos *nanban*: *Gashu Naban-byobu kan* (1927), *Nanban-byobu no kenkyū* (1930), e *Nanban-byobu taisei* (1930), abrindo caminho

authors, namely by the French politician Léon Pagès (1814-1886) and the British diplomat Ernest Mason Satow (1843-1929), who wrote the first monographs on the historical relations between Japan and Europe in the Early Modern era. To the first we owe *Histoire de la religion chrétienne au Japon* (published in two volumes between 1869-1870, soon after the Christian communities in the Kyushu island were identified), and to the second *The Jesuit Mission Press in Japan. 1591-1610* (printed in 1888). In the field of Art History, one should also single out Ernest Fenollosa (1853-1908), an American orientalist that was Professor of Aesthetics at Tokyo Imperial University (nowadays University of Tokyo). He is the author of *The Masters of Ukiyo: a Complete Historical Description of Japanese Paintings and Color Prints of the Genre School* (1896).

After this period, the movement called “Taisho Romanticism” (1912-1926) emerges in Japan, under the direct influence of European Romanticism, especially in the literary field. This had a significant impact on the interest in, and research on, the *Nanban* period, all the more so since 300 years had passed since the persecution of Christians and the ensuing martyrdom. It is within this framework that one should understand the emergence of texts such as those signed by the linguist and essayist Izuru Shinmura (1876-1967), one of the key figures of this movement. Among his works, one should highlight *Nanban Sarasa* (1924) and *Nanban Kōki* (1925), as well as an article entitled “Christian Relics Found at Mr. Higashi’s House, north of Takatsuki, Settsu”, published in the *Report upon Archaeological Research in the Department of Literature, Kyoto Imperial University*, vol. 7, 1922-1923, Kyoto, 1923³.

Shinmura was one among a group of scholars that turned their focus towards the study of the material culture of the Christian mission of the 16th and 17th centuries. This led to the discovery of a number of pictorial works, namely the renowned portrait of Saint Francis Xavier now at the Kobe City Museum, found in a house in Ibaraki (Osaka), in an area that was once under the rule of the *daimyo* Takayama Ukon (1552-1615)⁴. Once again, this process generated its own specific vocabulary, namely the term *kirishitan ibutsu* – “Christian relics”⁵.

In the 1920s and early 1930s, then, Nagasaki becomes one of the major centres for the study of the Christian past, and names such as Nagami Tokutarō (1890-1950), an art historian and collector residing in the city, begin publishing works on *Nanban* folding screens: *Gashu Naban-byobu kan* (1927), *Nanban-byobu no kenkyū* (1930), and *Nanban-byobu taisei* (1930). This cleared the path for subsequent research studies, such as the works

para estudos posteriores, tais como os de Yoshitomo Okamoto (1900-1970)⁶, Tadao Takamizawa (1899-1985) e Mitsuru Sakamoto (1932)⁷.

Não apenas o aparecimento do termo *nanban-bijutsu* se faz, assim, num contexto político e cultural muito particular da História japonesa, como, e lembrando a reflexão de alguns autores⁸, convém sublinhar que o conceito resulta da combinação de duas palavras problemáticas na língua e cultura nipónicas: “nanban”, já anteriormente mencionada, e “bijutsu”, que surge pela primeira vez em 1872 na obra *Bimyōgaku-setsu* de Nishi Amane (1829-1897), um investigador de cultura holandesa (Rangaku), que havia estudado na Holanda e trabalhado para o último dos *shōgun* Tokugawa. Empregue enquanto tradução de “belas-artes” (“beaux-arts”; “fine arts”), numa acepção literal “bijutsu” deveria ter sido traduzido por “técnica do belo”, ainda que hoje seja entendido como sinónimo de artes visuais.

A questão da inadequação de termos, conceitos e metodologias num domínio científico como o da História da Arte⁹, é relevante para a questão central deste núcleo, na medida em que o termo “Arte Nanban” (“Nanban bijutsu”) apareceu para designar obras (de arte) produzidas durante a presença dos *Nanban-jin* no Japão, no período que já foi designado por “Século Cristão do Japão”¹⁰, a maior parte das quais de autoria anónima, produzidas no contexto da missão cristã e portanto impregnadas de hibridismos (formais, estéticos, iconográficos), e consideradas pela historiografia como obras em que o “belo” estava as demais das vezes ausente. O resultado foi a sub-valorização da arte *nanban* no contexto geral da arte japonesa, o que, como foi já equacionado por Naoko Kotani, levou a que este universo de objetos se tornasse numa categoria periférica, tanto para a historiografia de arte japonesa, como para a europeia: “The inextricable burden imposed by the concept of bijutsu has led Nanban-bijutsu to become a peripheral category of both Japanese and European artistic traditions – this in addition to the disgrace of being characterized as “southern barbaric.”¹¹”

Porém, e recuando no tempo, e em última análise ao princípio deste trajeto historiográfico, desde quando é possível encontrar o início de um interesse manifesto pela arte *nanban*?

Há anos que comportam um simbolismo importante. 1928 é um deles, desde logo porque é a data de publicação do primeiro livro que emprega o termo *nanban-bijutsu* no título: *Nanban-bijutsu-shū*, da autoria de Nagami Tokutarō, a quem já fizemos referência. Nos anos subsequentes apareceram outras obras de diferentes autores com a

by Yoshitomo Okamoto (1900-1970)⁶, Tadao Takamizawa (1899-1985) and Mitsuru Sakamoto (1932)⁷.

Not only does the term *nanban-bijutsu* appear at the time, that is to say, in a very particular political and cultural context in Japanese history, but – here drawing on the reflection of some authors on this issue⁸ – one should underline the fact that the concept appears as the combination of two problematic words in Japanese language and culture: the aforementioned “namban”, on the one hand, and “bijutsu”, which appears for the first time in 1872 in the work *Bimyōgaku-setsu* by Nishi Amane (1829-1897), a scholar of Dutch culture (Rangaku) who had had studied in Holland and worked for the last of the Tokugawa *shogun*. Employed as a translation of the term “fine arts” (or “beaux-arts”), a more literal translation of “bijutsu” would be something along the lines of “technique of the beautiful”, Nowadays it is taken to mean, simply, the visual arts.

The matter of the inadequacy of terms, concepts and methodologies in a research field such as that of Art History⁹ is germane to the pivotal question raised by this collection insofar as the term “Namban Art” (“Namban bijutsu”) emerged as a way to name works (of art) produced during the presence of *Nanban-jin* in Japan – a period that has been called “The Christian Century in Japan”¹⁰ –, mostly by anonymous authors and in the context of the Christian mission. This means that these works are marked by a formal, aesthetic and iconographic hybridity, and were perceived by historiography as pieces where the “beautiful” as such is mostly absent as a relevant category. The result of this outlook was the undervaluation of *Nanban* art in the general context of Japanese art, which, as already suggested by Naoko Kotani, pushed this universe of objects into a peripheral category both within Japanese and European art: “The inextricable burden imposed by the concept of bijutsu has led Nanban-bijutsu to become a peripheral category of both Japanese and European artistic traditions – this in addition to the misfortune of being characterized as “southern barbaric.”¹¹”

However, if we go further back in time, all the way to the beginning of this historiographical trajectory, we can perhaps formulate the question in the following terms: when can we find the first signs of an explicit interest in *Nanban art*?

Some dates carry a strong symbolic charge. The year 1928 is certainly one of them, to begin with because it is the date of the publication of the first book to use the term *nanban-bijutsu* in its title: *Nanban-bijutsu-shū*, by Nagami Tokutarō, whom we have mentioned before. In the years that followed there were other works by different

inclusão do termo no título, nomeadamente, de Mamoru Seki, professor em Nagasáqui, o livro *Seiiki Nanban-bi-jutsu tozen-shi*, dado à estampa em 1933.

De acordo com Kotani¹², o facto de Nagami e Seki, os dois primeiros estudiosos a darem importância significativa à arte *nanban*, serem de Nagasáqui e de nenhum deles ter uma formação em História da Arte (ainda que ambos tivessem interesse por objetos artísticos), indicia que o conceito *nanban-bijutsu* começou por ser utilizado fora deste domínio que se estava então a afirmar do ponto de vista científico. Estes primeiros livros deverão ser entendidos como parte do movimento japonês *kyodo-shi* ou *kyodo kyoiku*, muito influenciado pelo movimento alemão *Heimatkunde*, que promovia o estudo da História e da Geografia de carácter regional. Neste sentido, o surgimento quer do conceito, quer do entusiasmo pelo estudo e colecionismo da arte *Nanban*, está indissociavelmente ligado ao movimento *kyodo-shi* e ao encorajamento dado pelo próprio governo japonês como forma de moldar a cultura e a história do novo Japão imperial.

As coleções de arte *nanban* que então aparecem, como a de Nagami Tokutaró, que viria a ser herdada por Hajime Ikenaga (1891-1955) e mais tarde incorporada no que é hoje o Kobe City Museum, constituindo-se como uma das mais importantes coleções deste tipo a nível mundial, são reflexo deste enquadramento geral. Aliás, e não por acaso, o Museu de Kobe começa por ser nomeado Kobe Municipal Art Museum, tendo alterado o seu nome em 1965 para Kobe Municipal Namban Art Museum, designação que manteve até ser incorporado pelo Kobe City Museum em 1982. Posterior à musealização da colecção Ikenaga (composta por cerca de 4.500 peças¹³), é a colecção ainda hoje privada de Yoshiró Kitamura, que deu origem ao excepcional museu Namban Bunkakan, em Osaka, fundado nos finais da década de 1960.

1928 é igualmente importante numa perspetiva do contributo português para este tema, assunto que deverá merecer maior atenção, e que aqui nos limitamos a enunciar. É deste ano uma carta (inédita)¹⁴ endereçada por José da Costa Carneiro ao médico e historiador de arte Reynaldo dos Santos (1880-1970). Se o segundo nome dispensa apresentação, já que se trata de um dos mais importantes historiadores de arte portugueses do século passado, do primeiro não se pode (imerecidamente) dizer o mesmo.

José da Costa Carneiro (1883-1946), nomeado de 1925 a 1930 Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário em Tóquio, representou Portugal como Embaixador Extraordinário nas cerimónias do funeral do Imperador do Japão (Imperador Taishó / Yoshihito, 1912-1926) e nas

authors that used the term in their titles, namely the 1933 book *Seiiki Namban-bijutsu tozen-shi* by Mamoru Seki, a professor in Nagasaki.

According to Kotani¹³, the fact that Nagami and Seki, the first two scholars to give *Namban* art a prominent place, were from Nagasaki, and that neither of them had been trained in Art History (even though both shared an interest in art objects) is a sign that the concept of *namban-bijutsu* was first used outside of this field, which at the time was still in a process of building up its scientific credentials. Thus, these first books should be understood as part and parcel of the Japanese *kyodo-shi* or *kyodo kyoiku* movement, heavily influenced by the German *Heimatkunde* movement, which promoted the study of regional History and Geography. In this sense, the emergence of both the concept and the enthusiasm for studying and collecting Namban art is inextricably bound to the *kyodo-shi* movement, and to its encouragement by the Japanese government itself as a way to shape the culture and history of the new Imperial Japan.

The collections of *Namban* art that appear at the time, such as that of Nagami Tokutaró, later inherited by Hajime Ikenaga (1891-1955) and subsequently incorporated into what is today the Kobe City Museum and becoming one of the most important collections of its kind anywhere in the world, are a reflection of this overall framework. In fact, and not coincidentally, the Kobe Museum was first called Kobe Municipal Art Museum, changing its name to Kobe Municipal Namban Art Museum in 1965, a designation it kept until it was incorporated into the Kobe City Museum, in 1982. Subsequent to the museologization of the Ikenaga collection (containing approximately 4.500 pieces¹³), the Yoshiró Kitamura's collection, which remains private to this day, gave rise to the extraordinary Namban Bunkakan museum in Osaka, founded at the end of the 1960s.

The year 1928 is equally important from the point of view of the Portuguese contribution to this subject – an issue that would deserve a great deal more attention but which we can only but briefly mention here. This is the date of an unpublished letter¹⁴ sent by José da Costa Carneiro to the doctor and art historian Reynaldo dos Santos (1880-1970). While the latter is perhaps a household name and will be recognised by many as one of the most important Portuguese art historians of the previous century, the first is virtually (and unjustly) unknown.

José da Costa Carneiro (1883-1946), appointed Extraordinary and Plenipotentiary Minister in Tokyo from 1925 to 1930, represented Portugal in the capacity of Extraordinary Ambassador at the funereal ceremonies of the Japanese emperor (Emperor Taishó / Yoshihito,

de coroação do novo imperador (Imperador Shówa / Hirohito, 1926-1989). Membro do corpo diplomático em Tóquio, Costa Carneiro foi espectador ativo dos ecos que ainda se faziam sentir do revivalismo *nanban*. Era um revivalismo no sentido de trazer para o presente um passado que se (re)descobria através do estudo de fontes primárias, do colecionismo de objetos e também, no domínio das artes plásticas, da produção de obras, designadamente pinturas, que emulavam os biombos *nanban* com a representação do *kurofune* e dos *Nanban-jin*.

Nesta missiva que escreve de Tóquio para Lisboa, datada de 22 de Fevereiro de 1928, Costa Carneiro refere-se a objetos *nanban* que estão na sua posse, enviando fotografias hoje desaparecidas, e expõe algumas considerações sobre o avanço no estudo da presença portuguesa no território, «(...) o que tem permitido dar a Cesar o que é de Cesar, deixando a Deus o que é de Deus. O que quer dizer que a influência holandesa, - que aqui julgavam primacial, - está passando, como de justiça, para segundo plano, ficando-nos, a nós portugueses, as honras do primeiro lugar.»

A razão pela qual escreve a Reynaldo dos Santos deve-se ao facto de ter começado a estudar umas pinturas «(...) algumas das quais são interessantíssimas como documentos da nossa velha influência no Japão, e de considerável valor artístico.», ou seja, biombos *nanban*. Contudo, faltam-lhe os instrumentos necessários para analisar a iconografia da representação dos europeus, nomeadamente o vestuário, acrescentando: «E, como calcula, nem estes museus orientais, nem estas orientalíssimas bibliotecas me podem fornecer elementos seguros de estudo.» Por esta razão, dirige-se ao eminente historiador de arte a pedir auxílio, já depois de ter escrito a José de Figueiredo, de quem não tinha obtido resposta. Como acaba por constatar, «(...) sei por amarga experiência própria quanto este Extremo-Oriente é longínquo e destituído de interesse para os portugueses de hoje.»

Se Reynaldo dos Santos lhe respondeu, não o sabemos, mas o facto é que Costa Carneiro publicou logo no ano seguinte um estudo pioneiro intitulado “Notas sobre a iconografia dos Portugueses no Japão nos séculos XVI e XVII”. O texto saiu no N.º 1 do *Boletim da Sociedade Luso-Japonesa*, dedicado ao tema *Relações entre Portugueses e Japoneses*, publicado em Tóquio pela Sociedade Luso-Japonesa (páginas 1-49).

1929, ano em que sai à estampa este estudo, foi igualmente o momento em que Sevilha foi palco da grande *Exposição Cultural da Época dos Descobrimentos*, onde o Pavilhão de Portugal despertou grande interesse, e para onde José de Figueiredo gizou um programa em que

1912-1926) and at the coronation ceremonies for the new emperor (Emperor Shówa / Hirohito, 1926-1989). A member of the Tokyo diplomatic corps, Costa Carneiro was an eager witness to the reverberations that could still be felt of the *Namban* revival at the time. It was a revival in the sense that it brought to the present a past that was then being (re)discovered through the study of primary sources, object collecting and also, in the field of visual arts, in the production of works, namely paintings, that emulated the *Namban* folding screens with representations of *kurofune* and *Namban-jin*.

In the letter he sent from Tokyo to Lisbon on the 22 February 1928, Costa Carneiro mentions a series of *Namban* objects in his possession, and sent photographs that have since been lost, adding a few remarks on the advancement of research on the Portuguese presence in the territory, «(...) which has allowed us to give to Caesar what is Caesar's, leaving to God what is God's. This means that the Dutch influence – which was perceived as seminal here – is now being pushed, as it should, into the background, leaving room for us, the Portuguese, to justly occupy the foreground.»

What led Costa Carneiro to write to Reynaldo dos Santos was the fact that he has begun to study some of the paintings «(...) a few of which are most interesting as documents of our former influence in Japan, and of considerable artistic value.», in other words, Namban folding screens. However, he lacked the necessary tools to examine the iconography of the representation of the European, namely their attire, adding: «And, as you can imagine, neither these oriental museums nor these exceedingly oriental libraries offer me reliable research instruments.» As a result, he writes to the renowned art historian for assistance, after he had already written to José de Figueiredo, who did not reply. As he remarks further down in the same letter, «(...) I know, from bitter first-hand experience, how remote and devoid of interest the Far-East is to the Portuguese of today.»

We do not know whether Reynaldo dos Santos answered or not, but the fact remains that the very next year Costa Carneiro published a pathbreaking study entitled “Notas sobre a iconografia dos Portugueses no Japão nos séculos XVI e XVII” [Notes on the iconography of the Portuguese in Japan in the 16th and 17th centuries]. The text appeared on the first issue of the *Boletim da Sociedade Luso-Japonesa*, devoted to the topic of the relations between the Portuguese and the Japanese, published in Tokyo by the Sociedade Luso-Japonesa (pages 1-49).

The year 1929, when this study appeared, is also the moment when Seville was home to the Ibero-American Exposition and the Cultural Exhibition on the

colocava lado a lado os painéis de Nuno Gonçalves, as tapeçarias de Pastrana e biombos *nanban*¹⁵.

Alguns exemplares de biombos *nanban* acabariam efetivamente por entrar nas coleções portuguesas, e isso deve-se, em parte, a Costa Carneiro que, percebemo-lo agora, foi quem forneceu informação importante sobre os mesmos ao então Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), José de Figueiredo. A sua associação a estudiosos japoneses como Tadao Takamizawa é corroborada pelo facto de ter sido este um dos seus auxiliares na aquisição de uma série de objetos *nanban* que faziam parte da sua colecção, e que após a sua morte foram adquiridos pelo MNAA, em Lisboa: uma caixa de jogo, um par de estribos, um polvorinho e uma caixa de alimentos, ou *jubako*. Também o par de biombos *nanban* atribuído a Kano Domi (MNAA, Inv.1638 e 1639 Mov.) começou por ser adquirido por Takamizawa nos anos de 1930 num pequeno castelo do *daimyō* de Sakai, Osaca, antes de entrar na posse do MNAA, tendo tido em Costa Carneiro um dos elos fundamentais de ligação¹⁶.

O período entre as duas guerras mundiais marcou um momento importante no estudo da arte e cultura *nanban*, ainda que, no caso japonês, as suas raízes remontem às últimas duas décadas do século XIX, num momento em que o Japão estava num processo de definição interna e em que o passado distante marcado pelo primeiro encontro com potências ocidentais (europeias) foi revisitado. Este revisionismo, acompanhado pela descoberta e pelo revivalismo, lembra-nos que o passado, esse “país estrangeiro” sobre o qual escreveu David Lowenthal, é a fonte essencial da identidade coletiva, o que nos adverte que o uso que dele se faz serve fundamentalmente propósitos do presente.

- Curvelo, “Arte Nanban”.
- Sadao; Wada, *Discovering the Arts of Japan: A Historical Overview*; Sigur, *The influence of Japanese Art on Design*.
- Arimura, “Nanban art and its globality: A case study of the New Spanish mural *The great martyrdom of Japan* in 1597”.
- Vlam, “The Portrait of S. Francis Xavier in Kobe”.
- Lembremos que também no campo dos estudos missionários, sobretudo associados aos Jesuítas, foram muitos os estudiosos europeus que nestes mesmos anos fizeram um trabalho notável, que ainda hoje é a base da investigação realizada, nomeadamente Georg Schurhammer (1882-1971) e Joseph F. Schütte (1906-1981).
- Okamoto tem postumamente um dos seus livros traduzidos para inglês: *The Namban Art of Japan*, Weatherhill/Heibonsha, New York & Tokyo, 1972.
- O trabalho mais recente deste estudioso (em colaboração) é um Catalogue Raisonné de biombos nanban: *Nanban byōbu shūsei* (Tokyo, 2008).

Age of Discoveries (*Exposição Cultural da Época dos Descobrimentos*), in which the Portugal Pavilion attracted a great deal of interest, and for which José de Figueiredo designed a program which placed Nuno Gonçalves’s Saint Vincent panels alongside the Pastrana tapestries and *Namban* folding screens¹⁵.

Some of the Namban folding screens would indeed end up in Portuguese collections, partly as a result of Costa Carneiro’s actions – we now know, for instance, that he supplied crucial information on these works to the then Director of the Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), José de Figueiredo. His links to Japanese scholars such as Tadao Takamizawa is attested by the fact the latter was one of his aids in the acquisition of a series of *Namban* objects for his collection, which would later be acquired by MNAA, in Lisbon: a game box, a pair of stirrups, a gunpowder flask and a food box (*jubako*). The pair of *Namban* folding screens attributed to Kano Domi (MNAA, Inv.1638 and 1639 Mov.) was initially acquired by Takamizawa in the 1930s in a small castle belonging to the daimyo of Sakai, Osaka, before it entered the MNAA collection, with Costa Carneiro as one of the crucial links in the chain¹⁶.

The period between the two world wars was an important moment for the study of Namban art and culture, even though, in the Japanese case, its roots can be traced back to the last two decades of the 19th century, a moment when Japan was undergoing a process of internal redefinition, and when the distant past marked by the first encounter with Western (European) powers was being revisited. This revisionism, which also implied a process of discovery and revival, reminds us that the past, that “foreign country” (in the words of David Lowenthal), is the fundamental source of collective identity, which in turn alerts us to the fact that its uses are essentially geared towards present purposes.

- Kotani, *Studies in Jesuit Art in Japan*, p.34 and following.
- Elkins, *Is Art History Global?*
- Boxer, *The Christian Century in Japan 1549-1650*. [a 1ª edição da obra é de Berkeley: University of California Press, 1951]
- Kotani, Op. Cit., p.36.
- Idem, Ibidem, p.38.
- Pictorial Record of Kobe City Museum of Namban Art*.
- O conhecimento desta carta e, depois, a oferta do original, devem-se a Alexandra de Mello Sampayo, guardiã de uma parte das cartas privadas de Reynaldo dos Santos, seu Avó, a quem estou profundamente reconhecida.
- Figueiredo, José de, *Pavilhão de Portugal em Sevilha. Catalogo da exposição cultural da época dos Descobrimentos*. [s.l.: s.n.], 1929. Sobre a exposição de Sevilha, ver Pinto, *A Colecção de Arte Colonial do Patriarcado de Lisboa. Proposta de Estudo e Musealização*, p.165 e ss.
- Sousa, “The namban collection at the Museu Nacional de Arte Antiga. The contribution of Maria Helena Mendes Pinto”.

Página seguinte / next page:

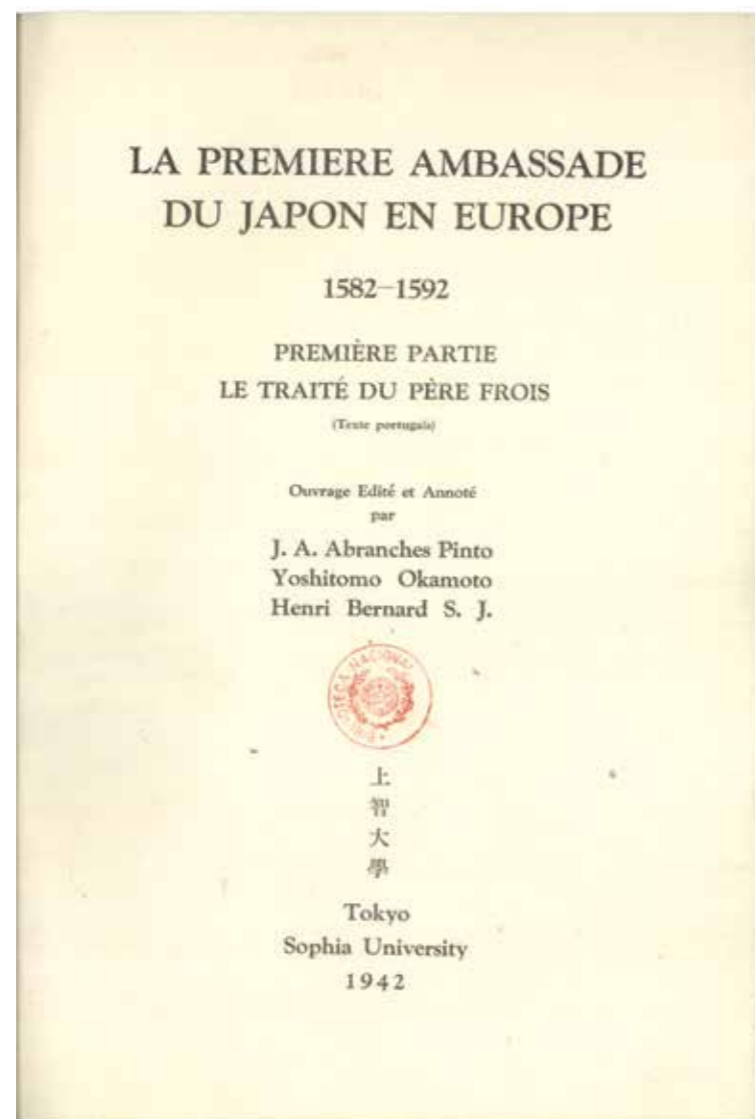
Biombo de seis folhas com representação dos Portugueses
Six-leaf folding-screen depicting the Portuguese
Japão, 1ª metade do século XIX
Japan, 1st half of the 19th century
Assinado Tsuda Dou-sen, aprendiz de Kano Doushou, Escola Kanō
Papel e cor; madeira (estrutura) Madeira de criptoméria, tinta-da-china e aguarela sobre papel
Signed Tsuda Dou-sen, apprentice of Kano Doushou, Kanō School
Paper and color; wood (structure) Cryptomeria wood, China ink and watercolor on paper
139 x275 x 1,5 cm
Museu do Oriente, Inv. FO/1818
Fotografia / Photography © Renascimento – Avaliações e Leilões S.A.

Ver também:
[Biombo de seis folhas com representação dos Portugueses](#)

Este biombo representa a chegada de Portugueses a um porto japonês. Tanto a tripulação do navio, como as mercadorias desembarcadas, tinham sido objecto de curiosidade no Japão ao longo dos anos, onde eram vistos como pessoas e bens exóticos. No final do século XVI, as elites mercantil e guerreira japonesas começaram a encomendar a pintores da escola Kanō composições que registassem a entrada no Japão destas gentes, tema que foi retomado no século XIX.

This folding screen depicts the arrival of the Portuguese to a Japanese port. Both the ship’s crew and the landed goods had been the subject of curiosity in Japan over the years, where they were seen as exotic people and goods. At the end of the sixteenth-century Japanese merchant and warrior elites began to commission the Kanō school of painters to record the entry into Japan of these people, a theme that was retaken in the nineteenth century.





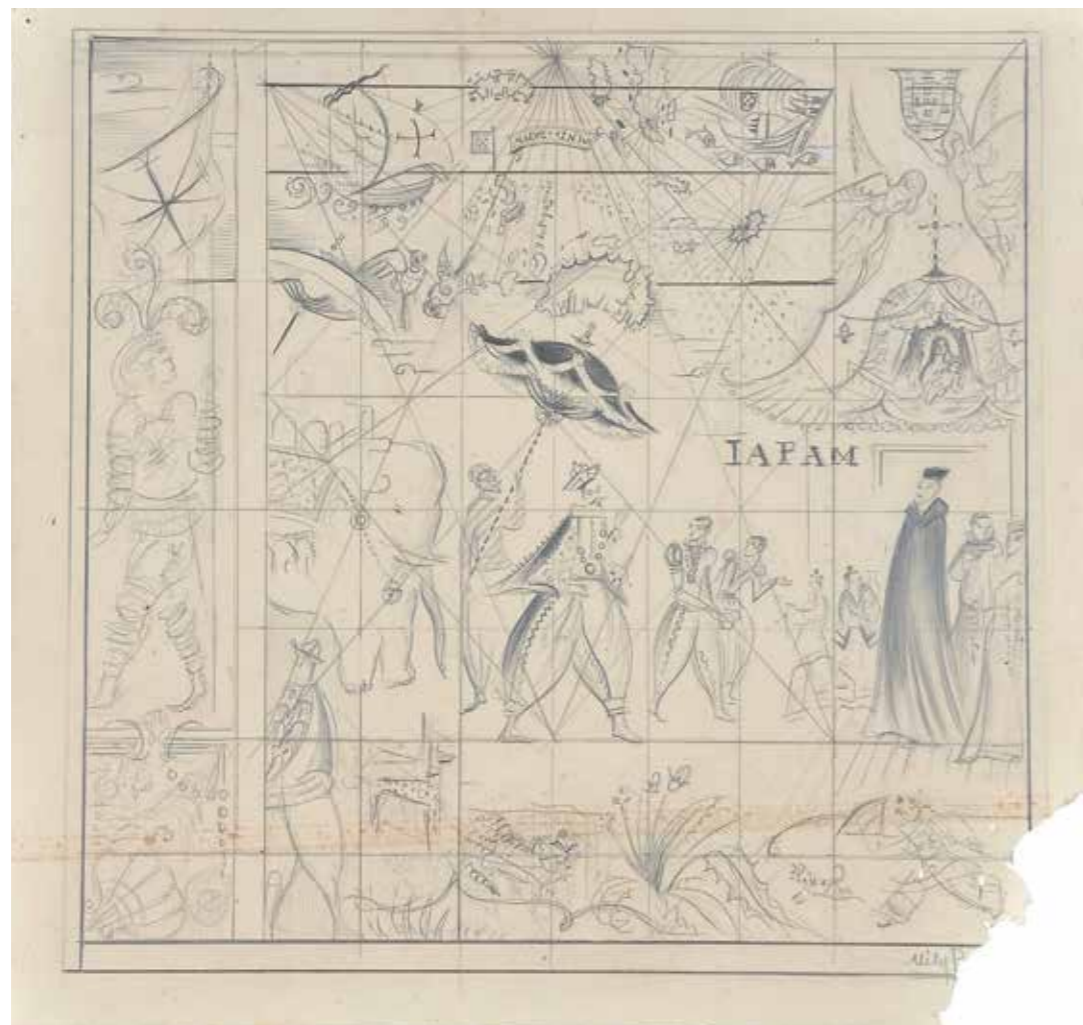
La première Ambassade du Japon en Europe: 1582-1592, dirg. e anotado por J. A. Abranches Pinto, Yoshitomo Okamoto, Henri Bernard S.J., Tokyo: Sophia University, 1942.
27 cm
Biblioteca Nacional de Portugal, C.G. 16441 V.

Demonstração de tiro pelos Portugueses em Tanegashima Hokusai manga, vol.6, p.25
Demonstration of shooting by the Portuguese in Tanegashima Hokusai manga, vol.6, p.25
Japão / Japan, Katsushika Hokusai (1760-1849)
Gravura em madeira, sumi-e
Wood engraving, sumi-e
Coleção / Collection Paul Hugo Thiran
Fotografia / Photography © Luisa Oliveira ADF/DGPC

Os 15 livros que Hokusai publicou a partir de 1814 são uma obra didática composta por desenhos (*manga* significa «desenho excêntrico») espontâneos e criativos, formando uma enciclopédia visual sobre o homem e a natureza. Momentos da vida quotidiana, mesmo de um tempo passado, adquirem a qualidade de "instantâneos do real", como é o caso desta imagem cuja legenda refere: «No quinto dia do oitavo mês do décimo primeiro ano da era Tenbun (5 de Agosto de 1543), ano da Lebre / Na província de Osumi, em Tanegashima, eles (os portugueses) que foram levados pelas correntes de água».

The 15 books that Hokusai published since 1814 are a didactic work composed of spontaneous and creative drawings (*manga* means "eccentric drawing"), forming a visual encyclopedia on man and nature. Moments of everyday life, even of a past time, acquire the quality of "snapshots of the real", as is the case of this image whose legend says: "On the fifth day of the eighth month of the eleventh year of the Tenbun era (August 5 1543), year of the Hare / In the province of Osumi, in Tanegashima, they (the Portuguese) who were taken by the water currents".





Dois desenhos preparatórios para a sala dedicada ao Japão no Pavilhão dos Portugueses no Mundo, Exposição do Mundo Português, 1940.
Two preparatory drawings for the room dedicated to Japan in the Pavilion of the Portuguese in the World, Portuguese World Exhibition, 1940.

Mily Possoz (1888-1968)
 Grafite s/ papel / Graphite on paper
 39,7 x 42,2 cm; 36,4 x 39,5 cm
 Fundação Arpad Szenes / Vieira da Silva / Foundation,
 inv. AP009
 Fotografia / Photography © Arquivo FASVS

Mily Possoz iniciou a sua formação de pintura em Lisboa, continuando os estudos em Paris, onde viveu entre 1922 e 1937, Dusseldorf e Bruxelas. Artista do Primeiro Modernismo Português, o trabalho que fez para a sala do Japão na Exposição do Mundo Português alia a pintura e a ilustração e revela o seu percurso internacional. Em 1939-1940 não havia em nenhum museu nacional um biombo nanban em que a artista se pudesse ter inspirado para estas composições. Terá sido por via de fotografias e/ou de alguma exposição, que Milly teve conhecimento destas surpreendentes composições.



Mily Possoz began her painting training in Lisbon, continuing her studies in Paris, where she lived between 1922 and 1937, Dusseldorf and Brussels. Artist of the First Portuguese Modernism, the work she has done for the Japan Room at the Portuguese World Exhibition combines painting and illustration and reveals her international career. In 1939-1940 there was no nanban folding screens in any national museum that the artist could have inspired for these compositions. It would have been through photographs and/or some exhibition that Milly became aware of these startling compositions.



Exposição do Mundo Português (1940), Lisboa, Portugal

Pavilhão dos Portugueses no Mundo - Sala do Japão.

Arquitecto / Architect: Cottinelli Telmo (1897-1948).

Portuguese World Exhibition (1940), Lisbon, Portugal

Pavilion of the Portuguese in the World - Japan Room.

Localização: Praça do Império, Santa Maria de Belém, Lisboa.

Location: Praça do Império, Santa Maria de Belém, Lisbon.

As paredes da sala do Japão, da autoria da artista plástica de origem belga Mily Possoz (1888-1968) foram inspiradas nos biombos *nanban* com a representação da Nau do Trato e dos "Bárbaros do Sul".

The walls of the Japanese room, by the Belgian artist Mily Possoz (1888-1968), were inspired in the *nanban* folding-screens depicting the "Black ship" and the "Southern Barbarians".

Fotógrafo / Photographer: Mário Novais, 1926?-1985

Data aproximada da produção da fotografia original: 1940

Approximate date of the original photography: 1940

Col. Estúdio Mário Novais | FCG-Biblioteca de Arte e Arquivos



“Assombro” o projeto da exposição

AWE: the Exhibition Design

JOÃO HERDADE

Quando fui desafiado para elaborar este projeto expositivo, várias ideias me ocorreram. A primeira é que já tinha havido várias exposições sobre o encontro entre a cultura portuguesa e a japonesa, pelo que não seria fácil encontrar uma nova abordagem. A segunda seria como tornar, então, a exposição mais cativante e inclusiva, utilizando as (relativamente poucas) obras a expor, de modo a construir uma história que apelasse aos diferentes públicos e a criar sensações e experiências que mergulhassem o visitante nos diferentes ambientes retratados.

A palavra “assombro” pode ter significados diversos: grande pasmo ou espanto; susto, terror; maravilha, por tanto, entre vários outros.

O assombro, o espanto e a capacidade de maravilhamento suscitados entre os dois povos constituem, neste relacionamento entre Portugal e Japão, os traços em comum, porventura, os mais constantes e expressivos.

Como fazer o público experimentar, sentir, perceber esse “assombro”, verdadeiramente o mote para ler os objetos? Como traduzir essa experiência a partir de uma construção dos espaços e de ambientes que façam o visitante sentir, inapelavelmente, esse deslumbramento?

A conceção do espaço pretende que o visitante seja guiado através de um percurso, em que a história se vá desocultando, de surpresa em surpresa, numa viagem que começa em Portugal, recriando a rota da nau do trato, no século XVI, até ao Japão, invertendo-se depois o percurso, do Japão para Portugal, numa época mais recente, iniciada no reatar das relações diplomáticas entre os dois países.

A exposição desenvolve-se em 11 espaços criados na Galeria de Pintura do Rei D. Luís I, no Palácio Nacional da Ajuda, ocupando cerca de 380m².

Retrata esta a chegada dos portugueses ao Japão, a vida a bordo das naus, a presença das missões cristãs na sociedade japonesa, culminando com a expulsão dos jesuítas e, mais tarde, com a expulsão dos portugueses, que imprimiram, na prática dos “cristãos escondidos”, um legado que perdura até aos nossos dias.

A segunda parte da exposição ilustra o retomar das relações diplomáticas entre os dois países, traduzindo-se tanto no movimento orientalista na Europa, como no revivalismo da tradição *Namban* e a sua influência no gosto europeu dos séculos XIX e XX. Esta reciprocidade foi referência, ainda, na Exposição do Mundo Português, em 1940, e mais recentemente na Expo 98, com o filme “a viagem”, aqui também exibido.

Pretende-se que a visita apele aos diferentes sentidos, sendo que ao longo da exposição, para além dos objetos em exibição, existem peças que se pode tocar, sons e cheiros para experimentar, configurando uma experiência

When I was asked to create a design for this exhibition, several conflicting ideas came to mind. I was aware, for instance, that a fair few exhibitions on the encounter between Portuguese and Japanese cultures had already been held, which meant it would be a challenge to come up with a new approach. At the same time, I began to wonder how to make the exhibition more appealing and inclusive, using the relatively few works that were to be put on display to build a story where the visual elements draw you in but a wider range of sensations offers the visitor an immersive experience.

The word “awe” has multiple layers and meanings: amazement or stupefaction; shock and dread; wonder and admiration. In any case “awe” – that is to say, a sense of amazement and wonder – is perhaps the most enduring and marked feature of the longstanding relation between Portugal and Japan. How can one lead the public to experience the “awe” that has served as the lens through which these objects were assembled and interpreted? How could one translate this experience through a specific arrangement of the spaces and atmospheres so that the visitor can sense this awe?

The organising idea for the exhibition’s spatial design was precisely to guide the visitor through a suggested trajectory in which history unfolds as a succession of surprises. It is organised as a journey that begins in Portugal, recreating the route taken by the *Nau do Trato* as it sailed to Japan in the 16th century, and then makes its way back to Portugal, to a more recent period that begins with the restoration of diplomatic relations between the two countries, a moment when each of these two worlds is forced to confront the other’s difference and alluring strangeness.

The exhibition is divided into 11 different spaces created in King Dom Luís I’s Painting gallery (*Galeria de pintura*), in the Ajuda National Palace, occupying a total area of around 380 square meters.

The first part of the exhibition depicts the Portuguese arrival to Japan, life on board the carracks, the presence and role of the Christian missions in Japanese society, ending with the expulsion of the Jesuits and, later, of the Portuguese – who left behind them, in the “Hidden Christian” communities, a legacy that remains to this day.

The second part of the exhibition illustrates the renewal of diplomatic relations between the two countries, the revival of the *Namban* tradition and its impact on European taste in the 19th and 20th centuries, leading to the 1940 Portuguese World Exhibition and the Expo 98 world fair, through the screening of the film “The voyage”.

Our goal is for the visit to appeal to one’s various senses. With this in mind, throughout the exhibition space,

imersiva que se deseja estimulante e inesquecível.

Na primeira sala onde se faz a introdução à exposição, o visitante entra num ambiente intimista que prepara o olhar para um nível de iluminação mais reduzido. Nesse espaço sugere-se a chegada dos portugueses ao Japão através apontamentos gráficos, evocativos da cultura e paisagem japonesa, que marcaram o primeiro impacto e que irão ser descobertos pelo público ao longo da exposição.

A segunda sala retrata a viagem, assinalando o tempo da ligação entre as sucessivas etapas até à chegada ao Japão. Foram criados espaços de contraste entre o conhecimento do Mundo, pelo olhar europeu, e o isolamento da sociedade japonesa do séc. XVI.

Na quarta sala relata-se a vida a bordo da nau do trato: o odor do cordame em sisal, que o visitante pode cheirar e o do “tatami” – tapete japonês – que o público pode cheirar, ver e tocar.

Na museografia, até pela fragilidade de muitos dos objetos, procura-se que a luz tenha uma presença reduzida e discreta, acentuando-se, por isso, a atenção para os objetos expostos em vitrinas. A cor do fundo sugere o mar e o céu, elementos omnipresentes na longuíssima viagem.

Na sala seguinte, introduz-se o tema “Missão cristã” como elemento dominante do encontro e do contraste das culturas e dos poderes. A cor do sol, vermelho, domina os fundos das vitrinas.

A sala 6 apresenta uma projeção de imagens do livro sobre os mártires cristãos perseguidos no Japão. Para além das imagens e das descrições acentuadamente gráficas, ouve-se sons de orações, numa fusão de línguas, ainda hoje ditas.

Na segunda parte da exposição, assistimos ao reencontro e reatar das relações diplomáticas, sugeridas pela recriação da “sala chinesa”, do Palácio Nacional da Ajuda (PNA), onde estão expostos o tratado de paz entre os dois países e as listas de presentes trocados. O cenário sugere a visita ao espaço existente no Palácio.

Na sala 8, exhibe-se a peça mais icónica desta exposição: a armadura de samurai, aqui diante de uma paisagem etérea, envolvida no cricilar do grilo, som característico da paisagem japonesa.

A ligação com a próxima sala - a dos diplomatas - é feita por um corredor onde se revelam, pronunciam e aprendem as palavras levadas pelos portugueses para o Japão e as de lá trazidas, identificando-se as semelhanças da articulação vocálica e a respetiva transcrição em caracteres *kanji*.

Alguns objetos japoneses, pertencentes à coleção do PNA, estão disponíveis ao olhar e à fruição. Encontra-se,

besides the collection on display, there are pieces that can be touched, as well as a series of sounds and smells, creating an immersive experience that we hope will prove both exciting and memorable.

The first room where there is an introduction to the exhibition, the visitor enters a intimate ambiance that prepares the eye to a more subdued light. In that space the arrival of the Portuguese to Japan is suggested by graphic notes, evocative of Japanese culture and landscape, which marked the first impact and are going to be discovered by the public throughout the exhibition.

The second room shows the voyage of the Great Ship and marks the time between the various stopovers until the arrival in Japan. Contrasting spaces were created so as to illustrate the difference between the European knowledge of the World at the time, on the one hand, and the isolationism of 16th Japanese society, on the other.

The third room aims to offer a glimpse of life on board the *Nau do Trato*. Here the visitor can smell the sisal rope used at the time, as well as touch and smell a *tatami*, a Japanese rug that is suggestive of the scents and textures that awaited the Portuguese upon their arrival in Japan.

In museographical terms, bearing in mind that many of the objects are rather fragile, the ambient light is kept to a minimum, and focused on the objects in the display cases. The background colour evokes the sea and the sky that were a constant presence throughout this long journey.

The next room introduces the topic of the “Christian mission” as the dominant element of the encounter and clash between cultures and powers. The red of the sun dominates the background of the display cases.

Room 6 offers a projection of the images of the book on Christian martyrs persecuted and executed in Japan. Together with the images and descriptions, of a rather graphic nature, one hears the sound of Christian prayers in Japanese that have survived to this day.

The second part of the exhibition narrates the reunion and restoration of diplomatic relations, which is suggested through a recreation of the “Chinese room” of the Ajuda National Palace (PNA), where the Peace Treaty and the list of gifts between the two countries is exhibited. The backdrop is meant to suggest a visit to that specific space in the Palace.

The following room displays one of the focal points of this exhibition, the Samurai armour, which is shown against an ethereal landscape, while the soundscape is filled with the chirping sound of crickets, common in the Japanese countryside.

The connection with the next room, devoted to the diplomats, is through a corridor where visitors can hear

também, mesas com amostras de materiais, designadamente seda e madeira, disponíveis ao toque dos visitantes.

A sala dos diplomatas apresenta imagens sobre as vivências e observações de diplomatas portugueses no Japão.

A exposição termina, já de regresso ao século XX, com a recriação do ambiente do pavilhão do Japão na Exposição do Mundo Português, em 1940, cujo cenário teve por base os desenhos originais de Mily Possoz. Encerra com um biombo japonês, exemplar do revivalismo dessa tradição do século XIX, sublinhando a admiração (o assombro) com que o Japão recebeu o legado cultural de Portugal.

Na saída da exposição, pela Loja da Galeria, revisita-se, a gosto, através de algumas imagens, as principais peças expostas.

As vitrinas foram concebidas com o propósito de permitir a aproximação de frente por visitantes em cadeira de rodas. Fixou-se em 80cm a altura dos planos de exposição dos objetos para uma melhor observação das peças. A iluminação é feita indiretamente por fita de leds e projetores no teto das vitrinas, com variador de intensidade luminosa.

A cor e a iluminação têm a função essencial de suscitar ambientes que perpetuem no visitante a experiência de emoções para além do tempo da mostra.

O projeto da exposição foi desenvolvido com recurso à elaboração de um modelo 3d digital de toda a exposição, recorrendo ao software Google Sketchup 2016, em que se ensaiaram as diferentes soluções museográficas, incluindo “renderings”, com soluções de iluminação e propostas de tratamento gráfico dos espaços.

Muitas das simulações gráficas e “renderings” foram elaboradas por Lilian Manzenreiter, no âmbito do estágio no Departamento de Museus da DGPC, a qual assegurou a necessária pesquisa. Para os desenhos técnicos de projeto, recorreu-se a Autocad LT, como base para elaboração do caderno de encargos e medições.

Foi elaborada uma apresentação da exposição em *powerpoint* e produzido um filme com o percurso de visita em formato mp4.

and see the words the Portuguese brought to Japan and be made aware of the similarities in pronunciation while also learning their transcription into *kanji* characters on one of the walls.

Japanese porcelain pieces from the collection of the Ajuda Palace are on display here. Visitors can touch a replica, and a variety of materials and textures used in other pieces in the collection, such as silk or Japanese rosewood.

The diplomat room shows images on the life and surroundings of Portuguese diplomats in Japan.

The exhibition finishes back in the 20th century, with images that recreate the atmosphere of the Japanese pavilion in the 1940 Portuguese World Exhibition, with the original drawings by Mily Possoz, and finishes with a Japanese folding screen, an exemplary piece of the 19th century *Namban* revival, bringing to the fore the admiration (the awe) that still defines Japan’s perception of the Portuguese cultural legacy.

At the exhibition exit, through the Gallery shop, alongside the exhibition merchandise, there is a selection of images that will help to cement the memory of the main pieces seen throughout the exhibition.

The display cases were designed so that they have space underneath, allowing visitors using wheelchairs to draw close to the objects. The floor of the case is at a height of 80cm for optimal viewing by users with wheelchairs.

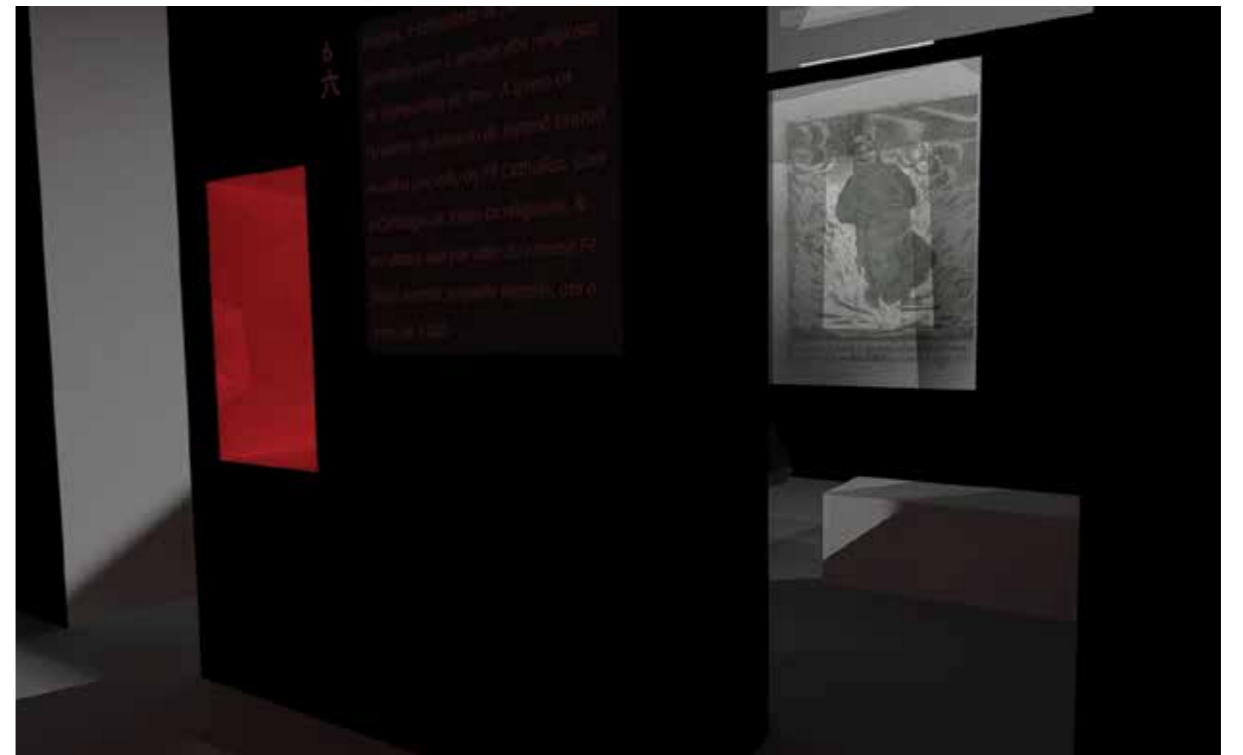
The lighting is indirect, by means of LED strip lights and projectors on the display case ceiling, with variable luminous intensity control. Colour and lighting play a key role in creating the atmosphere in the various rooms, triggering sensations and emotions that will outlast the visit to the exhibition.

The design project was developed by means of a 3D digital model of the entire exhibition, using Google Sketchup 2016 software, through which various museographic solutions were rehearsed, including renderings for different lighting designs and the graphic design of the exhibition spaces.

Many of the graphic simulations and renderings were made by Lilian Manzenreiter within the scope of an internship in the DGPC Museum Department. She also carried out reasearch for the exhibition.

Autocad LTE was used in the project’s technical drawings, which served as a basis for the tender specifications and measurements.

A powerpoint presentation of the exhibition was created, as well as an mp4 film illustrating the visitor’s route through the exhibition.



BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAPHY

O Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa, Portugal, sede do Arquivo Histórico Diplomático – Ministério dos Negócios Estrangeiros

FONTES MANUSCRITAS
E IMPRESSAS
MANUSCRIPT AND PRINTED SOURCES

Arquivo Histórico Diplomático – Ministério dos Negócios Estrangeiros (“O Reencontro”):

Caixa Documentos Diversos em Caracteres Japoneses.
Caixa Japão e Portugal 1860-1966.
Consulado Tóquio (1865-1926), Caixa 746.
Legação de Portugal na China e no Japão (1858-1882), Caixa 950.

Arquivo Histórico Diplomático – Ministério dos Negócios Estrangeiros (“O Japão no Palácio da Ajuda”):

Capilha Governo de Macau Ofs. N.º 1 a 12, 1862

Arquivo Histórico Diplomático – Ministério dos Negócios Estrangeiros (“Os Diplomatas”):

Alberto Franco Nogueira, *Os Portugueses no Japão*. Relatório anual referente ao ano de 1948, 1949.
Alberto Franco Nogueira, *Política do Oriente, Monografia apresentada ao concurso para conselheiros de Legação*, 1952.
Antero Carreira de Freitas, *Relatório Formas do Imperialismo Japonês*, 1943.
Antero Carreiro de Freitas, *Relatório O Japão e o Problema do Pacífico*, 1930.
Informações Políticas, 1937 a 1941. S11.1.E15. P1 69930
Legação de Portugal em Tóquio. 1937-1945. S11.1.E16.P1 69962.
Legação Tóquio (1903-1914), Caixa 298.
Legação Tóquio (1915-1932), Caixa 299.
Processo Individual de César de Sousa Mendes, S3 E23 P7 34285/34286.
Processo Individual de José Batalha de Freitas, S3 E24 P6 34346.
Valdemar Araújo, *Relatório sobre o caso da «Madre de Deus», navio afundado em 1610*, 1931.
Valdemar Fonseca de Araújo, *Relatório A Situação Política da Grã-Bretanha na Ásia*, 1934.
Virgílio Armando Martins, *Relatório Subsídios e sugestões para uma Nova Política Portuguesa* no Japão, 1953.

Archivum Romanum Societatis Iesu:

Jap.Sin 11-I, Carta de Alessandro Valignano a Claudio Aquaviva, Macau, 21 de Novembro de 1588.
Jap.Sin 52, Carta Ânua do Japão de Março de 1594 até Outubro de 1595.
Jap.Sin 161-II.

Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda (Apna):

8.6.1, *Inventário e avaliação dos bens que ficaram por falecimento de Sua majestade El rei e Senhor Dom Luíz*.
11.4.3-PT23, *Relatório do Conservador do Palácio Nacional da Ajuda enviado ao Chefe da repartição do Património da Direção Geral da fazenda Pública*, 1938.
Arrolamento do Paço da Ajuda, volume 7. P’’ n.º 214 a 220, 4 dez. 1911.

Arrolamento do Paço da Ajuda, 1911-1912.

Arrolamento do Paço da Ajuda, março de 1912; Z’’

Arrolamento do Paço da Ajuda, Y’’’11

Cx 4808 Docs da Alfândega: 1866, Maio.
Lista de compras efetuadas pela rainha em Turim, s.d.

Biblioteca da Ajuda:

Palácio da Ajuda - Sala Chinesa / NUNES, Henrique, [s.d., séc. XIX]. Avulso, prova em papel colada sobre cartão. Faz parte da pasta “Henrique Nunes: Palácio da Ajuda e Baixela Germain”.

IANTT / Arquivo Nacional Torre do Tombo, Arquivo Histórico Ministério das Finanças.

Casa Real, Cx. 4742, Doc. 131.

CARDIM, António Francisco, *Elogios E Ramalhete de Flores borrifado com o sangue dos Religiosos da Companhia de Jesu, a quem os tyrannos dos Imperio de Japão tirarão as vidas por odio da Fè Catholica. Com o Catalogo de todos os Religiosos, e seculares, que por odio da mesma Fè*

forão mortos naquelle Imperio atè o anno de 1640. Lisboa: Manuel Silva, 1650. Felipe de la Madre de Dios, Relacion Verdadera de vna carta, qve el P. Fr. Felipe de la Madre de Dios Prouincial absoluto de la prouincia de Castilla de los Descalços de N. P. S. Agustin, Castilla de los Descalços de N. P. S. Agustin, embiò al P. Fr. Bernardino de S. Idelfonso Prior deste Conuento de Nuestra Señora de Loreto de Granada, de los Martyres de la misma Orden, que ha padecido martyrio en el Iapon, por la fè Christo, Granada, Vicente Alvarez, 1633.

Diário de Lisboa, 20 outubro 1862, p. 2545, c.1-2.

Diário de Notícias, 29 de julho de 1865.

FRÓIS, P. Luís SJ, *Historia de Japam*. Ed. José Wicki SJ. 5 Vols. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1976-1984.

FRÓIS, P. Luís SJ, *Tratado em que se contém muito sucinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes entre a gente de Europa e esta província de Japão (...). Europa/ Japão. Um diálogo civilizacional no século XVI. Apresentação de José Manuel Garcia; Fixação de Texto e Notas por Rafaella D’Intino. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações das Descobrimentos Portugueses*, 1993.

Ilustração Portuguesa, 12 de setembro 1904.

A Revolução de Setembro, 21 de outubro de 1862, p. 2, c. 2.

SANDE, Duarte de, Diálogo sobre a *Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*. Prefácio, tradução do latim e comentário de Américo da Costa Ramalho. Macau: Fundação Oriente; Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

VIEIRA, Padre António, Vieira, *Obras Escolhidas*. Prefácio e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade. Vol.IX – *História do Futuro (II)*. Lisboa: Livraria Sá da Costa – Editora, 1953.

ESTUDOS

SECONDARY SOURCES

AA.VV. *Armadura Japonesa*, Instituto Português de Conservação e Restauro.

AA.VV. *Kazari, Decoration and Display in Japan 15th-19th Centuries*. London: The British Museum Press, 2002.

AA.VV *Voyages – Namban and Other Lacquers*, 27st September-27th November 2011. Lisboa: IMC/MNAA.

AA.VV, *Palácio Nacional da Ajuda*. Lisboa: IMC, 2009.

AA.VV, *Un Salon de thé pour l’impératrice Eugénie*. Paris: Réunion des Musées Nationaux – Grand Palais: 2012.

Arimura, Rie. “Nanban art and its globality: A case study of the New Spanish mural *The great martyrdom of Japan* in 1597”. *Historia y Sociedad* n.o 36 (2019).

Art of Armor – Samurai Armor from the Ann Gabriel Barbier-Muller Collection. Dallas: The Ann & Gabriel Muller Museum, 2011.

BEASLEY, W. G., *Japan Encounters the Barbarian: Japanese Travellers in America and Europe*. London: Yale University Press , 1995.

BOTSMAN, Daniel V., *Punishment and Power in the Making of Modern Japan*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

BOURDON, Léon, *La Compagnie de Jésus et le Japon 1547-1570. La Fondation de la mission japonaise par François Xavier (1547-1551) et les premiers résultats de la prédication chrétienne sous le supériorat de Cosme de Torres (1551-1570)*. Paris; Lisbonne: Centre Culturel Portugais de la Fondation Calouste Gulbenkian; Commission Nationale pour les Commémorations des Découvertes Portugaises, 1993.

BOXER, Charles R., *The Christian Century in Japan 1549-1650*. S.l.: Carcanet Press Limited, 1993.

BOXER, Charles R., *Fidalgos no Extremo Oriente. Factos e Lendas de Macau Antigo*. Lisboa: Fundação Oriente; Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1990.

BOXER, Charles R., *O Grande Navio de Amacau*. Lisboa: Fundação Oriente; Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1989.

BURKE, Peter, “How to Be a Counter-Reformation Saint” in *Religion and Society in Early Modern Europe 1500-1800*, Kaspar von Greyerz (Dir). London: German Historical Institute, 1984, pp.46-53.

The Cambridge History of Japan, Vol. V: The Ninteenth Century. Coord. Maurius Jansen. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

The Cambridge History of Japan, Vol VI: The Twentieth Century. Coord. Peter Duus.

Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

CATTANEO, Angelo, “Geographical Curiosities and Transformative Exchange in the Nanban Century (c. 1549-c. 1647)”, in *Études Épistémè* 26 (2014).

CATTANEO, Angelo, “*Japam*, 1585 circa (carta del Giappone con legende in portoghese)”, in Francesco Morena (Ed.), *Di linea e di colore. Il Giappone, le sue arti e l’incontro con l’Occidente*, Ligourn, Sillabe, 2012, pp.320-321.

CATTANEO, Angelo, “The Mutual Emplacement of Japan and Europe during the Nanban Century”, in Victoria Weston (Ed.), Portugal, *Jesuits, and Japan. Spiritual Beliefs and Earthly Goods*. Boston: McMullen Museum of Art, Boston College. Chicago: University of Chicago Press, 2013, pp.25-33.

CHANG, Ting, *Travel, Collecting and Museums of Asian Art in Nineteenth Century Paris*. Surrey: Ashgate, 2013.

COBBING, Andrew, *The Japanese Discovery of Victorian Britain*. Early Travel Encounters in the Far West. London: Routledge, 1998.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *O Cristianismo no Japão e o Bispado de D. Luís Cerqueira*. Dissertação de doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa. 2 vols. Lisboa, 1998.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *Portugal e o Japão. O Século Namban*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

COSTA, João Paulo; RODRIGUES, Damião;

OLIVEIRA, Pedro Aires, *História da Expansão e do Império Português*s. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2014.

CURVELO, Alexandra, “Arte e Cartografia na acção missionária e evangelizadora dos Jesuítas na China e Japão (Séculos XVI-XVII)”, in Jorge M. dos Santos Alves (Coord.), *Portugal e a China. Conferências nos Encontros de História Luso-Chinesa*. Lisboa: Fundação Oriente, 2001, pp. 89-103.

CURVELO, Alexandra, “Arte Nanban”. Francisco Contente Domingues (Dir.), *Dicionário da Expansão Portuguesa* (1415-1600). Lisboa: Círculo de Leitores, 2015, pp.124-129.

CURVELO, Alexandra, “Copy to Convert. Jesuit’s Missionary Artistic Practice in Japan”, in Rupert Cox (Ed.), *The Culture of Copying in Japan. Critical and historical perspectives*. London; New York: Routledge, 2008, pp. 111-127.

CURVELO, Alexandra, *Nuvens Douradas e Paisagens Habitadas. A Arte Namban e a sua circulação entre a Ásia e a América: Japão, China e Nova-Espanha (c.1550 – c.1700)*. Tese de Doutoramento em História da Arte, FCSH-UNL, 2008.

CURVELO, Alexandra, *Obras-primas dos Biombos Nanban. Portugal-Japão século XVII*. Paris: Éditions Chandeigne, 2015.

CURVELO, Alexandra; PINTO, Ana Fernandes, “O martírio de cristãos no Japão uma estratégia dos Tokugawa”, in *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Ano VIII, 2009/n.15, pp.147-159.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *O Cristianismo no Japão e o Bispado de D. Luís Cerqueira*. Dissertação de doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa. 2 vols. Lisboa, 1998.

COSTA, João Paulo Oliveira e, *Portugal e o Japão. O Século Namban*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

COSTA, João Paulo; RODRIGUES, Damião;

OLIVEIRA, Pedro Aires, *História da Expansão e do Império Português*s. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2014.

CURVELO, Alexandra, “Arte e Cartografia na acção missionária e evangelizadora dos Jesuítas na China e Japão (Séculos XVI-XVII)”, in Jorge M. dos Santos Alves (Coord.), *Portugal e a China. Conferências nos Encontros de História Luso-Chinesa*. Lisboa: Fundação Oriente, 2001, pp. 89-103.

CURVELO, Alexandra, “Arte Nanban”. Francisco Contente Domingues (Dir.), *Dicionário da Expansão Portuguesa* (1415-1600). Lisboa: Círculo de Leitores, 2015, pp.124-129.

CURVELO, Alexandra, “Copy to Convert. Jesuit’s Missionary Artistic Practice in Japan”, in Rupert Cox (Ed.), *The Culture of Copying in Japan. Critical and historical perspectives*. London; New York: Routledge, 2008, pp. 111-127.

CURVELO, Alexandra, *Nuvens Douradas e Paisagens Habitadas. A Arte Namban e a sua circulação entre a Ásia e a América: Japão, China e Nova-Espanha (c.1550 – c.1700)*. Tese de Doutoramento em História da Arte, FCSH-UNL, 2008.

CURVELO, Alexandra, *Obras-primas dos Biombos Nanban. Portugal-Japão século XVII*. Paris: Éditions Chandeigne, 2015.

CURVELO, Alexandra; PINTO, Ana Fernandes, “O martírio de cristãos no Japão uma estratégia dos Tokugawa”, in *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Ano VIII, 2009/n.15, pp.147-159.

D’ORTIA, Linda Zampol, *The Cape of the Devil. Salvation in the Japanese Jesuit Mission Under Francisco Cabral (1570-1579)*. Thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy, University of Otago, 2016.

ELKINS, James, *Is Art History Global?* New York: Routledge, 2006.

ELISONAS, Jurgis [ELISON, Georg], “Christianity and the Daimyo”, in *The Cambridge History of Japan*, Vol. IV: *Early Modern Japan*. Coord. John Whitney Hall. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, pp.301-372. [1ª ed. 1991]

ELISON, Georg [ELISONAS, Jurgis], *Deus Destroyed: The Image of Christianity in Early Modern Japan*. 3ª ed., Cambridge; London: Harvard University Press, 1991. [1ª. ed. 1973]

FERNANDES, Luís Esteves, *De Pequim a Washington. Memórias de um Diplomata Português*. Lisboa: Prefácio, 2007.

FERREIRA, Luis Gonzaga, *Wenceslau de Moraes o Diplomata*. Pedro Barreiros (Prefácio). Lisboa: Instituto Camões – Nova Veja, 2004.

FIGUEIREDO, José de, *Pavilhão de Portugal em Sevilha. Catálogo da exposição cultural da época dos Descobrimentos*. [s.l.: s.n.], 1929.

GARCIA, João Carlos (Ed.), *Atlas Universal de Fernão Vaz Dourado*, 1571. Barcelona: Moleiro Editor, S.A., 2013.

GIRARD, Frédéric, “Collèges jésuites dans le Japon des XVIe et XVIIe siècles”, in Centre et Périphérie, Approches nouvelles des orientalistes. Actes du Colloque organisé par l’Institut du Proche-Orient Ancien et du Collège de France, la Société Asiatique et le CNRS les 31 mai et 1er juin 2006. Paris : Collège de France, 2009, pp. 371-394. [Cahiers de l’Institut du Proche-Orient du Collège de France, I, Librairie d’Amérique et d’Orient, Jean Maisonneuve]

GORDON, Andrew, *A Modern History of Japan. From Tokugawa Times to the Present*. New York; Oxford: Harvard University Press, 2003.

GREGORY, Brad G., *Salvation at Stake. Christian Martyrdom in Early Modern Europe*. Cambridge-London: Harvard University Press, 1999.

HARRINGTON, Ann M., *Japan’s Hidden Christians*. Chicago: Loyola University Press, 1993.

HESSELINK, Reiner H., *The Dream of Christian Nagasaki: World Trade and the Clash of Cultures, 1560-1640*.

HSIA, Ronnie Pochia, “From Buddhist Garb to Literati Silk: Costume and Identity of the Jesuit Missionary”, in *Religious Ceremonials and Images: Power and Social Meaning (1400-1750)*. José Pedro Paiva (Ed.), Coimbra: Palimage Editores, 2002, pp.149-53.

IMPEY, Oliver; JÖRG, Christiaan J. A, *Japanese Export Lacquer*. Amsterdam: Hotei Publishing, 2005.

IKUYA, Takamor, HUFFMANN, Jeff, *Family Crests of Japan*, Stone Bridge Press, Berlerley, California.

JACKSON, Anna, “Visual responses: depicting Europeans in East Asia”, in Encounters. *The Meeting of Asia and Europe 1500-1800*. Ed. Anna Jackson & Amin Jaffer. S.l.: V&A Publications, 2004, pp.200-217. [Catálogo de Exposição]

KAMSTRA, J. H. “Kakure Kirishitan: The Hidden or Secret Christians of Nagasaki”, in *Nederlands Theologisch Tijdschrift*, Vol. 47, 2, 1993, pp.139-150.

KARROW, Robert, “Centers of map publishing in Europe, 1472-1600”, in David Woodward (Ed.), *The History of Cartography*, vol. III, 1, *Cartography in the European Renaissance*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

KOIZUMI, Kazuko, *Traditional Japanese Furniture. A definitive Guide*. Tokyo: Kodansha International, 1986.

KOTANI, Noriko, *Studies in Jesuit Art in Japan*. Volume I, Dissertation presented to the Faculty of Princeton University in candidacy for the degree of Doctor of Philosophy, Department of Art and Archaeology, June 2010.

LEITÃO, Ana Maria Ramalho Proserpio, *Do Trato Português no Japão presenças que se cruzam (1543-1639)*. Dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, 1994.

LÓPEZ GAY, Jesús SJ, *La Liturgia en la Misión del Japón del Siglo XVI*. Roma: Libreria dell’Università Gregoriana, 1970. (Studia Missionalia. Documenta et Opera, 4)

LOUREIRO, Rui Manuel, “Navios, Mercadorias e Embalagens na Rota Macau-Nagasáqui”, in *Revista de Cultura*, n.º 24 (Outubro 2007): *Arte e Comércio: Macau, China, Europa / Arts and Trade: Macao, China, Europe*. Macau: Instituto Cultural do Governo da RAE de Macau, pp.33-51.

MAGALHÃES, João Calvet de, *A Diplomacia Pura*. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996.

MARQUES, Alfredo Pinheiro, *A Cartografia Portuguesa do Japão (séculos XVI-XVII)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

MARTINEZ, Pedro Soares, *História Diplomática de Portugal*. 3ª ed. Coimbra: Almedina, 2010.

MARTINS, Armando, *Portugal e o Japão*. Lisboa: Agência Geral de Ultramar, 1955.

MARYKS, Robert A. (Ed.), *Exploring Jesuit Distinctiveness: Interdisciplinary Perspectives on Ways of Proceeding within the Society of Jesus*. Leiden; Boston: Brill, 2016.

MENDES, César de Sousa, *Política Japonesa – Imperialismo e Democracia*. Coimbra: Coimbra Editora, 1922.

MENDES, David, *O restabelecimento das relações diplomáticas Portugal-Japão (1858-1861)*. Ed. Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Revista Negócios Estrangeiros. Lisboa: 2011.

MORAES, Wenceslau, *Cartas do Japão*. 3 tomos. Lisboa, Portugal-Brasil, [1928]

MORAN, Joseph F., *The Japanese and the Jesuits: Alessandro Valignano in Sixteenth-Century Japan*. London; New York: Routledge, 1993.

NOSCO, Peter “Early Modernity and the State’s Policies toward Christianity” in *Bulletin of Portuguese Japanese Studies*, 7, (2003), pp.7-21.

O’MALLEY, John W., *The First Jesuits*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

ÔHASHI Yukihiko, “Orthodoxie, hétérodoxie et Kirishitan: maintien del’ordre et prohibition du Christianismo dans le Japon moderne”, in *Histoire & Missions Chrésiennes*, nº 11, Septembre 2009, pp.131-160.

OLIVEIRA, Celina Veiga de, “Goa-Macau: Elos de Ligação”, in *Revista de Cultura*. Macau: Edição do Instituto Cultural de Macau. Nº15, Julho/Setembro 1991, pp.88-93.

PACHECO, Diego SJ, *A Fundação do Porto de Nagasaqui e a sua cedência à Sociedade de Jesus*. Macau: Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1989.

PARAMORE, Kiri, *Ideology and Christianity in Japan*. Nova York: Routledge, 2009.

PEREZ, Louis G., “Revision of the Unequal Treaties and abolition and extraterritoriality”, in *New Directions in the Study of Japan Meiji (online) / Journal of Asian History*, vol 25, nº 1, July, 1991.

Pictorial Record of Kobe City Museum of Namban Art. 5 Vols. Kobe: Kobe City Museum, 1968-1972.

PINTO, Ana Fernandes, «Tragédia mais Gloriosa que Dolorosa». *O Discurso Missionário sobre a Perseguição aos Cristãos no Regime Tokugawa na Imprensa Europeia* (1598-1650). Tese de Doutoramento em História, FCSH-UNL, 2014.

PINTO, Carla Cristina Alferes Salgado da Silva, *A Coleção de Arte Colonial do Patriarcado de Lisboa. Proposta de Estudo e Musealização*. Tese de Douto-ramento em História da Arte, FCSH-NOVA, 2014.

RAMOS, Martin Nogueira, *Les Persecutions contre le Christianisme sous Inoue Masashige (1640-1658) el la Debacle de Kori (1657-1658)*. Dissertação de Mestrado em Langues et Civilisations de l’Asie Orientale, Universidade Paris-Diderot, 2008.

REGO, António da Silva, *O Padroado Português do Oriente. Esboço Histórico*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1940.

REGO, António da Silva, *O Padroado Português no Oriente e a sua historiografia (1838-1950)*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1978. (Subsídios para a História Portuguesa; 15).

Relações entre Portugueses e Japoneses. Boletim da sociedade Luso-Japonesa, nº 1, Tóquio, 1929.

RIBEIRO, Madalena Teotónio Pereira Bourbon, *A Nobreza Cristã de Kyūshū. Redes de Parentesco e Acção Jesuítica*. Dissertação de Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (séculos XV-XVIII), FCSH-UNL, 2006.

SADAO, Tsuneko S.; WADA, Stephanie, *Discovering the Arts of Japan: A Historical Overview*. New York; London: Abbeville Press Publishers, 2010.

SALDANHA, António, *O Tratado Impossível. Um exercício de Diplomacia Luso-Chinesa num Contexto Internacional em Mudança, 1842-1887*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros – Instituto Diplomático, 2006.

SANTOS, José Miguel Duarte Leite Pinto dos, *A Study in Cross-cultural Transmission of Natural Philosophy the Kenkon Bensetsu*. Doutoramento em História, FCSH-UNL, 2012.

SCHMIDT, Petra, *Capital Punishment in Japan*. Leiden-Boston-Colónia: Brill, 2001.

SCHÜTTE, Josef F., “Ignacio Moreira of Lisbon, Cartographer in Japan 1590-1592”, in *Imago Mundi*, 16, 1962, pp.116-128.

SIGUR, Hannah, *The influence of Japanese Art on Design*. Salt Lake City, Utah: Gibbs Smith, 2008.

SOUSA, Maria da Conceição Borges de, “The namban collection at the Museu Nacional de Arte Antiga. The contribution of Maria Helena Mendes Pinto”. Bulletin of Portuguese-Japanese Studies, 2006, 12, pp.57-77.

STANLEY-BAKER, Joan, *Japanese Art*. London: Thames and Hudson, 2013.

TAVARES, Maria José, “A Diplomatic Gift from Japan and the creation of the Chinese Room in the Palácio Nacional da Ajuda”, in *The Ambassadors of Dialogue – The Role pf Diplomatic Gifts and Works of Arts and Crafts in Intercultural Exchange*, Dir. Michał Dziewulski e Beata Biedrońska-Slota, Krakow: National Museum, 2016, pp.165-180.

TELO, António, *Portugal na Segunda Guerra*. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1987.

ÜÇERLER, “Alessandro Valignano: man, missionary, and writer”, in *Renaissance Studies*, Vol.17, N.º 3, September 2003. Special Issue: *Asian Travel in the Renaissance*, pp.337-366.

UNNO, Kazukata, “Cartography in Japan”, in John Brian Harley and David Woodward (Eds.), *The History of Cartography*, Vol. 2, Book 2: *Cartography in the Traditional East and Southeast Asian Societies*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994, pp.346-477.

URBANO, Carlota Miranda, «Martírio e identidade no advento da Europa Moderna. Narrativa, memória colectiva e consciência europeia», in N. Soares e L. Moreda (Ed.), *Génese e Consolidação da Ideia de Europa – Idade Média e Renascimento*, IV. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2009.

URBANO, Carlota Miranda, *Santos e Heróis. A Épica Hagiográfica Novilatina e o Poema «Paciedos» (1640) de Bartolomeu Pereira*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras de Coimbra, 2004.

VIEIRA, Ana Sara, *O Regresso de Portugal ao Japão a Representação Diplomática Portuguesa em Solo Nipónico: 1860-1926*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, 2011.

VITERBO, Sousa, “Arte indo-portugueza. Fundidores de artilharia”, in *Serões. Revista Mensal Ilustrada*. vol.II. Lisboa: s.n., 1902, pp.139-145.

VLAM, Grace, “The Portrait of S. Francis Xavier in Kobe”. *Zeitschrift fur Kunstgeschichte*, 42 Bd., H. 1. (1979), pp.48-60.

VU THANH, Hélène, “‘Il nous faut acquérir de l’autorité sur les Japonais’. Le problème de l’adaptation de la hiérarchie jésuite aux conditions religieuses et sociales japonaises”, in *Revue d’Histoire ecclésiastique* 106, no. 3/4 (2011): pp.471-96.

WOODWARD, David, *Maps as prints in the Italian Renaissance. Makers, Distributors & Consumers*. London: British Library, 1996.

EXPOSIÇÃO

EXHIBITION

Organização / Organization

Palácio Nacional da Ajuda – Direção Geral do Património Cultural
Instituto Diplomático – Ministério dos Negócios Estrangeiros

Coordenação / Coordination

José Alberto Ribeiro

Comissariado Científico

Scientific Curatorship

Ana Fernandes Pinto
Alexandra Curvelo

Comissariado Executivo

Executive Curatorship

Ana Fernandes Pinto
Alexandra Curvelo
Maria José Gaivão de Tavares
Apoio/ *Support*::
Maria João Burnay
Patrícia Casadinho
(Estagiária FCSH/UNL)

Projeto Museográfico

Museography Project

João Herdade
Lilian Manzenreiter

Design Gráfico / Graphic Design

Sónia Teixeira Pinto

Conservação e Restauro

Conservation and Restoration

Laboratório Jose de Figueiredo

Coordenação / Coordination

Gabriela Carvalho

Conservação e Restauro

Conservation and Restoration

Têxteis / *Textiles*:

Paula Monteiro
Luis Pedro
Paula Cruz
Elsa Lopes
Teresa Félix
Filomena Mira
Rita Correia (Colaboradora externa / *External collaborator*)

Metais / *Metals*:

Belmira Maduro
Magdalena Treml (Estagiária / *Trainee* da University of Applied Arts Vienna)

Papel / *Paper*:

Ana Magalhães
Francisca Figueira
Joana Campelo

Mobiliário / *Furniture*:

Margarida Cavaco
Débora Sarmento (Colaboradora externa)
Francisca Alberty

Laboratório Analítico /

Analytical Laboratory:

Ana Filipa Machado
José Carlos Frade
Lília Esteves

Laboratório Hercules /

Universidade Évora:

António Candeias
Sara Valadas

Fotografia / Photography

Arquivo de Documentação Fotográfica

Coordenação / *Coordination*:

Alexandra Encarnação

Fotógrafos / *Photographers*:

Luisa Oliveira, José Paulo Ruas
Inventariação / *Inventory*: Tânia Olim,
Tratamento de imagem / *Image processing*:
Pedro Barros

Montagem / Display

Alexandra Curvelo
Ana Fernandes Pinto
Cristina Pinto Basto
Filomena Mira
Ludovina Leitão
Luis Pedro (LJF)
Manuela Santana
Margarida Cavaco (LJF)
Maria João Burnay
Maria José Gaivão de Tavares
Patrícia Casadinho
(Estagiária / *Trainee* FCSH/UNL)
Paula Monteiro (LJF)

Execução do Projeto Museográfico

Execution of the Exhibition Design

ZX Construções

Transportes / Transport

Rangel Logistic Solutions

Seguros / Insurance

Lusitânia Seguros

Entidades Emprestadoras

Lenders to the Exhibition

Arquivo Histórico Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros
Biblioteca da Ajuda / Palácio Nacional da Ajuda / Direção Geral do Património Cultural
Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian

Biblioteca Nacional de Portugal

Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves/

Direção Geral do Património Cultural

Fundação Árpád Szenes-Vieira da Silva

Hirado City Ikitsuki Folk Museum

Shima-No-Yakata

Jorge Welsh Works of Art, Lisbon/London

Museu de Artes Decorativas Portuguesas /

Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva

Museu do Oriente / Fundação do Oriente

Museu Nacional de Arte Antiga /

Direção Geral do Património Cultural

Museu Nacional de História Natural

e da Ciência da Universidade de Lisboa

Museu Nacional do Azulejo / Direção Geral

do Património Cultural

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa/

Museu de S. Roque

Hugo Paul Thiran e Maria TeresaThiran

Mecenas / Sponsorship

Fujitsu Technology Solutions (Portugal)

Apoio / Support

Japan Foundation

Lusitânia Seguros



CATÁLOGO

CATALOGUE

Coordenação Geral

Overall Coordination

José Alberto Ribeiro

Coordenação Científica e Editorial

Scientific and Editorial Coordination

Ana Fernandes Pinto

Alexandra Curvelo

Maria José Gaivão de Tavares

Apoio / *Support*: Patrícia Casadinho

(Estagiária FCSH/UNL)

Textos / Texts

Alexandra Curvelo

Ana Fernandes Pinto

Maria José Gaivão de Tavares

João Herdade

Design Gráfico / Graphic Design

Sónia Teixeira Pinto

Tradução / Translation

Miguel Cardoso (exceto tabelas das peças / *except object labels*)

Revisão / Revision

Ana Madureira (português)

Alexandra Curvelo (inglês)

Fotografia / Photography ©

Arquivo VERITAS Art Auctioneers

Escola Profissional de Imagem (EPI)

Hans Rupp

Hirado City Ikitsuki Folk Museum

Shima-No-Yakata

Jorge Welsh Works of Art, Lisbon/London

José Manuel Costa Alves / Fundação Oriente

Luísa Oliveira, José Paulo Ruas, Henrique

Ruas, José Pessoa - Arquivo Documentação

Fotográfica / Direção Geral do Património

Cultural

Maria Pedro Fonseca

Museu de Artes Decorativas Portuguesas /

Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva

Museu de S. Roque / Santa Casa

da Misericórdia de Lisboa

Museu Nacional de História Natural

e da Ciência / Universidade de Lisboa

Pedro Lobo

Thales Leite

Impressão e Acabamento

Printing and Finishing

lojadasmaquetas.pt

Depósito Legal

Legal Deposit

.....

ISBN

978-972-9496-27-1

Novembro / *November* 2018

AGRADECIMENTOS

ACKNOWLEDGEMENTS

Embaixador José de Freitas Ferraz;
Embaixada do Japão em Portugal - Sano Hiroaki e Shibata Michiko; Margarida Lages; Luc Taelman, John Wee Tom (Japanese Armor Society); Hitoshi Nagata (Association for the Research and Preservation of Japanese Helmets and Armors - NKHKBK); Koji Kobayashi (National Research Institute for Cultural Properties, Tokyo), Gregory Irvine (Asian Department Victoria & Albert Museum) Tom Balazs Lencz; Kosuke Goto; Ulrike Korber; Rita Dargent (Museu Nacional dos Coches); Câmara Municipal de Torre de Moncorvo; Tinka Delakorda Kawashima; Yuko Kaze; Veritas Art Auctioneers; Ingrid Martins; Maria Teresa Thiran; Ana Horta Osório; Pedro Aguiar Branco; Álvaro Sequeira Pinto; Orion Klautau; Pedro de Freitas; Carlos Barros; Susana Soares

Abreviaturas / Abbreviations

ADF

Arquivo de Documentação Fotográfica

AHD

Arquivo Histórico Diplomático

DGPC

Direção Geral do Património Cultural

FAVS

Fundação Arpad Szenes / Vieira Da Silva

FCG

Fundação Calouste Gulbenkian

FO

Fundação Oriente

HCIFMS

Hirato City Ikitsuki Folk Museum

Shima-No-Yakata

JWWA

Jorge Welsh Works of Art

MNE

Ministério dos Negócios Estrangeiros

MSR

Museu de São Roque

PNA

Palácio Nacional da Ajuda

SCM

Santa Casa da Misericórdia De Lisboa

Acordo Ortográfico

Orthographic Agreement

A opção da utilização do acordo ortográfico

é da responsabilidade dos respetivos autores.

The option of using the Orthographic Agreement is the authors' responsibility.

Imagem Capa / Cover image

Máscara para cavalo / *Horse head costume mask*,

inv. PNA 43562

Fotografia / *Photography* Luísa Oliveira

ADF/DGPC

Imagem Contracapa / Cover backcover

Pormenor ombreira da armadura de Samurai

Spaulders' metal pin badge

inv. PNA 64848

Fotografia / *Photography* Luísa Oliveira

ADF/DGPC



MECENAS

APOIO



